

MÁRIO MAESTRI

**MINHA PARTICIPAÇÃO
NA RESISTÊNCIA ARMADA
AO GOLPE DE ESTADO CHILENO
11 DE SETEMBRO DE 1973**

Edição em Português, Espanhol e Italiano



Mário Maestri

Minha Participação na Resistência Armada ao
Golpe de Estado Chileno
11 de setembro de 1973

Edição em Português, Espanhol e Italiano
Porto Alegre



Editora

2026

Copyright© do autor

Revisão

Florence Carboni

Nara Helena N. Machado

Design Gráfico

Sirlete Regina da Silva

Capa

Gregório Carboni Maestri

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maestri, Mario

Minha participação na resistência armada ao golpe de estado chileno / Mario Maestri. --
Porto Alegre, RS : FCM Editora, 2026.

ISBN 978-65-87681-10-8

1. Chile - História - Golpe de Estado, 1973
2. Chile - Política e governo 3. Golpes de Estado
4. Resistência à opressão I. Título.

26-339862.0

CDD-320.983

Índices para catálogo sistemático:

1. Chile : Política e governo 320.983

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Sumário

Apresentação: Una historia personal que encarna la de muchos	7
Apresentação: Chile, 11 de setembro de 1973: “A morte no coração”	9
Uma Explicação Necessária	15
I. Minha participação na resistência armada ao golpe de 11 de setembro	21
II. Santiago, 11-12 de setembro: o armamento da revolução, a morte de Allende	30
III. Santiago, 12-13 de setembro: O refúgio evangélico. O prato de canja	37
IV. Santiago, talvez 13 ou 14 de setembro	47
V. Santiago, setembro de 1973: A desmobilização. Discos e livros queimados. Sem saída	54
VI. O Mercedes branco e dando vivas a Zapata	63
VII. A morte como prato frio e os salgadinhos como complemento	69
I. Mi participación en la resistencia armada al golpe del 11 de septiembre	77
II. Santiago 11-12 de septiembre: las armas de la revolución, la muerte de Allende	87
III. Santiago, 12-13 de septiembre: El refugio evangélico. El plato de cazuela	95
IV. Santiago, entre el 14 y el 16 de septiembre: Porotos con longaniza y gallo en el perchero	104

V. Santiago, septiembre de 1973: La desmovilización. Discos y libros quemados. Sin salida	111
VI. El Mercedes blanco y que ¡viva Zapata!	118
VII. La muerte como plato frío y los bocadillos como complemento..	125
I. La Mia Partecipazione Alla Resistenza Armata Al Colpo Di Stato Dell'undici Settembre '73 In Cile	133
II. Santiago: 11-12 settembre – le armi della rivoluzione – la morte di Allende	143
III. Santiago: 12-13 settembre. Il rifugio evangelico e il piatto di minestra.....	151
IV. Santiago: Dal 14 al 16 settembre: Fagioli e salsiccia e il gallo sul trespolo	159
V. Santiago: settembre 1973. La smobilitazione. Dischi e libri bruciati. Senza via d'uscita.....	166
VI. La Mercedes bianca e viva Zapata.....	174
VII. La morte come piatto freddo e gli stuzzichini come complemento	180

ANEXOS

A Revolução Chilena e o Golpe de Estado de 1973.....	187
O último churrasco em Santiago.....	209

Apresentação

Una historia personal que encarna la de muchos

*Jorge Magasich**

Una de las características esenciales del Gobierno de Salvador Allende es que fue un momento histórico en que gran parte de los desposeídos se implicaron en el proyecto transformador y adquirieron así una conciencia política excepcional. Más allá de los progresos materiales, que cuentan por supuesto, durante aquellos mil días estos viven la fascinante sensación de ser actores de la revolución en marcha, de incidir sobre el curso de la historia.

Es cierto que, las últimas semanas, la moral de “los de abajo” se vio mermada al ver a “su” Gobierno sobrepasado por la huelga insurreccional de la derecha y avalando el arresto de los marinos que se organizaban para oponerse al golpe inminente. Pero mantienen viva la disposición de defender al “Gobierno Popular”, que se expresa en la colosal manifestación del 4 de septiembre a la que concurre cerca del millón de personas.

Siete días después sobreviene aquel 11 de septiembre de 1973.

Las historias de lo acontecido suelen centrarse en las alocuciones de Salvador Allende desde el palacio asediado, sus célebres y emocionantes últimas palabras, su resistencia y su muerte.

Es menos conocida la gesta de otros que también resistieron, o intentaron hacerlo. Ese día muchos estuvieron

dispuestos a combatir, buscaron lugares de resistencia para unirse a ellas o, al menos, intentaron “hacer algo”.

Es ahí donde el relato del historiador Mario Maestri “*Mi participación en la resistencia armada al golpe del 11 de septiembre*” empalma con la vivencia de muchos. Con gran calidad literaria, comienza describiendo el compromiso con el proceso revolucionario chileno de uruguayos, brasileños y otros, que encontraron una tierra de asilo en el Chile de la Unidad Popular.

Lo esencial es cómo, durante tres días, junto a un grupo de jóvenes miristas, se desplaza por el sector sur de Santiago intentando combatir al golpe. Como toda historia tiene elementos particulares, pero su principal característica es que se asemeja a muchas otras, poco conocidas, de muchos compañeros que, casi sin medios y desprovistos de información, intentaron hacer algo.

Los mismos tres días y en el mismo sector de Santiago, viví algo similar. Un recuerdo imborrable es como en los barrios populares muchos no soltaban su receptor de radio, moviendo el dial y cambiando la frecuencia, con la esperanza de captar alguna radio que diera instrucciones sobre qué hacer, y cómo resistir.

Lo que significa que, además de la resistencia en el palacio de La Moneda, hubo sectores populares que intentaron “hacer algo” y más de alguno hizo algo semejante a lo que restituye este relato apasionante.

* Jorge Magasich, 73 años, chileno, historiador

Apresentação

Chile, 11 de setembro de 1973: “A morte no coração”

*Beluce Bellucci**

Fui exilado no Chile no mesmo período que Mário Maestri. E, como ele, participei, no momento do golpe, da resistência armada com um grupo de camponeses do *Consejo Provincial Campesino*, na província de Valdivia, no Sul do país, e acabei sendo deportado para a Argentina, depois de preso e torturado, sem, entretanto, que descobrissem minha verdadeira identidade.

Devo confessar que ao ler o seu texto me identifiquei política e emocionadamente com as dificuldades, angústias e decepções que ele brilhantemente nos apresenta.

Neste comentário quero destacar um ou dois aspectos levantados por Mário, que tiveram impactos de longo alcance para a esquerda, levando-a mesmo a um impasse na atual conjuntura. Embora, penso, ainda não totalmente digeridos por ela mesma. Mário indica a ponta do iceberg: “[...] com os anos fez-se silêncio sobre pelo o que se lutara, uma sociedade socialista” e “impôs-se a narrativa que a ditadura viera para golpear a ‘democracia’”. A defesa da democracia passou a ser a bandeira da esquerda, como se isto bastasse para sermos “felizes para sempre”.

O que estava em jogo naquele processo de lutas de classes nos anos 1970? O cerne do golpe nunca foi ditadura x democracia, mas sim capitalismo x socialismo. A atitude denunciada por Mário passou a ser crucial para a esquerda.

Não bastasse que a democracia saudada teria sido aquela restabelecida em 1990, em pleno domínio neoliberal.

Uma canção de Inti Illimani, sucesso em todo período da UP, já alertava: “*Porque esta vez no se trata de cambiar un presidente, será el pueblo que construya un Chile bien diferente*”. O povo chileno desejava o socialismo e não apenas mudar um presidente. As medidas da Unidade Popular, algumas de cunho reformador, assistencialista, mas fundamentais de serem tomadas; e outras transformadoras – como as nacionalizações – incomodavam a fundo a ordem capitalista. Da mesma forma que a organização e a mobilização das massas populares. Nas grandes manifestações, nas autogestões do abastecimento; ou como quando da greve nacional dos *camioneiros*. Era evidente a mobilização popular crescente na defesa do governo popular e na conscientização pelas transformações sociais. “*Este Gobierno es una mierda, pero es mi Gobierno*”, proclamava a população.

As classes dominantes também tinham ciência de que o que estava em jogo era a luta entre capitalismo e socialismo. O fascismo não pode ser considerado apenas um fenômeno histórico, mas uma possibilidade permanente do capitalismo. Os poderosos recorrem a um e outro modelo de governo sempre que seu poder econômico esteja em perigo. E naquele momento estava, e ainda contavam com o respaldo do grande capital internacional. “Como se a ‘via eleitoral chilena’ não fosse apenas uma estrada utópica para se alcançar e construir o socialismo no país, já que esperava e se propunha que o imperialismo e o grande capital ficariam imóveis, sem se servir das armas, para defender seus privilégios ameaçados.”

O próprio companheiro Allende se orgulhava do que Che lhe escrevera na dedicatória em seu livro *La Guerra de Guer-*

rillas que o presenteara: “A Salvador Allende, que por outros caminhos procura o mesmo.” Che referia-se à guerra de guerrilhas ou via eleitoral, mas ambos perseguindo o socialismo.

Porém, – e sempre há um: O que fazer? – Aqui entendido pelo lado do povo, o que quer dizer a Unidade Popular e os partidos à esquerda –, para garantir que os ganhos populares não fossem perdidos e assegurar a passagem de um governo popular para um governo socialista? Seria possível nos marcos da democracia quebrar a lógica da propriedade privada sem que os proprietários se levantassem? Como obter força militar popular que garantissem as transformações desejadas? Evidente que estas respostas não cabem no relato de Mário, porém ele aponta caminhos perdidos: “A naturalização da derrota apoiava a proposta de não haver responsabilidades na esquerda pelo desfecho trágico, praticamente sem resistência. E sem que nenhuma direção política na esquerda chamasse a população disposta à resistência.”

As instruções que não vieram para organizar a resistência no dia do golpe, não poderiam vir, já que, nem a UP, nem o MIR, prepararam ideológica, política e militarmente as massas para tal eventualidade. O MIR falava em guerra prolongada, é certo, mas sua capacidade de resistência concreta foi muito inadequada, e na prática a preparação se mostrou precária e não se converteu em política eficiente, mesmo que não vitoriosa.

Entretanto, o desastre da resistência militar do MIR, e de setores do PS e MAPU, se redime pelo exemplo, de coragem e abnegação de muitos de seus militantes que foram mortos, desaparecidos, presos, torturados, mas deixaram o legado da resistência necessária. A resistência foi praticamente inexistente por parte do povo chileno, sem preparação e orientação. A grande parte da UP não acreditava que

poderia haver golpe e, assim, não se preparou para enfrentá-lo, pese ter sofrido com as mesmas consequências.

Hoje, em 2026, com o retorno de um *pinochista* ao governo do Chile, a esquerda continua, como desde março de 1990, defendendo a democracia x ditadura. A perda do discurso socialista, “impondo-se a narrativa que a ditadura viera para golpear” a “democracia”, empareda a esquerda. Sendo o fascista eleito por eleições diretas, como se fica? Irá a esquerda defender a democracia e o quadro institucional ou lutar pelo socialismo? Isso, evidentemente, incomoda aos partidos de esquerda que lutam apenas pela democracia.

Agora vou me referir ao papel do Brasil no apoio ao Pinochet no golpe de Estado em 1973 e na perseguição aos exilados brasileiros no Chile. Foram necessários 50 anos para que um governo brasileiro reconhecesse tal participação. Apenas em 2023 isso se dará, quando cerca de 500 brasileiros que estiveram exilados no Chile entre 196-1973, organizados através de um grupo de WhatsApp Viva Chile!, entre os quais Mário, assinaram um Manifesto de agradecimento ao povo chileno pelo acolhimento. Cento e cinquenta destes foram a Santiago em caravana para eventos referentes à data.

Uma das atividades realizadas foi a instalação de uma placa na *Plaza Brasil* no centro de Santiago, e outra na embaixada do Brasil, que registra o agradecimento ao povo chileno pelo acolhimento aos refugiados brasileiros, e homenageia os seis brasileiros então assassinados ou desaparecidos pelos golpistas. A placa na embaixada reconhece a participação de agentes da ditadura brasileira na repressão aos brasileiros.

Na solenidade com autoridades chilenas e brasileiras, a prefeita de Santiago, os ministros da Justiça e o dos Direitos

Humanos do Brasil, o embaixador brasileiro em Santiago Paulo Roberto Soares Pacheco leu nota oficial em que reconhece, pela primeira vez, a participação ativa do governo brasileiro no golpe de 1973 e a perseguição aos exilados políticos brasileiros. Foi um reconhecimento do internacionalismo do capital com 50 anos de atraso.

Mário Maestri é um professor, historiador, analista político, escritor e um dos grandes intelectuais brasileiros e do continente latino-americano. É um intelectual no sentido marxista, que busca não apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo. Seu texto, fruto de esforço teórico, traz sua vida dedicada a ação nos movimentos populares, nos sindicatos, nas frentes econômicas, ideológicas, políticas, nas lutas de massas e armadas e nos partidos políticos. Pertence ao grupo dos intelectuais orgânicos. Sua bela e tardia narrativa sobre a sua participação na resistência armada ao golpe de Estado no Chile em 1973 – quando ainda éramos jovens –, é enriquecida pelos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, o que lhe permitiu aprofundar e indagar com o rigor necessário cada momento vivido, sem desconsiderar os perigos que isto pode representar. Como as armadilhas da memória que tece narrativas sincréticas entre histórias reais e ficcionais, vividas ou adquiridas que ao serem recuperadas passam a ser suas, e agora, também, nossas. Obrigado por trazê-las da memória para o registro histórico nesta edição em 3 idiomas, mesmo sabendo que ficamos com a “morte no coração”.

* Beluce Bellucci, 77 anos, brasileiro, economista

Uma Explicação Necessária

Mário Maestri

Memórias de meio século

Em 2020, aproximando-se o 11 de setembro, pediram-me um artigo sobre minhas recordações da Unidad Popular. Pretendia escrever algo rápido sobre o dia do golpe, o dramático 11 de setembro de 1973. O artigo que pretendia ser breve assumiu vida própria e seguiu adiante, sem pedir licença. Os textos que se sucederam começaram a ser publicados pelo companheiro Marco Weissheimer, na revista virtual Sul21, e, a seguir, em outros veículos. Terminaram sendo reproduzidos, em todo, em sete diversas mídias. Ao escrever, me servi, para confirmar lembranças, locais, datas, etc., das recordações de alguns companheiros que haviam vivido, comigo, os sucessos dramáticos relatados.

Consultei, entre outros, minha ex-cunhada, a companheira Nara Helena Naumann Machado, que vivia, então, comigo e com Sandra, em Santiago. Sobretudo, consultei meus companheiros de militância no Chile, a *flaca* Maria Isabel Aguirre e o *flaco* Jorge Magasich. Este último, colega no curso de História no Pedagógico, com memória de elefante, hoje, historiador radicado em Bruxelas, encontra-se envolvido na redação, em próxima conclusão, de uma monumental história geral da Unidad Popular, em seis volumes. Vive, no presente, imerso naquele passado. Havíamos militado, juntos, em Santiago, e nos três anos que seguiram ao golpe, no apoio à luta dos trabalhadores e da população chilena, em Bruxelas, Bélgica, onde nos refugiamos.

Maria Isabel, envolvida nessas recordações, que eram também suas, traduziu gentilmente ao espanhol o relato

que se alongara, que terminou publicado na edição virtual do *Clarín*, Chile, jornal histórico da esquerda chilena, em fins de setembro daquele ano, o que me foi de todo inesperado e de enorme satisfação. Meu filho, Gregório, exigiu a tradução ao italiano, feita pela minha companheira, Florence Carboni, italiana e linguista. Não pretendi levar adiante as lisonjeiras recomendações de companheiros e leitores chilenos, brasileiros e italianos de publicar em papel o relato que escrevi em um impulso.

Em 2023, cumpriu-se o cinquentenário do terrível golpe assentado aos trabalhadores e à população chilena, com sequelas mundiais difíceis de estimar. É quase impossível avaliar a eventual influência internacional de uma vitória da revolução no Chile, que esteve tão próxima, em um momento em que o imperialismo estadunidense, via-se de mãos amarradas, pois retirava-se derrotado e humilhado do Vietnã. Naquele então, os ventos revolucionários bafejavam ainda o mundo, apesar das duras derrotas no Brasil, em 1964, e da Indonésia, em 1965. Realidade que se desequilibrou, em fins dos anos 1980, dando lugar a uma verdadeira maré liberal, com a dissolução da URSS e restauração capitalista nos ditos países socialistas. O mundo abandonava uma Era Revolucionária para aprofundar-se nos tempos de contra-revolução permanente que vivemos ainda hoje.

* * *

Em setembro de 1973, em pleno golpe, depois dos sucessos que serão narrados a seguir, já refugiado na casa consular mexicana, escutei as primeiras propostas sobre a inevitabilidade da vitória do golpismo. Enquanto se escutavam ainda disparos esparsos em Santiago, sob a segurança da residência diplomática, defendia-se que a derrota estava desde sempre escrita nos astros, devido aos explorados terem pretendido ir além dos limites permitidos pelos exploradores. Posição conservadora que se expressara desde sempre no interior e fora da Unidad Popular. A naturalização da derrota apoiava a proposta

de a esquerda e da UP não terem responsabilidades pelo desfecho trágico, praticamente sem resistência. E sem que nenhuma direção política chilena chamasse a população disposta à resistência. Dias antes do golpe, em 4 de setembro, em torno de um milhão de chilenos marcharam em apoio ao governo da Unidade Popular.

Com os anos, fez-se silêncio que se lutava por uma sociedade socialista, e sobre o que se obtivera, durante os anos gloriosos da UP. Impôs-se a narrativa de que a ditadura viera para golpear a “democracia” e não uma luta da população e dos trabalhadores, em verdade, pelo poder e pelo socialismo. “Democracia” que, finalmente, teria sido restabelecida, em 11 de março de 1990, em pleno domínio do *tsunami* neoliberal mundial, com a eleição de Patricio Aylwin. O ciclo de esperanças, iniciado, em 1970, e encerrado, em setembro de 1973, era falsamente retomado com uma sequência de presidentes, eleitos *democraticamente*, que rejeitaram e contrapuseram-se às reivindicações e lutas populares avançadas durante a Unidade Popular. Em boa parte, completaram a obra econômica e social não concluída pelo pinochetismo. Algo que vivemos, igualmente no Brasil da dita “redemocratização”, em 1985, e nos governos *populares* que se sucederam aos de FHC, de Collor de Mello e ao golpe de 2016.

Esse movimento esforçava-se na promoção do soterramento da memória da resistência, quando da UP. E, a seguir, empreendeu o *embretamento* do forte impulso das lutas populares, concluído com a eleição de Gabriel Boric. Figura em todo estranha ao passado chileno de lutas, praticamente surgido do nada, como um coelho da cartola do mágico. Ele pretendia significar e promover, simbólica e materialmente, a superação modernizante que viraria a página, para sempre, da UP. Boric, nascido treze anos após o golpe, filho de família de classe média alta de origem croata, fez seus estudos básicos em escola em um dos estabelecimentos privados mais caros do Chile.

O programa defendido por Boric enfatizava a defesa dos animais, do meio ambiente, do feminismo, do LGBTQ+ e por aí vai, tudo e um viés pequeno-burguês *democrático*. Rejeitava as reivindicações históricas da população e da própria memória das jornadas dos anos 1970. Enterravam-se as propostas de nacionalização plena das minas de cobre, a elevação dos salários dos trabalhadores, a educação pública e gratuita nos três níveis, o restabelecimento das pensões públicas, o trabalho e moradia para as classes populares. Como jamais, a montanha da mobilização transbordante das classes populares pariu um rato vaidoso nascido em um ninho das ditas elites chilenas.

Fez-se, assim, um silêncio cada vez mais pesado, no Chile e através do mundo, sobre a luta das classes trabalhadoras, do campo e da cidade, com culminância, ed 1970 a 1973, para pôr fim à miséria e à exploração. Desconhecia-se que a “via eleitoral chilena” fora uma estrada utópica, que pretendia passar pelas eleições e pelas instituições, para alcançar e construir o socialismo no país. Proposta que esperava, propunha e inebriava as classes populares com a ilusão de que o imperialismo e o grande capital ficariam imóveis, sem se servir das armas, para defender seus privilégios ameaçados. Em 1970, havia apenas nove anos que Cuba se declarara socialista, através de uma vitória que destruíra a ordem burguesa, com a mobilização maciça da população e das armas.

Os governos que se seguiram ao pinochetismo, ditos de esquerda, de centro-esquerda e de direita, todos, abraçaram o neoliberalismo, promovendo as privatizações, a desindustrialização do país, sua financeirização, o endividamento da população para o consumo, etc. Chile foi apresentado, por décadas, como um sucesso e um exemplo mundial do resultado das políticas privatistas e do empreendedorismo. A partir de 18 de outubro de 2018, uma semi-insurreição popular, reprimida com dureza assassina sobretudo pelos

carabineros, registrou a tensão social e o surto abrupto de pobreza que golpeava um país onde as classes populares negavam-se a baixar a cabeça.

A desassistência, desemprego, miséria, desesperança etc. da população se expressaram em um surto avassalador da delinquência, que a grande mídia conservadora manipulou ao seu bel prazer. Para combatê-lo, o governo anti-popular de Boric, de costas voltadas para a grande população, propôs como solução o endurecimento da repressão e o fortalecimento de polícia militarizada. Em 2023, com a aprovação, da “Lei Naín-Retamal”, dita “do gatilho fácil”, apoiada pelo governo, os carabineiros voltaram a *policar* as ruas com as odiadas metralhadoras uzi israelenses, usadas contra populares indefesos, com ampla licença para matar, ao se *dizerem* ameaçados.

Após o governo de Boric, a vitória da extrema-direita, nas eleições presidenciais de 2025, foi o resultado praticamente esperado por uma dita esquerda chilena, que ao igual do vivido através do mundo, passou a fazer parte e locupletar-se com o jogo político e a administração do Estado burguês, ignorando as reivindicações e necessidades das classes populares e trabalhadoras e se esforçando para desorganizá-las, em todos os sentidos.

* * *

“Minha participação na resistência armada ao golpe de 11 de setembro” é apenas um relato das recordações, velhas de décadas, de como um estudante universitário e militante, de então 23 anos, viveu os últimos dias da Revolução Chilena, junto com companheiros e uma população chilena maravilhosa. Recordações de uma tentativa pessoal falhada, entre o dramático e o hilário, de resistir a uma derrota que teve, sim, responsáveis políticos. Tentativa que expres-

sou, na sua singularidade, uma infinita multiplicidade de outras, nas suas diversidades.

Aos relatos, publicados em português, espanhol e italiano, anexeí análise sintética geral sobre aqueles sucessos, que publiquei em meados dos anos 2010. O presente texto se conclui com uma pequena crônica, “Meu último churrasco em Santiago”, que apresentada, em 13/01/2012. Ele procurou registrar minhas lembranças, antes que elas se esfumaçassem, de acontecimento divertido, mas característico daqueles momentos em que a direita, a burguesia e o imperialista sabotavam a produção, ensejando grave desabastecimento da população em gêneros alimentícios.

Uma tarde compartilhada com meu querido camarada e tocaio, Mário, do qual jamais soube o nome de pia. Mário trabalhava na construção civil, e me convidara para churrasco que preparara com a pequena equipe de trabalhadores da construção civil que coordenava.

Mário chegara do interior, onde se ocupara em vinícolas. No final das nossas reuniões de célula do MIR, entregávamos para ele os poucos pesos que alcançávamos reunir, e ele partia para uma das “*botillerias*” populares próximas, de onde, após demorar-se, saía com vinhos estupendos, de baixo preço, que jamais bebia. Nunca lhe perguntamos por que era abstinente.

Tínhamos por ele grande respeito, já que, com, então, uns quarenta anos, era o mais velho e experiente militante de nosso núcleo. A ele e a todas e todos meus companheiros chilenos de militância e de esperanças defraudadas, vai dedicada essa publicação.

I.

Minha participação na resistência armada ao golpe de 11 de setembro

O título do texto é pomposo, mas a campanha foi decepcionante. Entretanto, acredito com o poeta que “nada é pequeno, quando a alma é grande”.

Em 9 de agosto de 1973, creio que pela manhã, em minha casa, na Calle *El Remanzo*, nas Torres de Macul, gueto de refugiados brasileiros, em Santiago, escutei estarecido Salvador Allende acusar a descoberta e a repressão de conspiração revolucionária entre os marinheiros chilenos, dirigida pela MIR, organização na qual eu militava. Enquanto fazia a denúncia pérfida, a rádio silenciou, com a explosão por direitistas de torre de transmissão.

Os suboficiais e marinheiros presos, sob ordens do governo, e torturados pela oficialidade, eram os dirigentes de amplíssimo movimento na marinha chilena em defesa do governo da UP. Particpei, ao lado de Jorge Magasich, meu colega de curso de História e de militância no MIR, de desmilinguida marcha chamada em defesa dos valentes marinheiros traídos por aquele e aqueles que pretendiam defender. Compreendi naquele momento que, com a acusação aos marinheiros revolucionários, a derrota, a mais provável resolução de confronto, era agora questão de semanas ou dias



Tanques em Santiago quando do Tancazo, fracassado golpe de Estado de 29 de Junho de 1973

Desde o *Tanquetazo*, fracasso golpista de 29 de junho de 1973, com a ocupação geral das fábricas, empresas, fazendas pelos trabalhadores através do país, o confronto militar se tornara saída incontornável para o acirramento extremo da luta de classe no país. Salvador Allende e a direção da UP tentavam conter o inevitável, com todas as formas de concessões, que apenas fortaleciam a direita e debilitavam e lançavam na confusão as forças populares. Allende permitiu que o exército golpista penetrasse em qualquer moradia para procurar armas da esquerda – os chamados *allenmentos*!

Após o *Tanquetazo*, consciente da proximidade do golpe, tomei duas grandes iniciativas. A primeira, foi um total sucesso. A segundo, pra lá de meia-canela.

Em acordo com minha então companheira Sandra, mandamos nossa filha, Marina, bebezinha, nascida em fevereiro daquele ano, para o Brasil. Decisão e separação de dilacerar o coração. Ela foi entregue aos meus pais, no Rio de Janeiro, pela solidária irmã carioca da Dora, que visitara Santiago e voltava para o Rio de Janeiro. Dora era companheira do querido amigo e companheiro João Heredia, sul-rio-grandense, falecido há alguns anos. Os dois eram ex-militantes da POLOP refugiados em Santiago.



Partida de Marina de Santiago para o Brasil

A segunda grande decisão foi me armar para o confronto. Não importa o que viesse, pretendia não arredar o pé, mas enfrentar o monstro *calçado*.

Um antigo amigo sul-rio-grandense, militante da esquerda militarista, andava oferecendo armas a torto e a direito. Vendeu-me uma Beretta, 6.35, lindíssima. Já era alguma coisa, se não fossem as quatro balas do carregador, uma

confiável, três enferrujadas. Meu *dealer* prometeu-me coisa melhor. E me explicou que estavam vendendo por maior preço para a direita, para descontar no preço das vendas para a esquerda.

Diante da minha surpresa, disse-me que, se ele não vendesse para a direita, outros venderiam. Não retruquei, para não desagradar o fornecedor. Sua trajetória posterior, como político, no Rio Grande do Sul foi, no mínimo, coerente, com sua estratégia de vendas, participou com destaque do governo de Antônio Britto [1995-1999]. Encurtando a história, me trouxe, dias mais tarde, um fuzil semiautomático de calibre 22, moderno, de cano curto, culatra dobrável, e um pente grande com vinte balas. Todas novas! Não era nenhuma AK-47, que eu nunca vira, mas não chegaria à festa de mãos abanando!

Ficamos sabendo do golpe pela manhã do dia 11. Corremos para o Pedagógico da Universidade de Chile, onde estudávamos, e havia farta militância mirista, com alguns dirigentes estudantis, com os quais estávamos bastante estranhados. Com Jorge e alguns outros poucos companheiros, defendíamos que o golpe seria confronto geral, terrível, em que se jogaria o tudo ou o nada, em dias, talvez em horas, como na Espanha. Nos chamavam pejorativamente de “insurrecionalistas”. A história nos deu totalmente razão! A direção do MIR, jovens universitários sem experiência política e suficientes, com os sonhos guerrilheiros normais da época, preparava-se para uma guerra “longa, dura e prolongada”, nas cidades, nos campos, nas cordilheiras, ao igual que em Cuba ou na China. Deu no que deu, como veremos.

A confusão era geral. As rádios eram silenciadas e passavam para as mãos dos golpistas. Allende transmitiu um discurso derrotista, mandando todos ficarem em casa, dando

o golpe por vitorioso. Não deu uma só instrução à população, abandonada a sua sorte. O mesmo ocorreu com os demais dirigentes da UP. Um desastre! Poucos dias antes, talvez um milhão de populares e trabalhadores desfilou pelo centro de Santiago, em apoio ao governo, decididos a tudo. Sobretudo setores de esquerda do PS haviam preparado algumas armas, meses antes. Havia ainda importantes setores constitucionistas e mesmo de esquerda nas forças armadas.



Manifestação em Santiago. À direita, em primeiro plano, Marconi

Ficamos como baratas tontas, discutindo se devíamos abandonar ou resistir no Pedagógico, “covil” da esquerda. Resistir com quê! Já se ouviam os disparos de armas pesadas, e algumas respostas, de armas leves, possivelmente da esquerda. Na afobação, cruzei com o companheiro Afonso Chanfreau, da direção estudantil do MIR. Perguntou-me, qualquer coisa como, “e agora, companheiro”, que fazemos. Eu era mais velho –dois anos!– e vivera o golpe no Brasil. Devia saber algo. Respondi qualquer coisa, como não

tenho a mais mínima ideia. Nos despedimos, desejando boa sorte. Apenas nos últimos anos se esvanece minha memória de seu rosto assustado e tenso, certamente um espelho do meu. Seguiu na clandestinidade, foi preso e possivelmente executado em meados do ano seguinte, com 24 anos. Chanfreau não era dos que desistiam.

Não recordo como retornei para casa, para me “armar”, e procurar algum local de resistência. Eu era conhecido nas Torres de Macul, por minha militância mirista, na “frente de pobladores”, ou seja, nas comunidades populares vizinhas. Havia organizado, meses antes, marcha no estilo mirista, todos em fila, esparsos, para parecer mais numerosos, através da vila Frei, onde a direita tentava disputar o “território” à esquerda, ao lado de nossa “población”, Las Torres de Macul.

Diante da marcha, colocamos o companheiro “Dentinho”, o Marconi, sul-rio-grandense, altíssimo e magro, com uma cabeleira negra, crespa, despenteada, vestindo um sobretudo velho que meu pai, muito gordo, deixara em uma visita. Carregando um enorme pedaço de pau, que mais servia para assustar –e realmente assustava– do que para golpear. Nos preocupávamos mais com a fila seguinte, onde marchava o companheiro Éder Sader, que, destemido, insistira em participar, apesar de suas condições de saúde. Éder Sader, dirigente da POLOP, era hemofílico. Estavam na marcha o Turco, apenas falecido, o Jaimão, todos sul-rio-grandenses, e muitos outros companheiros brasileiros e chilenos.

–!*Pueblo, conciencia, fusil!* !MIR! – gritávamos pelas ruas escuras.

As casas dos “momios” permaneciam na escuridão. Vizinhos da UP saíam para nos aplaudir e alguns aderiam à marcha. Na noite seguinte, os garotos do núcleo juvenil

mirista que eu coordenava – jovens operários, desempregados, estudantes – quebraram as vidraças das poucas casas que ainda portavam algum cartaz anti-UP. Logo, logo, os direitistas abandonaram suas casas e procuraram abrigo em território direitista. A vila fora conquistada para a esquerda com alguns gritos e vidros quebrados!

Na entrada da Vila Macul, me parou um companheiro brasileiro ligado também a uma organização armada. Quería informações. Saber as embaixadas que estavam recebendo refugiados. Pedi que me acompanhasse até minha casa e que vigiasse pela grande vidraça da sala enquanto eu retirava a pistola de um respirador da porta da cozinha. Não me recordo onde escondi o fuzil.

No meio da minha operação, ele, assustado, disse que tinha que ir e saiu apressado, deixando a porta entreaberta. Pela grande janela, vi que ele ultrapassava, de cabeça baixa, um Jeep de caçamba coberta por uma lona verde-escura, que fazia de carroceria. É difícil expressar meu susto e angústia. Meu '*glorioso*' fuzil, estava ao meu lado. Engatilhei e me propus a dar alguns tiros e sair correndo pela porta da cozinha, saltando o muro para a casa lindeira. O problema é que o tiro de 22 não faz quase barulho – e se não escutassem que eu estava atirando!?

O Jepe parou duas ou três casas antes da minha e um companheiro socialista saiu dele, olhou para todos os lados, também assustado, recebeu um pacote de sua mulher, deu meia-volta e voltou a partir.

Jamais esqueci o companheiro brasileiro, que pouco conhecia, saindo de fininho, sem me avisar, esperando escapar antes que começasse o tiroteio.

Peguei meus documentos, cem dólares – que valiam uma fortuna no câmbio negro chileno –, coloquei a pistola na cintura e vesti um poncho curto e colorido, que cobria o fuzil, e fui ao encontro dos companheiros e companheiras no Pedagógico.

Muito logo, um caminhão do exército, com uma metralhadora Ponto30 no capô, parou ameaçador no portão de entrada do Campus. Com outros estudantes, saímos por porta lateral, caminhando através da avenida Grécia, onde havia um supermercado sob a intervenção da UP.

No grupo estavam, que me lembre, a Sandra, minha companheira, a Nara, sua irmã, o Marconi, talvez o Taradinho e o Daniel, o Guillermo Pedregal, companheiro boliviano, simpatizante do Mir, a quem possivelmente devo a vida. E caminhava conosco o “Pantera”! O Hamilton Lopes dos Santos era jovem negro brasileiro, magro, de estatura mediana, com uma linda cabeleira “black”. Daí o apelido. Como no Chile quase não houve escravidão e, portanto, racismo antinegro, ele era uma quase novidade e fazia um sucesso imenso com as estudantes chilenas, que pediam para tocar seu cabelo.

Agora, o “Pantera” se tornara um problemão. Ele marchava conosco, pelo meio da avenida, e do lado mais habitado, “momios” se aproximavam, apontando e denunciando o “cubano”. Eu entregara o fuzil e o poncho para o Marconi, que se pôs à esquerda do nosso grupo, enquanto eu caminhava, à direita, com a pistola engatilhada, rente à parede, rezando para que, se necessitasse, ao menos a melhor bala posta na agulha disparasse. Quando os grupos esparsos de direitistas tentavam se aproximar, o Marconi levantava o poncho e mostrava a “metralhadora”. Era uma debandada só. O “Dentinho” era o único que tinha realmente formação

militar, já que servira, havia pouco, na Polícia Militar do Exército brasileiro, em Porto Alegre.

Logo, me contaram mais tarde, o “Pantera” foi posto por alguns chilenos no porta-malas de um carro que percorreu as casas consulares e embaixadas até depositá-lo a salvo em uma delas. Não poucos afro-cubanos ou afro-latino-americanos detidos como tal foram executados, sem delongas. Pantera viveu, por longos anos, na França.

Informado de que, em uma casa das proximidades, estava aquartelado o “grupo de combate” do MIR de meu GPM, ou seja, de minha circunscrição de militância, me dirigi para lá, confiante. Tinha certeza de que, armado com um AK-47, um M-16 ou coisa semelhante, que diziam, na organização, abundarem, estaria pronto para enfrentar o que viesse! Ia ser uma festa, mesmo que terminasse mal.

O que me esperava, fica para o próximo capítulo.

II.

Santiago, 11-12 de setembro: o armamento da revolução, a morte de Allende

Não me lembro como achei e entrei na moradia onde estava *aquartelado* o “grupo de combate” do GPM 3, minha circunscrição de militância, onde eu pertencia a uma célula de bairro, com Jimena, Mário, Lucho, Roberto e um ou dois companheiros cujos nomes me escapam. E me desempenhava também como coordenador de pequeno núcleo de jovens “*pobladores*” –moradores. Já lá se vão 47 anos. Foram horas e dias de grande tensão. Aprendi como historiador que a memória nos passa a perna e nos engana, ao seu bel-prazer, fundindo fatos, reorganizando datas, retocando relatos que repetimos diversas vezes. Não raro, transformando em realidade o imaginário.

Mal entrei e me apresentei, fui abordado pelo comandante do pequeno grupo *aquartelado* na moradia popular, de sala, cozinha e dois quartos. Ele era chamado por todos de “Pato Malo”, “Pato Malvado”, apelação muito chilena, com o significado de alguém que bordejia a delinquência, que deve ser temido. Era um mirista jovem, talvez menos de vinte anos, moreno e baixo, que se esforçava para inspirar segurança e autoridade. Há alguns anos, deparei-me na internet com uma foto certamente sua, entre as centenas de miristas mortos pelos militares, no seu caso, creio que nos primeiros meses da ditadura. Eu já um velho, ele, eternamente jovem. Difícil expressar a emoção que me causou.



Possível foto de Pato Malo, Mario Maureira Vasquez, assassinado em 1976

Pato Malo me conhecia, de ouvir falar. Eram poucos os brasileiros que se integraram organicamente no MIR e à Revolução Chilena. E eu estava ligado ao seu GPM, após militar por alguns meses no grupo do Pedagógico, onde se encontravam jovens sul-rio-grandenses como o Marconi, o Daniel, o *Taradinho*, o Nílton (Bem Bolado) e o Felipe. Nilton foi morto, antes do golpe, em um confronto com organização fascista. Felipe escapou de Santiago e desapareceu em Buenos Aires, onde seguira militando, ligado à Junta de Coordenação Revolucionária, tentativa de colaboração de organizações militaristas do Cone Sul, então sofrendo duros golpes da repressão argentina.

Pato Malo perguntou-me se tinha formação militar, antes de me aceitar no grupo. Disse que não, mas que atirava bem, de revólver e de espingarda, no que não mentia. Ainda guri, na fazenda de uma tia-avó, disparava amiúde com escopeta de caça, de dois canos, calibre 16, contra as caturritas que voavam nos pinheirais, após se saciarem nos milharais. Ao fazer 18 anos, comprara um 38 e, logo, um fuzil 22, de cano longo, carregador curto, de munição barata. Saía com

ele para o campo e matava tudo que encontrava pela frente – quero-quero, João-de-Barro, Chimango, Ratão do Banhado e por aí vai. Poupava as capivaras apenas por jamais ter me defrontado com uma. Coisa da idade e da época, que me horroriza e me envergonha ainda hoje.

Pato Malo alegrou-se com a aquisição do combatente e, sobretudo, logo compreendi, com o que o novo ‘guerrilheiro’ portava. E foi ali, em forma quase imediata, que ruíram as expectativas que me levaram a procurar o núcleo armado mirista. Num rápido relance de olhos, vislumbrei o ‘arsenal’ do nosso grupo, em uma mesa, junto a uma parede, sobre uma bandeira do MIR, rubro-negra, como a do 26 de Julho, cubana, que inspirava nossa direção, atrapalhada entre os sonhos guerrilheiros e a luta de classe real. Sobre a ‘artilharia’ de que dispunhamos, falo a seguir. Mas compreendi, sem delongas, os olhos grandes que Pato Mato lançava sobre meu humilde fuzil.

Disse-me logo que as armas eram centralizadas. E sem muito mais, avançou a mão para meu fuzil semiautomático 22, com os olhos brilhando. Desde então, se passou de um lado para o outro, com a arma na mão. E, insaciável, apontou para minha pequena Beretta 6.35, à vista em minha cintura, pois retirara o poncho ao entrar na casa. Salvou-me a presença de espírito nascida do desespero. Falei-lhe claro, com autoridade de brasileiro que vivera sob a ditadura militar, o que não queria dizer nada, convenhamos. Com voz alta, falei, para ser escutado por todos – “Lei da guerrilha impede que o combatente seja despojado de todas as suas armas!” Pato Malo um pouco espantado, desculpou-se. Não conhecia aquela determinação guerrilheira que eu inventara, desesperado. E eu saí de fininho, com minha pistolinha, agora enterrada no bolso, quase escondida, para examinar o armamento ‘grosso’ de nosso grupo.

Aproximei-me da mesa, junto à parede. Mentiria se descrevesse todas as armas em detalhes. Mas não erro no essencial. Elas se compunham de duas ou três espingardas velhas e desconjuntadas, em geral de caça, mas ainda, creio, funcionando, e uns dois ou três revólveres também veteranos. Um deles tenho ainda diante dos olhos, cravados pela memória, ao escrever essas recordações, por me ter causado uma profunda surpresa e definido de certo modo a realidade dos fatos. Repito que, no presente relato, procuro dar uma ordem lógica às minhas lembranças, que obedeça minimamente aos sucessos que vivi naqueles dias terríveis.

Nos filmes sobre o faroeste estadunidense, que assistia nos cinemas em Porto Alegre – quando era guri, não havia filmes na televisão–, sobretudo durante os esperados e emocionantes duelos, os caubóis sacavam a arma com a mão direita e a engatilhavam, batendo com o dorso da mão esquerda sobre o gatilho, para após atirarem. Não compreendia a razão do ato. Ao manipular o, acho, Colt 45, tive a resposta imediata. Havia que engatilhar manualmente, para após apertar o gatilho, e disparar. Tinha diante de mim um revólver de talvez meados do século 19, com três balas, que seriam as avós das da minha Beretta 6,35!



Beretta 6.35

Nosso grande recurso bélico era uma dúzia, mais ou menos, de granadas artesanais de trotil, ou seja, TNT, estabilizadas com algum composto sólido que não me recordo qual fosse. No topo, tinha uma espécie de pavio, a ser aceso, antes de serem jogadas contra o inimigo. Eram fabricadas pelo próprio MIR, que almejava a autossustentabilidade no relativo ao armamento, me explicou Pato Malo. E, quase rindo, me informou que as granadas eram chamadas de “fifty-fifty”, já que apenas cinquenta por cento explodiam, após serem lançadas. Nos dias que seguiram, até minha desmobilização, em uma Santiago já totalmente subjugada pelo golpe, portei comigo minha pistola, minhas quatro balas e três daquelas granadas, que pareciam velas brancas de cera, na cor e na dimensão. Velas gordas, daquelas que se usam para fazer um pedido ou encomendar um morto.

Perguntei ao Pato Malo por que o grupo não estava melhor armado, já que tudo, há meses, apontava para o golpe. Se eu conseguira duas armas funcionando, por que eles não haviam feito melhor? Disse-me que as melhores armas –que mais tarde soube serem muito poucas– estavam centralizadas e que a filosofia militar da organização não era comprar armas, mas conquistá-las em batalha. Não sei o que pensei na hora, cada vez mais assustado com o surrealismo e a incompreensão política total da situação pela direção *universitária* do MIR. Mas foi certamente qualquer coisa próximo ao samba-canção de Noel Rosa: “Com que roupa que eu vou, pro samba” a que os golpistas nos convidavam!

Mudamos logo da casa de aquartelamento, sob o perigo de sermos denunciados, para uma segunda moradia, com os fuzis enrolados em cobertores leves, as granadas distribuídas entre os membros do grupo, que seriam, creio, em torno de uma dúzia. Marchava atrás do grupo, com minha pistolinha. Pato Malo ia na frente, com meu fuzil. Dois ou três companheiros haviam tomado outra orientação. Nos re-

cebeu uma companheira, em uma casa de classe média, de dois andares, bem mobiliada em relação às anteriores e posteriores, na periferia da “población” onde estávamos.

Sabíamos que o Palácio da *Moneda* estava cercado e resistia. Ouvia-se tiros por todos os lados, na cidade. As informações chegavam à conta-gotas e desencontradas. Na época não havia celular nem WhatsApp! Mais tarde, sobretudo à noite, ouviam-se entre os disparos, muitos gritos de mulheres. Logo, a rádio noticiou a morte de Allende, confirmada por um companheiro que trouxe informações e confabulou em um canto com Pato Malo. O desalento da companheira proprietária da moradia era de cortar o coração. Chorava como uma criança. Recriminava-se por ser apenas uma pequeno-burguesa progressista, creio da esquerda do Partido Radical, democrático-burguês.

Repetia que não queria viver, sem seus companheiros de partido, sem as suas *marchas*, sem a Unidade Popular. Repetia que fora uma pequena-burguesa que “acaparara” -estocara- o que pudera, para não lhe faltar alimentação. O que faziam todos os que podiam! Foi na sua casa que realizamos a última refeição digna do nome daqueles dias. Até chocolate comemos! O café era o chileno, tradicional – Nescafé, batido como gemada, com um pouco de água e açúcar, antes de verter a água quente. Um horror! A companheira repetia sem cessar, desolada, o nome de Allende, usando um diminutivo carinhoso – Mi Allendito, mi Allendito! Intuíam com precisão os longos anos que se seguiriam.

Já no exílio, na Bélgica, fiquei sabendo que, pela tarde do 11 de Setembro, a direção do MIR mandara sua militância recuar, para preparar-se para a guerra “dura, longa e prolongada”, ou o que seja, que diziam que seguiria ao golpe de Estado e ao massacre e repressão que ele impôs. Guerra que jamais aconteceu, nem de perto, após a terrível derrota geral de setembro. Pato Malo teria recebido a instrução e

se negado, possivelmente a obedecê-la, ou interpretando-a ao seu modo. Fazendo jus ao nome que portava, seguiu por alguns dias, tentando combater, com seu grupo de jovens corajosos, desesperados e semi-desarmados.

A seguir, o grupo se dividiu em três, para passar despercebido. Como era militante e mais velho, coube-me o “comando” de três jovens, de uns dezoito anos, e olhe lá, trabalhadores na construção. Entretanto, creio que na tarde de 12 de setembro, antes da divisão, possivelmente já em uma nova moradia, preparamo-nos para uma iniciativa militar. Assaltar um ‘*retén*’ de carabineiros, ou seja, um pequeno destacamento de qualquer coisa semelhante à polícia militar brasileira.

Pato Malo explicou o plano: atacarmos de todos os lados e apoderarmo-nos das armas em combate, como na bela canção ‘*Oltre il Ponte*’, de Italo Calvino, sobre jovens guerrilheiros comunistas italianos, entre os quais ele se encontrava, que descem a montanha com poucas armas, mas armas que funcionavam, é bom dizer, para atacar destacamento alemão. Como as nossas armas, que eram quase nada, e de funcionamento apenas provável, Pato Malo escolheu cinco ou seis do seu grupo original, com os revólveres e espingardas que dispúnhamos. Vejo-o ainda saindo pela porta. Talvez me engane, mas acho que foi a última vez que vi o companheiro e, com ele, meu fuzil semiautomático 22! A descrição do resultado do assalto dos membros do GPM 3 fica para amanhã.

III.

Santiago, 12-13 de setembro: O refúgio evangélico. O prato de canja

Nosso subgrupo de quatro companheiros procurou um primeiro abrigo em uma moradia na *'población'* onde nos encontrávamos. Uma casa muito simples, em um conjunto de construções populares. Não recorro bem quem nos acolheu, apenas que permanecemos ali por pouco tempo. O toque de queda fora estabelecido. Gritos eram ouvidos durante a noite. Os disparos, talvez apenas menos fortes, seguiam intermitentes, de focos de resistência isolados. As notícias, poucas, que recebíamos eram desencontradas. Falava-se de resistência no Sul, às vezes no Norte.

Esperávamos ansiosos notícias do grupo de ataque comandado por Pato Malo e do resultado da ação planejada. A expectativa fantasiosa do grupo era que tivesse sido um sucesso e os companheiros voltassem portando alguns fuzis dos carabineiros. Com eles, reunidos os três subgrupos, passaríamos talvez a ações mais ambiciosas. Realista, eu esperava com o coração apertado companheiros feridos e talvez mortos no ataque quase suicida. Não acreditava ser possível pescar sem rede.



Habitação de setores populares remediados

Pouco antes de abandonarmos a casa-abrigo, um companheiro chegou com a informação. Na boca da noite, o grupo tentara se aproximar do *'Retén'*. Na esquina de uma avenida, depararam-se com uma patrulha do exército, não muito longe. Pato Malo teria dado ordem de fogo ou o grupo disparara com o que tinha sem esperar, para dar imediatamente meia-volta e correr por onde tinham vindo. Por sua vez, o sargento e os soldados teriam corrido em direção oposta, talvez sem sequer fazer uso de suas poderosas armas. Fiquei contente que ninguém tivesse sido ferido e que meu fuzilzinho tivesse tido seu batismo de fogo! Muito barulho não teria feito, o coitado. Até a desmobilização do nosso grupo, uns três ou quatro dias mais tarde, aquele teria sido o único confronto. A partir dali, nosso grupo —e certamente os dois outros—, dedicou-se a escapar do rastreamento que o destacamento da Aeronáutica fazia na *'población'*, informado sobre nossa presença, a espera de podermos dar um *'bote'*, que já sabíamos ser impossível.

Recordo-me mal dos companheiros do meu grupo, à exceção de um jovem, em torno dos dezoito anos, operário da construção, morador da *'población'* na qual nos movíamos. Nos fatos, era ele que comandava o grupo, estabelecendo contatos com companheiros de sua idade, apontando as casas em que podíamos chegar e os locais em que podíamos nos esconder. Porém, tudo me comunicava e para tudo me consultava, disciplinado. Não recordo o seu nome político. Podia ser Pablo ou qualquer outro.

Levávamos conosco minha pistola, um pequeno e velho revólver sem munição, se não me falha a memória, e umas seis indefectíveis granadas *'fifty-fifty'*. Pela tardezinha, Pablo me apresentou dois jovens, em torno dos dezesseis anos, mal vestidos, mal calçados, magros, mas elétricos, falando um *'castellano'* pra lá de popular. Disseram-me que vinham informar aos companheiros *'iristas'* que um pequeno grupo de jovens *'cogoteros'* *momios* estavam informando os *'pacos'* [policiais] sobre os locais em que nos encontrávamos.

'Cogotero', em chileno popular, tinha o sentido de assaltante de rua. A explicação folclórica que me deram, logo que cheguei ao Chile, em fins de 1970, era que os *'cogoteros'* se escondiam entre as ramagens das árvores para te pegar pelo “cogote”, ou seja, pela nuca, para te assaltarem. Em Santiago não há muitas árvores. Mas confesso que, nos primeiros tempos, olhava para elas, com dificuldade de saber como alguém podia se esconder entre seus ramos!

Os dois rapazes estavam exultantes por estarem em contato com um grupo do MIR e, ainda mais, conversando com um *'guerrillero'* estrangeiro, falando em espanhol com um sotaque miserável. Perguntei se eles não podiam dar uma sacudida nos *'soplones'* (informantes). Disseram que sim, qualquer coisa como *'al tiro'*, ou seja, é pra já, e saíram

ainda mais excitados. Pablo me explicou que os jovens ‘*desviados*’ da ‘*población*’ estavam havia muito rachados, com uma forte ala allendista e um núcleo pequeno de direitistas! Aquela história terminou, talvez, de forma dramática, como veremos oportunamente.

Quando saíram, começara a anoitecer. Sem esperar muito, Pablo nos conduziu para uma casa ao fundo da “*po-blación*”. As casas pelas quais passavam estavam na escuridão. Raramente se via alguém na rua. Por fora, a moradia diferia-se apenas das demais por seu pequeno pátio dianteiro repleto de objetos usados dos mais variados tipos. Atendeu-nos à porta e nos fez entrar um senhor, já idoso, magro, alto e ereto, de clara ascendência espanhola.

A casa denotava uma pobreza maior do que as demais. Na sala, havia apenas uma mesa, rodeada por cadeiras irregulares e mambembes. Uma porta dava para a cozinha, ao fundo, e duas outras para os dois quartos. Havia um velho sofá, meio estropiado, coberto por um cobertor, e uma cômoda, onde depositamos nossas ‘*fifty-fifty*’.

O senhor se dirigiu a mim pedindo que cobríssemos as “granadas”, pois sua “companheira” era muito nervosa. Ele não tinha medo delas, disse sorrindo, pois trabalhara por longos anos, quando jovem, nas minas do norte, como ‘*dinamitero*’. Levantei-me e cobri as ‘*meninas*’ com meu poncho colorido, cheio de franjas.

A esposa do nosso anfitrião, uma senhora idosa, pequenina e magra, apenas um pouco mais jovem que o marido, nos trouxe da cozinha xícaras de um chá que já era quase apenas água quente. Ela portava tranças, tinha fortes traços somáticos e se vestia como mapuche, o povo originário do sul do Chile que conquistara, na esteira da Unidade Popu-

lar, parte das terras que lhes haviam sido roubadas, desde a colonização espanhola. Elas seriam perdidas, com o golpe, e os mapuches seguem até hoje na mesma luta, sob enormes dificuldades.

O senhor se desculpou por não haver mais açúcar. E disse algumas palavras para a esposa que, muito tímida, serviu-nos e voltou para a cozinha, sem proferir uma palavra. Aos poucos, foram chegando três ou quatro crianças, de uns seis a doze anos. O senhor contou-nos que eram seus netos, que ele criava. Trabalhara no salitre, no cobre, na construção, quando se mudara para Santiago. Agora, sem pensão, trabalhava de “papeleiro”, ajudado pelo neto mais velho.

Levantou-se, buscou na cômoda uma Bíblia e perguntou se queríamos rezar. Não insistiu, quando viu nosso embaraço. Disse que era evangélico e, desde jovem, comunista. Apontou para a parede onde havia uma imagem, muito colorida, de Jesus Cristo e, ao lado, uma gravura emoldurada de Recabarren, o fundador do Partido Comunista de Chile, que conhecera, nos disse orgulhoso. Confessou que tinha mais de oitenta anos, mas continuava rijo e trabalhador.

Enquanto falava de sua vida, sua companheira colocara na mesa quatro pratos. Fomos convidados a nos sentar. O velho senhor desculpou-se pela ‘cazuela’ rala – o tradicional ensopado chileno de carne ou peixe, com verduras, batata e arroz. Qualquer coisa como uma canja brasileira incrementada. Lembro que tinha algumas batatas, um pouco de arroz, ervas. Diante do prato servido, me desculpei por não ter, realmente, fome. O senhor, sorrindo e paternal, me disse que comera, gostaria. Não necessitava ser muito sensível para notar nossa enorme tensão.

Levei a colher à boca e foi como se provasse o néctar dos deuses escorrendo, quente e substancioso, por minha garganta. Quando me preparava para me lançar voraz sobre meu prato e atacar a batata que me coubera, Pablo me assinalou, em voz baixa, a senhora e as crianças, ao longo da sala, encostados na parede. Ninguém aqui comeu e essa é a comida que há – completou, quase murmurando.

Observação discreta de jovem trabalhador com sensibilidade aguçada para a situação dos segmentos mais pobres da população que conhecia de perto. Em verdade, o único que começara a comer era eu, que jamais passara fome. Envergonhado, me dirigi ao nosso anfitrião, na cabeceira da mesa, com o prato vazio, já que não se servira, pois a *'cazuela'* realmente era pouca. Disse-lhe que as crianças não tinham comido. Que não podíamos comer. E mais uma vez, conheci reeducação proletária sumária, diante do melhor caldo que comi durante toda a minha vida.

O senhor falou alto e forte, quase autoritário, para mim e para os três outros companheiros: – Comam. Vocês têm que se alimentar. Vocês estão lutando por nós!

Era ainda cedo, mas não me aguentava acordado. Não dormira nada na noite anterior, a razão, não me lembro. Tiroteio, gritos, o golpe avançando, a resistência que não se via, e eu sem saber onde me meteria a seguir.

O senhor propôs que repousasse no quarto. Havia diversas camas, quase uma ao lado da outra, onde dormiria toda a família. Ao ir ao banheiro, mais tarde, me enganei de porta, e vi que o outro quarto servia de depósito sobretudo para velhos trapos e papel. A limpeza dos cobertores sobre a cama era precária. Apesar de as noites de setembro serem frias no Chile, estendi meu poncho sobre a primeira cama e

me deitar sobre ele, calçado. Creio que durante todos aqueles dias, jamais descalcei a botina que portava.

Pensei que não dormiria. Seguiam-se escutando tiros, rajadas de metralhadora, gritos agudos de mulheres. Caí em um sono profundo, enquanto era devorado por todos os tipos de insetos domésticos possíveis. Dormi talvez duas horas. Pablo veio me acordar. Tínhamos que abandonar a morada. Um dos jovens ‘*cogoteros revolucionários*’ viera avisar que os ‘*pacos*’ sabiam que estávamos naquela zona da “población”, devido ao ‘*soplones*’. Mas que isso não se repetiria. Eles se ocupariam – dissera.

Juntamos nossas granadas e partimos. E, já sem muitas alternativas, nos dirigimos para uma casa-refúgio do MIR, que fora abandonada, ao início do golpe, por estar possivelmente “queimada”, não muito distante, em um bairro mais remediado. Na porta, o velho senhor, desejou-nos sorte na luta e despediu-nos com um: – !Váyanse con Dios!

Caminhamos pelas ruas da “población”, iluminadas por uma lua maravilhosa, correndo rente às casas, por ruas estreitas, semiabaixados, parando nas esquinas, atravessadas um por um, para não sermos abatidos, todos, no caso de uma rajada. Eu ia na frente, de pistola em punho, já semiconsciente da situação sem volta em que nos encontrávamos. Seguiam os tiros e os gritos.



Manifestação encabeçada por dirigentes do MAPU

Duas vezes vimos passar, lentamente, poucas quadras distantes, pelas ruas mais largas, veículos das forças armadas, de luzes apagadas. Entretanto, não sei por que, a angústia que sentia, entre as paredes das casas onde nos abrigávamos, desaparecia, como por encanto, ao sairmos à noite, em pleno toque de queda. Sentia um enorme alívio, como se a aragem fria e a semiescuridão da noite nos abraçassem e protegessem.

Na casa-refúgio se encontravam dois outros companheiros, não me lembro se de nosso grupo original. Nos dividimos em turnos, para vigiar a entrada, agachados junto ao muro, com a Beretta 6.35, pronta, em teoria, para disparar, se necessário. A via de retirada era pela porta dos fundos, saltando o quintal da casa lindeira, em direção a um arroio próximo.

Pablo veio me encontrar, no meu turno, trazendo alguns cigarros, com filtro, de um maço que os dois compa-

nheiros haviam trazido e socializado com os que fumavam. Um verdadeiro tesouro. Naquele então, eu fumava como um morcego. De Pato Malo e seu grupo, não tínhamos notícias. Acendi um cigarro, procurando que ele não denunciasse nossa presença. Subitamente, vi um vulto se aproximando em nossa direção, na escuridão, desde o outro lado da rua, a uns cem metros.

Quando meu coração já disparava, Pablo me tranquilizou. Eram companheiros do MAPU, que tinham uma sede na casa de janela semiiluminada por uma réstia de luz, na esquina. Em verdade, era a única que não estava mergulhada totalmente na escuridão. O MAPU era um grupo de esquerda, com alguma força entre a classe média e no campo, que rompera com a esquerda da Democracia Cristã e integrara a Unidade Popular.

O companheiro caminhava pela rua, com passos pequenos e tranquilos, em nossa direção, o que já era pra lá de estranho. Mas, sobretudo, me causava curiosidade os volumes que trazia, na mão direita, com o braço semi-alçado, e na esquerda, rente à perna. Seriam armas? Não eram, não! Era coisa melhor. Mas o que era, revelaremos apenas, no nosso próximo capítulo.

IV.

Santiago, talvez 13 ou 14 de setembro

Feijão com linguíça e o galo no poleiro

Com toda a calma do mundo, como se fosse uma noite como qualquer outra, em um dia tranquilo dos primeiros meses do governo da Unidad Popular, que já não mais existia, empurrou com o pé a pequena porta de ferro do pequeno pátio dianteiro, e parou, diante de nós, agachados, como se estivéssemos em plena guerra civil!

– *Buenas noches, compañeros!* Vimos que vocês entraram no local do MIR e acreditamos que talvez não tivessem nada para comer. Dito isso, depositou a panela pesada, tampada, ainda quente, que portava na mão direita, já cansada, sobre o muro baixo atrás do qual tentávamos nos esconder. Na outra mão, trazia uma garrafa de vinho, intocada, pronta para ser bebida, com metade da rolha para fora do gargalo.

Temí que o companheiro solidário acendesse um cigarro e se sentasse a fumar no murinho, junto à calçada da casa que certamente os moradores da rua e do bairro sabiam ser esconderijo do MIR. Convidei-o a entrar. Agachados, vencemos os poucos metros do pátio dianteiro, de terra seca, que nos separavam da porta. O companheiro nos seguiu, ereto, sem perder a pose, com uma tranquilidade e inconsciência que não eram fingidas. Na panela, feijões chilenos –bran-

cos– com linguíça! O vinho era uma garrafa de *Gato Negro*, da vinícola San Pedro.

O companheiro viera pedir notícias, saber se tínhamos armas – seu grupo seguia aquartelado, sem saber o que fazer. A direção do MAPU mandara recuar, creio. Não se demorou muito. Desejou-nos boa sorte e despediu-se com um !Venceremos! Saiu pela porta e atravessou a rua, para nosso horror, com a calma e tranquilidade com que chegara.

Menos de uma hora mais tarde, novamente junto ao murinho, defendendo, com minha Beretta 6.35, a entrada do nosso ‘*esconderijo*’, vi a porta da esquina se abrir, iluminando outra vez aquela parte da rua, e o mesmo companheiro se dirigir em nossa direção, com a mesma tranquilidade. Ao chegar aonde eu estava, perguntou, sempre de pé: – Já terminaram os ‘*porotos*’? Vim buscar a panela. É da companheira minha mãe.

Fui buscar a panela, na qual não sobrara um pobre ‘*poroto*’, e entreguei-a, não esquecendo a tampa, para que não voltasse, desejando-lhe novamente boa sorte. Abaixado, no local de vigilância, acompanhei já quase despreocupado o companheiro de “santo forte”, que atravessou a rua sem acelerar o passo um momento sequer, levando na mão a panela recuperada.

Dos dias seguintes ao 11 de setembro, em que a Revolução Chilena ruía em frangalhos, e eu junto com ela, tenho recordações gravadas à fogo na memória. Porém, jamais consegui reorganizá-las em forma cronológica, orgânica. Recordo fatos determinantes, sobretudo em blocos, autônomos, com dificuldades em encadeá-los. Descrevi aqui os que mais me marcaram naqueles dias.

Nessas recordações seguras, há interpolações, fluídas, um pouco sem escoras, ou demasiadamente *'redondas'*. Minha prática de historiador me obriga a hipotetizar que sejam acréscimos ou retoques inconscientes na sintaxe de minha memória dos acontecimentos. A garrafa de vinho é líquida e certa. Lembro-me em não ter abusado nos três goles que dei, maravilhosos. Mas o fato de ser um Gato Negro, meu *'vinito'* então preferido, que bebia na meia-garrafa, uma no almoço, outra no jantar, como bom chileno, já me parece demasiado. Não assino embaixo.

Não confio plenamente na veracidade da notícia que recebemos, não sei quando, não sei onde, não sei de quem, que dois dos *'soplones'* que nos infernizaram a vida haviam sido encontrados, com as mãos atadas, degolados, na praça central da *'población'*, onde estivemos a maior parte do tempo, como uma mensagem de claros objetivos pedagógicos, enviada pelos *'cogoterros del pueblo'*. Mas, “se non é vero, é ben trovato.”

Em verdade, sequer sei quantas noites passei pulando de casa em casa, naquele vai e vem desesperado. Nara, irmã de Sandra, minha então companheira, acaba de me propor que eu teria estado fora uma semana. Parece-me um pouco demais. Talvez quatro, cinco, ou no máximo seis dias. Não sei também se os sucessos que passo a narrar ocorreram antes ou após nossa parada no local *'clandestino'* do MIR, no qual nos demoramos pouco por razões de segurança.

O golpe se consolidava, com resistência frágil e esparsa e não organizada, e crescia a dificuldade de encontrarmos onde ir. Outra vez, foi Pablo que apontou a saída. Falou-me de canteiro de obra na borda do bairro em que estávamos, onde se construía alguns alojamentos ou coisa parecida. No meio do amplo terreno, havia um barracão de madeira,

onde se guardavam as ferramentas e dormiam alguns trabalhadores. Podíamos passar a noite ali.

Perguntei-lhe se havia alguém ainda dormindo no barracão e se eram de esquerda, confiáveis. Respondeu-me que a maioria dos operários voltara para casa, fora dois ou três. Sobre eles, não sabia se tinham militância e qual era, mas os garantia como confiáveis. Eram conhecidos seus e, sobretudo, trabalhadores.

A descrição feita no relato anterior, do nosso pequeno grupo correndo encurvado pelas ruas menores do bairro, sempre à noite, rente às portas e janelas, aos muros baixos de tijolo ou às grades de ferro das moradias, cruzando as esquinas, um a um, comigo à frente, com minha *'poderosa'* Beretta 6.35, capaz apenas de um só tiro provável, de pouco alcance, mas que nos dava uma segurança, ainda que irreal, foi um *'script'* vivido mais de uma vez.

A diferença é que, dessa vez, articulo com facilidade essa aproximação até o limite do bairro. Ele era delimitado por uma rua longa e larga, margeada por um fosso não muito profundo, que corria rente a uma rede de arame de uns dois a três metros de altura. Creio que eu era acompanhado apenas por Pablo. Ou seja, talvez tenha sido precisamente a última noite, após termos recebido instruções peremptórias do MIR de nos desmobilizarmos, como a imensa maioria do partido fizera, sob ordens da direção, ainda na noite do 11 de setembro. Explico a seguir a razão dessa possibilidade.

Combinamos a arriscada travessia da quase avenida. Abaixado, corri rápido até o fosso, onde, deitado e voltado para a rua, esperei que Pablo me seguisse, protegendo-o sempre com a *'briosa'* Beretta engatilhada. Pablo passou e, ágil, começou a subida da cerca de arame trançado, o que

causava um ruído infernal, no silêncio da noite, cortado, ao longe, por gritos, tiros isolados e de metralhadoras.

No preciso momento em que Pablo passava a perna para o outro lado, entrou pela esquina, a não mais de uns trinta metros, um Jepe com uma metralhadora pesada, seguido por um ônibus, do qual se viam apenas, nos dois costados, nas janelas, os cascos de combate e canos de fuzis. Os veículos vinham com os faróis apagados. Olhei rapidamente para Pablo, cavalcando a rede divisória, iluminado pelo magnífico luar. Imóvel, parecia um galo orgulhoso no seu poleiro, para descrever a cena com um pouco de compaixão para com o amor próprio do querido companheiro. Meti minha cara na grama, já descrente da pistolinha. Ia ser um massacre, a queima roupa, a uns quinze metros de distância.

Habitação popular nas *poblaciones* mais pobres



Senti apenas o ruído dos veículos se aproximando e, a seguir, rufando, diante de nós. Naquele momento, certo da morte, não pensei em nada glorioso ou épico. Pensei apenas que nunca mais veria minha filhinha Marina. E, como chegaram, os veículos malditos passaram, sempre se arrastando, e seguiram, e se afastaram, levando os oficiais, suboficiais e praças, certamente para cometerem outros crimes contra a população que os alimentava.

Até hoje pergunto se saltei a cerca, em um só pulo. O certo é que me lembro apenas de me encontrar, magicamente, do outro lado, correndo como um desesperado, com Pablo na minha frente, a poucos metros, até junto ao barracão.

Sentamo-nos ao lado de um barril velho de metal, com a água, quase pelas bordas, usada para fazer cimento. Peço licença aos leitores e leitoras brasileiros para tentar reconstruir, em *castellano*, o diálogo que tivemos.

Pablo me disse, sério: – Compañerito, me cagué de miedo! E eu lhe respondi: – Yo también, compadre. Un miedo bestial! E ele respondeu, pronto: – No, compadre, me cagué mismo!

E, à continuação, tirou as calças e a cueca, e com o ‘*poto*’ – bunda– branco e desnudo refletindo o luar, passou a lavar com cuidado as peças do seu vestuário de jovem trabalhador, feridas não mortalmente no combate inglório.

Protegidos pela distância, não conseguíamos parar de rir, talvez pelo incomum da cena, talvez por termos escapado vivos. Foram os únicos momentos de alegria profunda e total que vivi naqueles dias, nas semanas e meses seguintes, que me recordo.

Lembro-me que víamos no horizonte próximo, explosões fortes, talvez de canhões, acompanhadas de tiros de

metralhadoras e fuzis. Vinham da direção da Nueva La Habana. Já não mais rindo, Pablo me assegurou que não era um ataque à *'población'* miserável fundada e dirigida pelo MIR, odiada como nenhuma outra pela direita chilena. Os companheiros moradores e militantes a abandonaram ainda no dia 11, pela manhã – me assegurou.

Os disparos eram tantos que pareciam fogos de artifício, festejando o massacre de um povo, de suas ilusões e de suas esperanças.

V.

Santiago, setembro de 1973: A desmobilização. Discos e livros queimados. Sem saída

A derrota se instalara. Ouviam-se apenas tiros isolados. A ordem peremptória era de desmobilizarmos. O que já ocorria nos fatos. De nosso comandante Pato Malo não tivemos notícias precisas. Recebi, ao escrever essa parte do relato, da *Flaca* e do *Flaco* Magasich, a informação de que se chamava Mario Maureira Vasquez, aprisionado, preso, torturado e desaparecido em agosto de 1976. Ou seja, seguiu militando e combatendo ainda por três anos. Ao ser detido, portava uma arma sem munição. É fabular muito poder ter sido a minha Beretta 3.65? Tinha, então, 23 anos. Dezenove, em setembro de 1973. Pato Malo era daqueles que não articulavam as palavras rendição e desistência. Escreveu com fogo seu nome na história da resistência chilena.

A informação era que os militantes miristas ficassem no país, mesmo os mais conhecidos. Deviam se preparar para a luta armada dura, irregular e prolongada, que se transformou em um massacre de militantes que apenas ensaiavam ofensiva irreal, sob o refluxo popular total após a terrível derrota. Tornaram-se peixes grandes e destemidos, nadando fora da água. A exceção eram os militantes estrangeiros, como os brasileiros, que deviam se arranjar na procura de

um consulado ou embaixada. Mas como e onde encontrar refúgio! Não tinha a mais puta ideia. Ainda mais que, naquele momento, em geral, já estavam abarrotados de refugiados chilenos, latino-americanos, etc.

Pela manhã, bem cedo, Pablo me acompanhou até quase a entrada da vila Torres de Macul, já que morava, acho, nas proximidades. Para disfarçar, portávamos a tradicional sacola para comprar pão, de fio de náilon, com argolas coloridas de plástico. Cruzamos sem sequer trocar olhares com companheiros conhecidos do MIR, do PS, do PC, do MAPU, cada um com sua sacolinha na mão, tentando também passar despercebidos, no meio dos moradores assustados que iam realmente à procura do pão.

Era uma manhã triste e fria. Para fazer um pouco de literatura, diria que levava a morte no coração. A grande possibilidade era que tudo terminasse mal, para o Chile, a médio e longo prazo, e, no imediato, para mim. Mas tudo que é ruim pode piorar. Ao passarmos por dois *'pacos'*, a *'fifty-fifty'* que levava na cintura escorregou por dentro das calças, ao longo da perna direita. Quando parei imobilizado, Pablo deve ter visto ela quase à mostra, mal coberta pela bainha da calça. Se pôs diante de mim e eu, fazendo que atava o cadarço, coloquei-a no bolso largo da japona que vestia. O espalhafatoso poncho não sei onde deixara.

Nos despedimos ao pé da vila Torres Macul. Passei-lhe a granada artesanal, a Beretta 6.35, cinquenta dos cem dólares que portava. Naquele momento, a cotação da moeda no mercado negro despencara. Pablo quis saber o que faria. Perguntei-lhe onde ficavam as embaixadas. Também não tinha a menor ideia. E o problema era como chegar até elas! Disse que me arranjaría, já que ele, certamente, não podia

me ajudar. Eu me encaminhei para o meu lado, ele para o dele, sem olharmos para trás.

Desde a manhã do dia 11, a Junta Militar abriu caça aos estrangeiros, sinalizando que o golpe era contra os não-chilenos marxistas, sobretudo os cubanos, que descaminhavam o Chile. Para comprometer os soldados na repressão, liberaram o roubo, o estupro, distribuíram anfetaminas. Estudantes, turistas, visitantes estrangeiros conheceram vexames inimagináveis e mesmo a morte. Naqueles dias, todos os gatos passavam por lebres.

Já no dia 11, as embaixadas e consulados, sob a pressão internacional, abriram-se para receber seus nacionais e refugiados de todas as as origens, muitos com suas famílias. Mesmo as representações diplomáticas de ditaduras bestiais deixaram os portões semiabertos. Muito logo, as próprias residências dos diplomatas estavam entupidas de refugiados. Apenas duas nações mantiveram cerradas as portas de suas representações em Santiago.



Estádio Nacional, em Santiago, transformado em prisão

A colônia brasileira, em muitos casos pouco articulada com a realidade chilena, reagiu em forma diversa ao golpe. O querido João Heredia, esperou em casa, como muitos outros, firme, o desdobramento dos fatos. Terminou preso ao sair à rua para comprar cigarros. O cigarro terminaria matando o meu bom amigo, décadas mais tarde, de câncer. No Estádio Nacional, em uma salinha, um enorme sargento lhe mandou tirar as botas e passou a atirá-las contra as paredes e a chutá-las, enraivecido. Heredia teria pensado, assustado, o que o homenzarrão faria com ele, se tratava tão mal seus sapatos! Um pouco cansado, o sargento mandou-lhe calçar-se e o despediu. No mesmo dia, um companheiro chileno comentou-lhe a sorte de ter sido interrogado por seu irmão, sargento não me recordo de que arma, militante socialista raiz.

Houve brasileiros solidários também na desgraça com o país que os recebera. O saudoso Paulo Roberto Telles Frank, ex-suboficial expurgado em 1964, participara em ações armadas no sul do Brasil, antes de ser preso e terrivelmente torturado. Tiroteou longamente ao lado de companheiros socialistas em prédio cercado por fascistas, na região onde trabalhava como eletricitista. Como Pato Malo, era um duro. Nascera em Pelotas, em 1942. No outro extremo, houve aqueles, como o refugiado do Sul, que me vendera as armas, que se apresentou, com diversas malas, já na manhã do dia 11, diante de casa consular, onde creio que já o esperavam, segundo me contou, mais tarde, no Rio Grande do Sul.



Militares queimando livros, discos, etc., durante e após 11 de setembro

Entrei na vila Torres de Macul. As casas estavam de portas fechadas, com apenas uma e outra mulher circulando nas ruas. Já no *impasse* El Remanso, meu beco, uma chilena, que conhecia pouco, me chamou. Pensei que era para dar notícias. Perguntou-me se podia deixar a minha casa para sua cunhada. Segui adiante sem responder. Durante a crise habitacional, sob a forte inflação, era um problema encontrar casa para alugar. A vila Torres de Macul, recém concluída, sem árvores, pertencia à Caixa dos Trabalhadores do Salitre, que cederá moradas para muitos refugiados.

Minha casa era a última da calçada direita. A seguir, havia duas outras, de frente para a boca do *impasse*. A porta da casa estava arrombada. Não longe da porta, haviam queimado meus discos e livros. Choro até hoje a edição da *História da Revolução Russa*, publicada pelo Quimantú, editorial fundado pela Unidade Popular. A publicação causara pequena crise na UP, com o Partido Comunista se opondo e os socialistas apoiando a iniciativa. Até o embaixador

da URSS interpelou Salvador Allende pela publicação, que teria explicado enfadado ser presidente e não coordenador editorial, ou coisa semelhante. Mandara encadernar os livros, com artesão magistral, já que as folhas se despegavam com facilidade.

No fundo do impasse, tinha uma vizinha com quem mantínhamos ótimas relações. Ela saiu para me informar que minha casa fora *'allenada'* duas vezes. Mostrou preocupação com minha sorte. Ela era muito próxima de um dirigente máximo de partido comunista maoísta que, seguindo a orientação da China naquela época, combatia a Unidade Popular, sem que ninguém notasse, de tão minúsculo. Eu vi o dirigente de poucos dirigidos visitar nossa amiga duas ou três vezes. Sobre ele, há uma história, que talvez me foi contada por ela, apressada, ou soube mais tarde. Mas vale o registro.

O dirigente maoísta telefonara pedindo refúgio na embaixada da China. Disseram que não estavam dando. Ele enfatizou que era amigo da China. Mantiveram a negativa. Desesperado, dissera ser “muy amigo” da China, para não falar no telefone que era dirigente com contato com a alta direção chinesa. Disseram-lhe que, se fosse, realmente, “muy amigo” da China, ficasse no país. Sem saída, o marxista-leninista enfurnou-se em outra embaixada.

Na América Latina, o governo da UP fora o primeiro a estabelecer relações, em 1970, com aquela República Popular, que, em 1973, em resposta, para ocupar o vácuo deixado pela URSS, acusada de “social-imperialista”, manteve suas portas fechadas aos que tentavam se refugiar e as relações com a ditadura pinochetista. Tudo no reino do “Grande Timoneiro”, que estreitava relações com os Estados Unidos, contra a URSS, em 1972.

As publicações de minhas recordações dos sucessos de setembro de 1973, publicadas em edições diárias pelo Sul21, estão se fundindo com as de companheiros e companheiras da época, que me enriquecem e precisaram fatos que vivi. Destaca-se certamente o depoimento enviado pela querida companheira Elisa, chilena radicada há décadas em Porto Alegre, de uma ex-colega sua da escola secundária, em Santiago, hoje radicada no Canadá, que, vivia, na Calle, na casa 5042, anterior à minha!



Nossa casa nas Torres de Macul, fotografada anos após o golpe

No dia 11, angustiada com o golpe – sua mãe era comunista – enquanto cozinhava, ouviu golpes duros das culatras dos fuzis de soldados da Força Aérea, na porta de sua casa, que vasculharam rapidamente, perguntando sobre as atividades dos “brasileiros” da casa ao lado. A seguir, saltaram do pátio de sua casa para o da nossa, que foi invadida. Foi nesse invasão que teriam queimado meus livros e discos. A tropa teria voltado no dia seguinte, realizando nova procura, sempre perguntando sobre os “brasileiros” vizinhos.

Os dois *'allenamientos'* sempre me pareceram estranhos. As datas precoces das visitas e o interesse com minhas atividades eram desproporcionais, considerando que um era apenas um jovem militante estrangeiro do MIR, de base, sem tradição e importância. A insistência em me encontrar, reafirmada mais tarde por brasileiros presos, se explicaria talvez se conhecessem a compra das minhas *'poderosas'* armas. Se houve *'soplón'*, a possibilidade maior é que ele fosse tupiniquim. Entre os milhares de brasileiros refugiados, havia informantes, o que angustiava sobretudo os grupos armados brasileiros com militantes no Chile.

O que fazer? Não podia ficar em minha casa, já visitada duas vezes, com as cinzas da fogueira de livros e discos diante da porta. Não conhecia ninguém em Santiago que não estivesse se escondendo. Não sabia como chegar a uma embaixada ou consulado, ainda mais com os controles de identidade em cada esquina. Falava espanhol corrente, com sotaque que revelava imediatamente minha origem. Encontrava-me em mato desconhecido, sem bússola ou cachorro.

Fui até o outro lado da avenida Macul, em uma *'botilleria'* popular (venda de vinhos). O proprietário, assustado, perguntou-me pelos brasileiros, fregueses como eu habituais da cerveja e de vinho baratos. Não sei onde arranjei o número da Embaixada do Brasil. Pedi refúgio, como cidadão brasileiro. Perguntaram-me se tinha passaporte. Disse que não. Responderam-me que precisava apenas a cédula de identidade para retornar ao Brasil. Disse que, se me encontrassem, temia pela minha vida. – “Devia ter pensado antes” – foi a resposta que tive.

As representações diplomáticas brasileiras funcionaram durante todo o golpe de 1964 como extensão da polícia política, o que era contra as próprias leis nacionais. Brasi-

leiros morreram no Chile por não terem onde se refugiar. Os governos que se seguiram a 1985, fecharam os olhos, garantindo total impunidade aos diplomatas do Itamaraty, que progrediram, se aposentaram, morreram respeitados e com seus magníficos salários. Certamente devem ter retratos dependurados nas paredes do Itamaraty ou do Instituto Rio Branco.

Voltei para casa. Estava imobilizado. Não via saída. Se me encontrassem, *rezava* para que não me levassem preso. Tendo militado no Brasil em fins dos anos 1960, mais do que a morte, temia a tortura. Nem tento descrever como me sentia. Não via luz no fim do túnel escuro como breu. Mas havia, sim. Logo vi os faróis piscando de um magnífico Mercedes Benz branco que se aproximava de mim, após entrar no impasse.

O que era, ou quem era, fica para o próximo capítulo.

VI.

O Mercedes branco e dando vivas a Zapata

Não acredita no que via. O carro parou na frente de minha casa e Guillermo Bedregal debruçou-se e me disse através da janela do carona: – Entra, companheiro. Não o via desde o dia 11. Sentei-me no banco da frente. Contou-me que era a segunda vez que vinha ao condomínio ver se eu voltara. Em sua casa estavam Sandra, minha então companheira, e Nara, sua irmã. Nunca pude lhe agradecer por ter possivelmente me salvado a vida. Guillermo Bedregal Garcia morreu em 26 de outubro de 1974, em La Paz, sua cidade natal, em acidente automobilístico. Seus três livros póstumos revelaram a força do poeta ceifado aos 20 anos.



Guillermo Bedregal Garcia, a quem possivelmente devo a vida

Nosso bairro se encontrava em uma região, na zona leste de Santiago, onde se localizavam conjuntos habitacionais, em geral de casas unifamiliares, habitados por empregados, trabalhadores, aposentados. Havia conjuntos habitacionais melhores e piores. Não muito longe, encontravam-se velhas e novas “ocupações” que se esforçavam para urbanizar-se, entre elas, Lo Hermida. Era uma região onde dominava a esquerda e a Unidade Popular. Terra libertada.

A norte do centro de Santiago, precisamente na Praça Itália, iniciava-se a zona dos ricos, o “bairro alto”, com destaque para a Providencia, que eu praticamente desconhecia. Era a região dos “momios” –múmias–, dos “pitucos” –esnobes–, dos exploradores. O bairro era visto pelas classes populares como local de devassidão, de desregramento moral. Uma mãe de família trabalhadora não deixava uma filha adolescente ir à Providencia, sem ser acompanhada.



Havia no Chile da Unidade Popular, praticamente, dois povos, com zonas intermediária de transição. O povo da esquerda, nós, e o povo da direita, eles. A divisão era também étnica. Em Providencia e bairros finos dominavam os jovens

‘rúbios’ –loiros–, com ascendência espanhola, alemã, eslava. Nos bairros populares, imperavam os chilenos e chilenas com cabelos negros, lisos, a pele mais ou menos bronzeada. A ascendência indígena era forte nas “ocupações” e “poblaciones” mais pobres. Seus habitantes eram designados de forma depreciativa como “rotos”, rústicos, mal vestidos, etc.

Viajamos por pouco mais de meia hora, através daquelas duas cidades estranhas e opostas. Inicialmente, atravessamos parte da cidade derrotada, cruzando os bairros das classes populares e médias. Neles e mesmo no centro de Santiago viam-se apenas patrulhas militares circulando ou postadas nas esquinas. Ouvia-se ainda, vez e outra, tiros, em geral de franco-atiradores que não se rendiam. Eram raríssimos os transeuntes, de cabeça baixa, de passos apressados. O caminho era meu conhecido, por fazê-lo centenas de vezes, de ônibus, do Pedagógico da Universidad de Chile, onde estudava, em direção ao Centro, através das avenidas Macul, Irarrázaval e finalmente Vicuña Mackenna.

Ao chegarmos à Praça Itália e embocarmos a avenida Providencia, a paisagem mudou bruscamente. Entramos na cidade vitoriosa, em festa, com carros carregando bandeiras do Chile e do movimento fascista Patria y Libertad, com jovens e adultos celebrando pelas ruas. Se diria vitória da seleção nacional na Copa do Mundo. Passávamos por todos, sorrindo. Guillermo buzinava *festejando*, eu fazia o sinal “V” de vitória com a mão direita fora do carro. Afinal de contas, furar o cerco, enganar aquela cáfila de energúmenos era uma vitória, ainda que minúscula, na imensa derrota.

Finalmente chegamos à nossa destinação, no bairro Las Condes. A casa era, realmente, imponente, com um largo jardim dianteiro, em um avenida com grandes moradias e pequenos palacetes. Ao entrar na casa, lembrei-me do

filme “E o Vento Levou”, com as mansões de dois andares, com suas enormes escadarias no amplo hall de entrada. Encontrei Sandra, Nara e diversos outros jovens, de ambos os sexos, a quem Guillermo dera abrigo. Espaço não faltava. Nara recorda que haviam almoçado e jantado em uma mesa longa, com diversos comensais. Creio que fiquei ali apenas dois ou talvez até mesmo um dia.

A mãe de Guillermo estava à beira de um ataque de nervos, e com razão. Era quase impossível que os vizinhos, todos “momios”, não acompanhassem a estranha movimentação na moradia, desde o dia 11. E a senhora tinha recordações doloridas. Espanhola, ainda menina, de família aristocrática e monarquista, fora levada por um empregado da zona republicana para o território franquista, transportada, em parte, debaixo de uniformes de soldados destinados ao despiolhamento.

Guillermo e eu conversamos sobre a situação e concordamos que ela era insustentável. Guillermo distendera a corda da solidariedade até o limite que sua mãe podia aguentar. Entretanto, a senhora, uma verdadeira dama, jamais deixou transparecer a angústia em que se encontrava. Perguntei se ele podia nos deixar diante de uma embaixada que estivesse ainda recebendo refugiados.

Guillermo respondeu-me que não era necessário. Na sua rua, havia algumas, a poucas centenas de metros! Era definitivamente a localização ideal! Sempre acreditei que a avenida se chamasse de las Naciones, inexistente no mapa de Santiago, naquela região. Certamente uma rasteira de minha memória. A moradia se localizava possivelmente na avenida Presidente Kennedy.

Guillermo insistiu que eu e Sandra fôssemos bem vestidos. Escolheu-me uma sua camisa marrom de gola rolê, como se usava na época, de ótima malha. Não disse nada, mas achei que ficaria apertada. Ele era mais alto do que eu e magro. Eu estava pra lá de gordo, com os meses de desabastecimento, comendo “fideos con Pomarola” –massa com salsa de tomate–, “arroz”, “porotos” e “ovitos revueltos con hallulla” – ovos mexidos com o pão chileno chato, redondo e pequeno. Em minha casa, era eu que, digamos, cozinhava, já que Sandra e Nara não se davam bem com as panelas.

Tomei um longo banho, cortei a barba rente. A camisa quase ficou grande. Subi na balança e constatei, assustado que estava no mínimo uns oito quilos mais magro que no dia 11! Corpinho de bailarino espanhol, mais devido ao estresse do que à pouca comida daqueles dias.

Nos despedimos de Guillermo e de sua mãe. Nara resolveu ficar e tentar sair legalmente do país. Saímos em busca da Embaixada da Bolívia, a uns duzentos metros. Íamos com o coração na mão, pois temíamos não receber refúgio e, até mesmo, sermos presos ao tentar obtê-lo. Não foi difícil identificar o prédio, com a bandeira desfraldada e... dois ‘pacos’ –carabineiros– no portão. Porém, eles nem piscaram. Em verdade, tudo faziam para não serem transferidos devido a uma reclamação do embaixador para as operações arriscadas e criminosas que se realizavam em Santiago.

Toquei na campainha e um oficial, com uniforme parecido ao da Força Aérea chilena, entreabriu o portão, com uma cara pouco amigável. Perguntou o que queríamos. Enquanto respondia, empurrei a Sandra pelo braço, que compreendeu o movimento, e entrou no pátio dianteiro ajardinado. E eu, atrás. Estávamos agora em território boliviano, cercado, e queria ver quem nos arrancaria dali! – pensei.

Mas, seguro, seguro, ainda não me sentia. O oficial nos introduziu em uma sala muito bem mobiliada, com um tapete fofo, e nos fez sentar em duas poltronas do mais fino couro. Logo, um senhor alto, jovem, entrou por uma porta lateral e sentou-se na escrivaninha, diante de nossas poltronas.

Tomei a palavra para dizer que éramos apenas inocentes estudantes brasileiros, que procurávamos refúgio, temendo por nossa vida. Ele me interrompeu com a gentileza de um diplomata. Disse que pouco importava quem éramos, que ficassemos tranquilos, desde aquele momento gozávamos do direito de refúgio, oferecido e garantido por seu governo. Apenas queria saber se tínhamos armas e somas altas de dinheiro. No primeiro caso, era obrigado a recolhê-las, sem devolução. No segundo, faria o mesmo até viajarmos. Nos daria recibo.

Não tínhamos nem uma nem outra. Em verdade, tínhamos apenas nossos documentos e cinquenta desprezíveis dólares.

Sempre aprendi que devemos agradecer sobretudo pelo que nos é dado da mão beijada, sem obrigação. Antes que o embaixador se levantasse, falei-lhe que, em nome de minha esposa e meu, agradecia imensamente a ele e ao governo boliviano pelo refúgio solidário que recebíamos.

Sorrindo, ele disse que, caso quiséssemos agradecer ao governo boliviano, teríamos que deixar o prédio e nos dirigir a duas ou três casas antes, pelas quais havíamos passado. Ali era a embaixada do México!

Respondi-lhe que não, obrigado, quase gritando, !Y que viva Zapata!

VII.

A morte como prato frio e os salgadinhos como complemento

A residência era a moradia oficial do embaixador Gonzalo Martínez Corbalá, então com 45 anos, amigo pessoal de Salvador Allende, homem de coragem e decisão, que não negou refúgio a ninguém que bateu nas portas do México, garantindo a liberdade, a vida e o caminho do exílio mais ou menos amargo para quase oitocentos desesperados, não poucos com suas famílias.



Embaixador Gonzalo Martínez Corbalá

Meses mais tarde, após partir o último refugiado, da sua residência e da embaixada, Gonzalo Martínez Corbalá abandonou Santiago e o governo mexicano suspendeu as relações com Chile, durante toda a era pinochetista. Ao con-

trário, durante o longo período da ditadura, a embaixada do Brasil, sob o tacão dos generais, assim como a da China, sob o comando do “Grande Timoneiro”, mantiveram relações fraternas com a ordem terrível, após manterem as portas fechadas durante o golpe.

Nara chegou no dia seguinte de nossa entrada, após estabelecer contato conosco, para que facilitássemos seu ingresso na residência do embaixador do México – segundo ela se lembra.

A moradia era ampla, um pequeno palacete, e estava já literalmente entupida – talvez cinquenta ou mais pessoas. Havia uma grande sala, com lareira e um piano, que, volta e meia, era tocado por algum refugiado. Em uma pequena sala havia uma televisão, em preto e branco, transmitindo notícias controladas pelo golpismo. Além disso, um ou dois quartos e, certamente, os aposentos do embaixador, de sua família e outras dependências em que não circulávamos.

Havia chilenos, argentinos, uruguaios e outros latino-americanos. Brasileiros, poucos. Era um grupo desigual, com ex-militantes, funcionários da UP e sei lá mais o quê. A solidariedade, às vezes, faltava. Os quartos eram semi-propriedade dos ocupantes. As filas dos banheiros eram enormes. Quatro ou cinco se enxugavam com a mesma toalha. Dormíamos pelo chão, bem atapetado, e em cima de mesas. Creio que havia aquecimento central. As cadeiras e sofás eram guardados com zelo e cedidos com cara feia para alguém de idade ou crianças. Mas vi companheira abrir as malas e dar peças de roupa a desconhecida necessitada.

Dois brasileiros organizaram uma “ação” e “expropriaram” algumas garrafas da adega do embaixador. Minha recriminação recebeu olhares perplexos. O homem era ou não,

um burguês! As discussões eram raras. Em geral, comentava-se que tudo estava perdido, antes de começar o golpe. Comunista chileno afirmava que o golpe fora devido à radicalização propiciada pelos esquerdistas.

Novos refugiados chegavam, a conta-gotas. Vi Gustav Harald Edelstam, embaixador da Suécia, alto, magro, vestido de negro, entrar na peça grande trazendo consigo o dirigente camponês trotskista Hugo Blanco, que escapara de condenação à morte no Peru, de onde fora deportado, em 1970. A imprensa golpista chilena pedia então sua cabeça.

Os não chilenos eram em boa parte “militantes armados” exilados no Chile. Estabeleci relações com dois simpáticos ‘*montoneros*’ politicamente não muito ilustrados. Em uma roda, um deles, enorme, sempre alegre, e muito rústico, declarou que odiava os homossexuais. – Se vejo um “maricón”, o fodo sem pena! Um brasileiro franzino levantou-se dizendo: – Me retiro, antes que o companheiro, em abstinência, salte sobre o mais fraco de nós! O ‘*montonero*’ recebeu um tapa na nuca do seu companheiro que não parava de rir. Perplexo, deixava compreender que não entendia por que ríamos.

A concentração de esquerdistas refugiados no Chile oferecia a possibilidade para a direita de assassinar centenas de dirigentes e “guerrilheiros” esquerdistas. Muito logo se organizaria a Operação Condor, de extermínio, coordenada pelo imperialismo, com a participação do Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai.

O embaixador Gonzalo Martínez Corbalá organizou a pronta retirada dos estrangeiros, temendo invasão dos grupos pára-militares fascistas, sob as ordens dos militares. Em fins de setembro, notificou que os estrangeiros viaja-

riam para o México. Teríamos ficado de sete a dez dias na residência diplomática. Talvez menos. Um ônibus parou junto ou no pátio da casa. Diria sem certeza que era amarelo e que entramos por uma porta traseira.



Seríamos umas duas dúzias, entre eles, a Sandra, a Nara e o Hugo Blanco. O ônibus fez uma ou duas paradas – uma delas certamente na Embaixada mexicana, onde embarcaram diversos outros refugiados, entre eles, alguns dos brasileiros enviados para Santiago, em troca do embaixador da Suíça, sequestrado em 7 de dezembro de 1970, no Rio de Janeiro.

Antes de embarcarmos, um oficial mexicano, bigodudo, grande e um pouco gordo, com duas enormes pistolas, teria dito que não temêssemos, ele cuidaria de nós. Se não me falha a memória, viajou conosco ao lado do motorista, junto à

porta do ônibus. A viagem ao aeroporto foi dilacerante. Era noite ou madrugada. Se escutavam os tiros esparsos, dos militares ou, não raro, de franco-atiradores que esperavam a noite para disparar contra as forças golpistas. Não havia quase ninguém nas ruas.

Imitando os muralista mexicanos, formaram-se no Chile brigadas de jovens que pintavam murais nos muros, sobre múltiplos temas – o trabalho, o programa da UP, acontecimentos internacionais. A brigada do Partido Comunista se chamava Ramona Parra (BRP) e a dos socialistas, Elmo Catalánde (BEC). MAPU, Esquerda Socialista, MIR pintavam alguns muros, mais raramente, sem igual qualidade.

A BRP era a mais organizada e de obras gráficas superiores. Ela era também conhecida pela violência sectária contra os militantes da esquerda revolucionária, tendo assassinado o estudante mirista Arnoldo Rios, em Concepción, em dezembro de 1970, com dois tiros. Passando pelas ruas viam-se os antigos e belos murais cobertos rapidamente com tinta branca, início da tentativa feroz de apagamento impossível da tradição de luta chilena.

Muralista chileno

O ônibus entrou no aeroporto. Descemos e tivemos que passar pela central de identificação, onde não mostramos nenhum documento, já que estávamos sob a proteção do Estado mexicano. Talvez alguma lista tenha sido entregue pela embaixada. Alguns dos refugiados sequer tinham documentos.

Lembro-me que jovens oficiais ou suboficiais da Força Aérea avançaram em direção a dois companheiros nossos, querendo revistá-los. O nosso guardião mexicano, de gran-

des bigodes, avolumou-se, se pôs em posição de tiro e disse qualquer coisa que não ouvi. Fantasiando, diria que rosnou: – !Ni cagando, gringos! Os golpistas recuaram e passamos tranquilo. Creio que embarcamos, outra vez, até a porta do avião, com o nosso anjo, um dos *Dorados* de Pancho Villa na porta do ônibus.

Entramos e sentamos. Mais tarde, disseram-me que era o Caravelle da Presidência do México. Talvez. O certo é que cinco aviões mexicanos fretados teriam levado os refugiados de Santiago. Comecei a me sentir, finalmente, mais tranquilo.

Seriam poltronas de quatro, pois, além da Sandra, estava ao meu lado um brasileiro e sua companheira. O jovem suava às bicas. Tentei acalmar o medroso. Disse-lhe que não temesse, que já estavam fechando as portas do avião. Respondeu-me, sempre assustado, que cagava pros milicos fascistas. Tinha era medo de andar de avião! Mais tarde, fiquei sabendo que participara com destaque e coragem de diversas ações militares no Brasil.

O avião levantou voo. Não quis olhar pela janelinha. Respirei tranquilo, mas o vazio na barriga que sentia desde o 11 de setembro não desapareceu. E não desapareceria por longos meses. Mesmo passando o medo de ser preso, de ser torturado, de morrer, era certo que algo tivera fim em mim com o ruir do país em que havia decidido passar o resto de minha vida, pois jamais me sentira e sentiria tão vivo e realizado como ali, entre um povo que segurava o destino com as duas mãos.



Caravelle da Iberia, empresa aérea espanhola

O avião subiu, estabilizou. O comandante liberou o cinto de segurança. Algumas pessoas se levantaram para ir ao toalete. E, tranquilo, relaxei ainda mais, esparramando-me na poltrona. E, subitamente, perplexo, me deparei com quadro que Nara, ontem, por WhatsApp, definiu, com pertinência, de “surreal”. Pelos corredores avançavam lindas e jovens aeromoças, com elegantes chapeuzinhos e uniformes azul e vermelho, creio, com bandejas de copos de whisky, conhaque, vinho, e bandejas de delicados salgadinhos e doces. Tudo do bom e ótimo.

Não pude deixar de pensar que alguém estava nos gozando.

Porto Alegre, 4-15 de setembro de 2020
– revisado 13 de fevereiro de 2026

* Entre outras mídias, Publicado em Sul21, a partir de 4 de setembro de 2020. <https://sul21.com.br/opiniaio/2020/09/minha-participacao-na-resistencia-armada-ao-golpe-de-11-de-setembro-por-mario-maestri/>

I.

**Mi participación en la
resistencia armada al golpe
del 11 de septiembre**

La mañana del 11 de septiembre

El título del texto es pomposo, pero mi combate fue decepcionante. Sin embargo, creo junto al poeta que “nada es pequeño, cuando el alma es grande”.

En 9 de agosto de 1973, pienso que en la mañana, en mi casa calle El Remanso, en las Torres de Macul, gueto de refugiados brasileños, escuché atónito a Salvador Allende anunciar el descubrimiento y la represión de la conspiración revolucionaria entre marineros chilenos, dirigida por el MIR, organización en la que milité.

Mientras hacía la péfida denuncia, la radio fue silenciada por el ataque dinamitero de grupos de derecha a una torre de alta tensión.

Los suboficiales y marineros detenidos y torturados por el oficial eran los líderes de un movimiento muy amplio de la Armada de Chile en defensa del gobierno de la UP. Participé junto a Jorge Magasich, mi colega del curso de Historia y militancia del MIR, en una escuálida marcha convocada en defensa de los valientes marineros traicionados por el que pretendían defender. Entendí entonces que la derrota sería la resolución más probable del enfrentamiento que ahora era cuestión de semanas o días.

Desde el Tancazo, el intento golpista fracasado del 29 de junio de 1973, con la ocupación generalizada de fábricas, empresas, fundos, por parte de los trabajadores en todo el país, el enfrentamiento militar se había convertido en una solución ineludible a la extrema intensificación de la lucha de clases en el país. Salvador Allende y la dirección de la UP intentaron contener lo inevitable, con toda forma de concesiones, que solo fortalecieron a la derecha y debilitaron y

confundieron a las fuerzas populares. Allende permitió que el ejército golpista allanara cualquier hogar para buscar armas de izquierda.



Tanques en Santiago durante el Tancazo, el fallido golpe de Estado del 29 de junio de 1973.

Después del Tancazo, consciente de la proximidad del golpe, tomé dos grandes decisiones. La primera fue un completo éxito. La segunda, llegó más allá de la osadía.

De acuerdo con Sandra, mi compañera de entonces, enviamos a Brasil a nuestra pequeña Marina, nacida en febrero. Una decisión y separación desgarradora. Se la entregó a mis padres, en Río de Janeiro, la hermana solidaria de nuestra amiga Dora, quien regresaba a Río después de visitar Santiago. Dora era compañera del querido amigo y compañero João Heredia, de Rio Grande do Sul, fallecido hace algunos años. Los dos eran ex militantes del POLOP, refugiados en Santiago.



Salida de Marina de Santiago a Brasil en Junio de 1973.

La segunda gran decisión fue armarme para el enfrentamiento. Pasara lo que pasara, no tenía la intención de escabullirme, sino de enfrentar al monstruo con las botas puestas.

Un viejo amigo de Rio Grande do Sul, militante de la izquierda militarista, ofrecía armas. Me vendió una hermosa Beretta, 6.35. Ya era algo, aunque de las cuatro balas del cargador, una era confiable, las otras tres oxidadas. Mi proveedor me prometió algo mejor y me explicó que estaban vendiendo a un precio más elevado a los de derecha para abaratar las ventas a la izquierda. Ante mi sorpresa, me dijo que si él no le vendía a la derecha, otros lo harían.

No respondí, para no disgustarlo. Su trayectoria posterior, como político, en Rio Grande do Sul fue, al menos, coherente con su estrategia de ventas. Acortando la historia, unos días después, me trajo un moderno fusil semiautomático 22, con cañón corto, recámara abatible y un gran cargador con veinte balas. ¡Flamante nuevo! No era un Ak-47a,

que nunca había visto, ¡pero no llegaría a la fiesta sin nada en mis manos!

Nos enteramos del golpe en la mañana del día 11. Corrimos al Pedagógico de la Universidad de Chile, donde estábamos estudiando. Allí había mucha militancia mirista, incluyendo líderes estudiantiles, con los que no concordábamos. Con Jorge y algunos compañeros sosteníamos que el golpe sería un enfrentamiento general, terrible, en el que se jugaría todo o nada, como en España, en días, quizás horas. Nos llamaron peyorativamente “insurreccionalistas”. Pero, la historia nos dio razón! La dirección del MIR, jóvenes estudiantes sin experiencia política y engreídos con los sueños guerrilleros de la época, se preparaban para una guerra “irregular y prolongada”, en las ciudades, en los campos, en las montañas, como en Cuba o China. Pasó lo que pasó, como veremos.

La confusión fue generalizada. Las radios fueron silenciadas y pasaron a manos de los golpistas. Allende pronunció un discurso derrotista, diciendo a todos que se quedaran en casa, dando al golpe por victorioso. No dio ni una sola instrucción a la población, abandonada a su suerte. Lo mismo ocurrió con los demás líderes de la UP. ¡Horrible! Unos días antes, cientos de miles de personas y trabajadores habían marchado por el centro de Santiago, en apoyo al gobierno, decididos a hacer cualquier cosa. Especialmente sectores de izquierda del PS habían preparado algunas armas, meses antes. Todavía había importantes sectores constitucionalistas e incluso de izquierda en las fuerzas armadas.



Manifestación en Santiago. A la izquierda, en primer plano, Marconi de Mattos.

Parecíamos cucarachas mareadas, discutiendo si debíamos abandonar o resistir en el Pedagógico, “territorio” de la izquierda. Ya se escuchaban fuertes disparos y algunas respuestas de armas ligeras, posiblemente de izquierda. En la efervescencia, me crucé con el compañero Alfonso Chanfreau, de la dirección estudiantil del MIR. Me preguntó algo como “y ahora, compañero, ¿qué hacemos?” Yo era mayor que él – ¡dos años! – y había vivido el golpe en Brasil. Debería saber algo. Respondí algo como “no tengo la menor idea”. Nos despedimos deseándonos buena suerte. Solo en los últimos años se desvanece en mi memoria su rostro asustado y tenso, ciertamente un espejo del mío. Pasó a la clandestinidad, fue arrestado a mediados del año siguiente con 24 años y hoy forma parte de la larga lista de detenidos desaparecidos.

No recuerdo cómo llegué a casa para armarme y buscar algún punto de resistencia. Era conocido en, por mi militancia, en el “frente poblador”, en la villa vecina. Había or-

ganizado, meses antes, una marcha al estilo mirista, todos en fila, dispersos, para parecer más numerosos, por la Villa Frei, al lado de nuestra “población”, donde la derecha le disputaba el “territorio” a la izquierda.

En primera línea de la marcha, colocamos a nuestro compañero “Dentinho”, Marconi, de Rio Grande do Sul, muy alto y delgado, de cabello negro, rizado, descuidado, con un abrigo viejo que mi padre había dejado en una de sus visitas. Llevando un palo enorme, que servía más para asustar –y realmente asustaba– que para golpear. Nos preocupaba más la siguiente fila, donde marchaba el compañero Éder Sader, que había insistido en participar, a pesar de sus condiciones de salud. El turco, Jaimão, todos de Rio Grande do Sul, y muchos otros compañeros brasileños y chilenos estaban en la marcha.

– ¡Pueblo, conciencia, fusil! ¡MIR! – gritábamos por las calles oscuras.

Las casas de los “momios” estaban a oscuras. Los vecinos de la UP salieron a aplaudirnos y algunos se unieron a la marcha. La noche siguiente, los muchachos del grupo juvenil mirista que coordinaba –obreros, cesantes, estudiantes– rompieron las ventanas de las pocas casas que aún tenían un cartel anti-UP. Pronto, los derechistas abandonaron sus hogares y buscaron refugio en territorio de derecha. ¡La Villa había sido conquistada por la izquierda con algunos gritos y vidrios rotos!

En la entrada de Villa Macul me detuvo un compañero brasileño que también estaba vinculado a una organización armada brasileña. Quería información. Saber qué embajadas recibían refugiados. Le pedí que me acompañara a mi casa y que vigilara a través del gran ventanal de la sala mientras yo sacaba una pistola de la rejilla del ventilador de

la puerta de la cocina. No me acuerdo dónde había escondido el fusil.

En medio de mi operación, él, sobresaltado, dijo que tenía que irse y salió corriendo, dejando la puerta entreabierta. Por el ventanal vi, excedido, con la cabeza gacha, un jeep con la parte trasera cubierta de una lona verde oscuro como la carrocería. Ni hablar de mi espanto y angustia. Mi glorioso rifle, estaba a mi lado. Me arrastré y me dispuse a dar unos tiros y salir corriendo por la puerta de la cocina, saltando a la casa vecina. Pero con el problema los tiros calibre 22 casi no hacen ruido: ¿y si no escuchaban que estaba disparando!?

El jeep se detuvo dos o tres casas antes que la mía y un compañero socialista se bajó de él, miró a su alrededor, también asustado, recibió un paquete de su esposa y volvió al jeep emprendiendo el retorno. Nunca he olvidado al compañero brasileño, a quien conocía poco, huyendo sin avisarme, esperando escapar antes de que comenzara el tiroteo.

Tomé mis documentos, cien dólares —que valían una fortuna en el cambio negro chileno—, me puse la pistola a la cintura y un poncho que cubría el fusil y fui a encontrarme con mis compañeros y compañeras del Pedagógico.

Muy pronto, un camión del ejército con una ametralladora punto 30 en el capó se detuvo amenazadoramente en la puerta de entrada al campus. Con otros estudiantes salimos por la puerta lateral, caminando por la avenida Grecia, donde había un super mercado intervenido por la UP.

En el grupo estaban, según recuerdo, Sandra, mi compañera, Nara, su hermana, *la flaca* Maria Isabel Aguirre, *el flaco*, Jorge Magasich, Marconi, tal vez Taradinho y Daniel, Guillermo Bedregal, compañero boliviano, simpatizante de

Mir, a quien posiblemente le debo la vida. ¡Y “Pantera” también caminaba con nosotros! No recuerdo cómo se llamaba el compañero. Era negro, delgado, de mediana estatura, con un hermoso cabello “black”. De ahí el apodo. Como en Chile casi no hubo esclavitud no había racismo anti-negro, él era casi una novedad y tenía gran éxito con las estudiantes chilenas, que pedían tocarle el pelo.

Ahora, “Pantera” era un problema. Marchaba con nosotros, en medio de la avenida, y en el lado más habitado se acercaban los “momios”, señalando y denunciando al “cubano”. Yo le había entregado el rifle y el poncho a Marconi, que estaba a la izquierda de nuestro grupo, mientras yo caminaba a la derecha, a gatas, pegado a la pared, con la pistola, rezando para que, si había que disparar, disparara la bala buena. Cuando los escasos grupos de derecha intentaban acercarse, Marconi levantaba el poncho y mostraba la “ametralladora”. Fue solo una desbandada. “Dentinho” era el único con antecedentes militares reales, ya que recientemente había servido en la Policía Militar del Ejército Brasileño.

Después, me contaron que “Pantera” fue puesto por unos chilenos en el maletero de un auto que transitaba por las embajadas hasta depositarlo a salvo en una embajada o consulado. No pocos afrocubanos o afro-latinoamericanos fueron detenidos a causa del color de su piel y ejecutados sin demora.

Informado que, en una casa cercana, estaba acuartelado el “grupo operativo” del MIR de mi GPM, es decir, circunscripción de militancia, fui allí con confianza. Armado con un AK-47, un M-16 o algo semejante, que en la organización abundaban, decían, ¡estaría listo para enfrentar lo que viniera!

Lo que me esperaba queda para el próximo capítulo.

II.

Santiago 11-12 de septiembre: las armas de la revolución, la muerte de Allende

Informado de que, en una casa cercana, estaba acuartelado el “grupo operativo” del MIR de mi GPM, fui allí con confianza. Armado con fusiles AK-47, o un M-16 o algo semejante, que abundaban en la organización, decían, ¡estaría listo para enfrentar lo que viniera!

No recuerdo cómo la encontré y entré en la casa donde estaba el “grupo operativo” del GPM 3, mi circunscripción de militancia. Yo formaba parte de una célula de barrio, con Jimena, Mario, Lucho, Roberto y uno o dos compañeros cuyos nombres se me escapan. También trabajé como coordinador de un pequeño grupo de jóvenes “pobladores”. Han pasado 47 años. Fueron horas y días de gran tensión. Aprendí cómo historiador que la memoria juega malas pasadas y nos engaña a su antojo, fusionando hechos, reordenando fechas, retocando relatos que repetimos varias veces. No pocas veces convirtiendo lo imaginario en realidad.

Se me acercó el comandante del pequeño grupo acuartelado en una vivienda popular, con sala, cocina y dos dormitorios. Todos lo llamaban “Pato Malo”, apodo muy chileno que sugiere a alguien relacionado con la delincuencia y al que hay que temer. Sin embargo, era un joven mirista, quizás menor de veinte años, moreno y bajo, que se esforzaba por inspirar seguridad y autoridad. Hace unos años me encontré en internet con una foto que sin duda era suya, entre

los cientos de miristas asesinados por los militares. Ahora yo soy un viejo, él, seguirá eternamente joven. Es difícil expresar la emoción que sentí al reconocerlo.

Pato Malo me conocía de nombre. Pocos brasileños se integraron orgánicamente en el MIR y en la Revolución Chilena. Yo me conecté a su GPM, después de militar unos meses en el Mir del Pedagógico, donde se reunían jóvenes de Rio Grande do Sul como Marconi, Daniel, Taradinho, Nílton (Bem Bolado) y Felipe. Nilton fue asesinado, antes del golpe, en un enfrentamiento con a direita, antes o golpe militar. Felipe escapó de Santiago a Buenos Aires, donde siguió militando, vinculado a la Junta de Coordinación Revolucionaria, un intento de colaboración de organizaciones militaristas del Cono Sur. Fue detenido y forma parte de la lista de detenidos-desaparecidos en Argentina.



Posible foto de Pato Malo, Mario Maureira Vásquez, asesinado en 1976.

Entierro de Nílton da Silva, asesinado por fascistas en Santiago, en 15 de junio de 1973



Pato Malo me preguntó si tenía entrenamiento militar, antes de aceptarme en el grupo. Dije que no, pero que disparaba bien, con un revólver y una escopeta, por lo que no mentía. Cuando era niño, en la hacienda de una tía abuela, solía disparar con una escopeta de caza de dos cañones y calibre 16 a las caturritas que volaban por los bosques de pinos después de saciarse en los campos de maíz. Cuando cumplí 18, compré un revolver de 38 y luego un rifle de 22, de cañón largo con cargador corto y munición barata. Salía con él al campo y mataba todo lo que se me cruzara en el camino: queltehues, horneros, tiuques, coipos, etcétera. No maté carpinchos solo porque nunca encontré uno. Cosas de la edad y el tiempo, que, hasta hoy, me horroriza y me avergüenza.

Pato Malo estaba contento con la adquisición del combatiente y, sobre todo, después comprendí, con lo que el “nuevo guerillero” traía. Y fue allí, casi de inmediato, donde se derrumbaron las expectativas que me llevaron a buscar el núcleo armado mirista. Con un rápido movimiento de ojos vislumbré el arsenal de nuestro grupo, depositado sobre una mesa junto a una pared, adornada con la bandera roja-negra del MIR, como la del 26 de julio cubano, movimiento que inspiraba nuestros dirigentes, atrapados entre sueños guerrilleros y la verdadera lucha de clases. Sobre la artillería de que disponíamos, hablaré a continuación.

Pero rápidamente me di cuenta de lo que sería, al ver los grandes ojos que lanzaba Pato Malo sobre mi humilde fusil 22. Me dijo de inmediato que las armas estaban centralizadas. Y sin mucho más, tomó mi fusil semiautomático 22, con los ojos brillantes. Comenzó, luego, a pasearse de un lado a otro, fusil pistola en mano e, insaciable, señaló mi pequeña Beretta 6.35, visible en mi cintura, ya que me había quitado el poncho cuando entré a la casa. La desesperación me dio la idea salvadora. Le hablé con claridad, con la autoridad de un brasileño que había vivido bajo la dicta-

dura militar, lo que no significaba nada, seamos sinceros. En voz alta, dije, para ser escuchado por todos: ¡la ley de la guerrilla impide que el combatiente sea despojado de todas sus armas! Pato Malo, un poco sorprendido, se disculpó. No conocía esa determinación guerrillera. Y salí a hurtadillas, con mi pistola, ahora enterrada en mi bolsillo, para examinar el “armamento pesado” de nuestro grupo.



Foto a en el Pedagógico: De derecha: Frank Teruggi, estadounidense, asesinado en 11 de setiembre; Taradinho, Carlos de Oliveira Beust; Felipe, Jorge Basso, asesinado en la Argentina, e Paulina, su novia Paulina

Me acerqué a la mesa, junto a la pared. Mentiría si describiera todas las armas en detalle. Pero no me equivoco en lo esencial. Se componía de dos o tres escopetas viejas y andrajosas, pero todavía, creo, funcionando, y unos dos o tres revólveres, también veteranos. Uno de ellos aún me parece verlo al escribir estos recuerdos, por haberme causado una profunda sorpresa y definido de cierta manera la realidad de los hechos. Repito que, en el presente relato, trato de dar un orden lógico a mis recuerdos, que obedezca mínimamente a los acontecimientos que viví en esos días terribles.

Revolver Colt, 1851

En las películas sobre el FarOeste americano, que veía en los cines de Porto Alegre –no había películas en televisión–, sobre todo cuando se producían los esperados y emocionantes duelos, los vaqueros sacaban el arma con la mano derecha y amartillaban, golpeándola con el dorso de la izquierda en el gatillo, para después disparar. No entendía el motivo del acto. Al manipular el, creo, Colt 45, tuve la respuesta inmediata. Era necesario cargar manualmente, para luego apretar el gatillo y disparar. ¡Tenía ante mí un revólver de quizás mediados del siglo XIX, con tres balas que serían las abuelas de mi Beretta 6,35!



Colt 45



Mi Beretta 6.35

Nuestro gran recurso bélico fue una docena, o más, de granadas artesanales de trortil, es decir, TNT, estabilizadas con algún compuesto sólido que ya no recuerdo. En la parte superior, tenían una especie de mecha, para ser encendida, antes de ser arrojada al enemigo. Eran fabricadas por el propio MIR, que preconizaba la auto-suficiencia, me explicó Pato Malo. Y, casi riendo, me informó que las granadas se llamaban "fifty-fifty", ya que solo el cincuenta por ciento explotaba después de ser lanzadas. En los días que siguieron, hasta mi desmovilización, en un Santiago ya completamente abrumado por el golpe, llevé conmigo mi pistola, mis cuatro balas y dos de esas granadas, que parecían velas de cera blanca por el color y la dimensión.

Le pregunté a Pato Malo por qué el grupo no estaba mejor armado, ya que desde hacía meses todo apuntaba hacia un golpe. Si yo había podido conseguir dos pistolas funcionando, ¿por qué ellos no lo habían hecho mejor? Me dijo que las mejores armas estaban centralizadas y que la filosofía militar de la organización no era comprar armas, sino conquistarlas en la batalla. Cada vez más asustado por el surrealismo y la total incomprensión política de la situación, no sé lo que pensé en ese momento. Pero ciertamente fue algo cercano a la canción de samba de Noel Rosa: "*¿Con qué ropa voy, para la samba*" que nos invitaron los golpistas!

Por el riesgo de ser denunciados, pronto nos mudamos de la casa de acuartelamiento a un segundo hogar, con los fusiles envueltos en mantas ligeras, las granadas repartidas entre los miembros del grupo que, creo, serían una docena o un poco más. Yo caminaba atrás del grupo, con mi pistola. Pato Malo iba adelante con mi fusil. Dos o tres compañeros marchaban a proximidad o habían tomado otra dirección. Una compañera nos recibió, en una casa de clase media, de

dos pisos, bien amueblada en relación a las anteriores y posteriores, en la periferia de la “población” donde estábamos.

Sabíamos que el Palacio de Moneda estaba rodeado y resistía. Se escuchaban disparos por toda la ciudad. Las informaciones llegaban de a gotas y no coincidían. ¡En esa época no había celular ni WhatsApp! Más tarde, especialmente por la noche, se oían, entre los disparos, muchos gritos de mujeres. Luego, la radio informó la muerte de Allende, confirmada por un compañero que traía información y conversaba en un rincón con Pato Malo. La consternación de la compañera dueña de la casa fue desgarradora. Lloraba como un niño. Se culpaba por ser solo una pequeñoburguesa progresista, creo que de la izquierda del Partido Radical.

Repetía que no quería vivir sin sus compañeros de partido, sin sus marchas, sin la Unidad Popular. Repetía que era una pequeño-burguesa que había "acaparado" lo que podía, para que no le faltara la comida. Todos que podrían hacían lo mismo. Fue en su casa donde tuvimos la última comida digna de ese nombre en aquellos días. ¡Incluso comimos chocolate! El café era chileno, tradicional - Nescafé, batido como un ponche de huevo, con un poco de agua y azúcar, antes de verter el agua caliente. ¡Malísimo! La compañera repetía sin cesar, desconsolada, el nombre de Allende, usando un diminutivo cariñoso: ¡Mi Allendito, mi Allendito! Intuía con precisión los largos años que vendrían.

Ya en el exilio, en Bélgica, supe que en la tarde del 11 de septiembre, la dirección del MIR había ordenado a sus militantes que se retiraran, para prepararse para la guerra “irregular y prolongada”, que dijeron que seguiría al golpe de Estado y a la masacre y represión que impuso. Guerra que nunca sucedió, ni de cerca, tras la derrota general de septiembre. Pato Malo recibió la orden y se habría negado,

poiblemente a obedecerla, o la interpretó a su manera. Continuó durante una se-mana, con su grupo de jóvenes desesperados y valientes, haciendo honor a su nombre.

Luego, el grupo se dividió en tres, para pasar desapercibidos. Como yo era militante y con más edad, quedé al “mando” de tres jóvenes, de unos dieciocho años y, ni más ni menos, obreros de la construcción. Entretanto, creo que la tarde del 12 de septiembre, antes de la división, posiblemente ya en una nueva casa, nos preparábamos para una iniciativa militar. Asaltar un retén de carabineros.

Pato Malo explicó el plan: atacaremos por todos lados y nos apoderaremos de las armas en el combate, como en la hermosa canción de Italo Calvino “Oltre il Ponte”, sobre jóvenes guerrilleros comunistas, entre los que se encontraba él, que descenden de la montaña con pocas armas, pero armas que funcionaban, para atacar un destacamento alemán. Como nuestras armas también eran pocas y además de funcionamiento improbable, Pato Malo eligió cinco o seis de su grupo original, con los revólveres y las escopetas que teníamos. Lo veo todavía saliendo por la puerta. Tal vez me equivoque, pero creo que fue la última vez que vi al compañero y, con él, ¡mi fusil semiautomático 22! La descripción del resultado del asalto al retén por los integrantes de GPM 3 es para mañana.

III.

Santiago, 12-13 de septiembre: El refugio evangélico. El plato de cazuela

Pato Malo explicó el plan: atacaríamos por todos lados y tomaríamos posesión de las armas en el combate. Como nuestras armas también eran pocas y además de funcionamiento improbable, Pato Malo seleccionó cinco o seis de su grupo original, armados con los revólveres y las escopetas que teníamos. Lo veo todavía saliendo por la puerta. Tal vez me equivoque, pero creo que fue la última vez que vi al compañero!

Nuestro subgrupo, de cuatro compañeros, buscó un primer refugio en una casa de la población. Una casa sencilla y popular, como todas las demás. Realmente no recuerdo quién nos recibió, solo que estuvimos allí un rato. Se había establecido el toque de queda. Se escuchaban gritos durante la noche. Los disparos, quizás un poco menos fuerte, continuaron de forma intermitente. Las pocas noticias que recibíamos eran contradictorias. Se hablaba de resistencia en el Sur, a veces en el Norte.

Esperábamos ansiosos tener noticias del grupo de ataque dirigido por Pato Malo y el resultado de la acción planificada. La expectativa era que hubiera sido un éxito y los compañeros regresarían con algunos fusiles de los carabineros. Con ellos, los tres sub-grupos reunidos, tal vez pasaríamos a acciones más ambiciosas. Siendo realista, yo espera-

ba con el corazón apretado a compañeros heridos o quizás muertos en el ataque casi suicida. No creía que fuera posible pescar sin red.



Casas de clases populares *remediadas*

Justo antes de abandonar la casa de seguridad, llegó un compañero con la información. Por la noche, el grupo intentó acercarse a Retén. En la esquina de una avenida se encontraron con una patrulla del ejército, no muy lejos. Pato Malo habría dado una orden de fuego, o el grupo habría disparado con lo que tenía, sin esperar órdenes, para dar una inmediata vuelta corriendo, regresando sobre sus pasos. A su vez, el sargento y los soldados habrían corrido en dirección contraria, quizás sin siquiera utilizar sus poderosas armas.

¡Me alegré de que nadie hubiera resultado herido y de que mi fusil tuviera su bautismo de fuego! No debe haber hecho mucho ruido el pobrecito. Hasta la desmovilización de nuestro grupo, tres o cuatro días después, ese fue el único

enfrentamiento. A partir de ahí, nuestro grupo –y sin duda los otros dos– nos dedicamos a escapar del rastreo que hacía el destacamento de la fuerza aérea en la población, informado de nuestra presencia, con la esperanza de pasar a la ofensiva, lo que ya sabíamos que era imposible.

No me acuerdo bien de los compañeros de mi grupo, a excepción de un joven, de unos dieciocho años, obrero de la construcción, que vivía en la población en la que estábamos. De hecho, fue él quien lideró al grupo, estableciendo contactos con amigos de su edad, señalando las casas a las que podíamos llegar y los lugares donde podíamos escondernos. Sin embargo, disciplinado, todo me lo comunicaba y me consultaba para todo. No recuerdo su nombre político. Llamémoslo Pablo.

Llevábamos mi pistola, un pequeño revólver viejo sin munición, si mal no recuerdo, y seis granadas indefectibles “fifty-fifty”.

Por la tarde, Pablo me presentó a dos jóvenes, de unos dieciséis años, mal vestidos, mal calzados, delgados pero enérgicos, que hablaban un castellano más que popular. Me dijeron que venían a informar a los compañeros miristas que un pequeño grupo de jóvenes cogoteros “momios” estaban informando a los pacos sobre los lugares donde nos encontrábamos.

Cogotero, en chileno popular, significa un asaltante callejero. La explicación popular que me dieron, apenas llegado a Chile, a fines de 1970, fue que los cogoteros se escondían entre las ramas de los árboles para agarrarte por el cogote, es decir, por el cuello, para asaltarte. En Santiago no hay muchos árboles. Pero confieso que, en los primeros días, los miraba, ¡sin entender muy bien cómo alguien podía esconderse entre sus ramas!

Los dos jóvenes estaban encantados de estar en contacto con un grupo del MIR y, más aún, conversando con un guerrillero extranjero, que hablaba español con un acento miserable. Les pregunté si no podían dar una sacudida a los soplones (informantes). Dijeron que sí, “al tiro”, es decir, inmediatamente, y salieron aún más excitados. Pablo me explicó que los jóvenes marginales de la población, desde hacía tiempo se encontraban divididos entre una fuerte ala allendista y un pequeño núcleo de derecha! Esa historia acabó, quizás, de forma dramática, como veremos a su debido tiempo.

Cuando se fueron, estaba oscureciendo. Sin esperar mucho, Pablo nos condujo a una casa al fondo de la “población”. Las casas por las que pasábamos estaban a oscuras. Rara vez se veía a alguien en la calle. En el exterior, la casa sólo se diferenciaba de las demás por su pequeño patio delantero lleno de objetos usados de los más variados tipos. Un señor ya anciano, alto, delgado y erguido, con clara ascendencia española, abrió la puerta y nos hizo pasar.

La casa se veía más pobre que las demás. Solo había una mesa en la habitación, rodeada de sillas desiguales. Una puerta conducía a la cocina en la parte trasera y otras dos a los dos dormitorios. Había un sofá viejo, medio roto, cubierto con una manta, y una cómoda, donde depositamos nuestras “fifty-fifty”.

El señor se acercó a mí y me pidió que cubriéramos las “granadas”, porque su compañera estaba muy nerviosa. “Yo no les tengo miedo”, dijo sonriendo, ya que, en su juventud, había trabajado muchos años en las minas del norte, como dinamitero. Me levanté y cubrí a las “niñas” con mi colorido poncho con flecos.

La esposa de nuestro anfitrión, pequeña y delgada, un poco más joven que su esposo, nos trajo tazas de té de la cocina que casi eran pura agua caliente. Llevaba trenzas, tenía fuertes rasgos y vestía como Mapuche, el pueblo del sur de Chile que había recuperado, gracias a la Unidad Popular, parte de la tierra que les había sido robada desde la colonización española. Las volverían a perder con el golpe. Los Mapuche siguen hoy en la misma lucha, bajo enormes dificultades.

El señor se disculpó por no tener más azúcar. Le dijo unas palabras a su esposa, quien, muy tímida, nos atendió y volvió a la cocina, sin decir palabra. Poco a poco fueron llegando tres o cuatro niños, de seis a doce años. El señor nos contó que eran sus nietos, a quienes criaba. Había trabajado en el salitre, el cobre, la construcción, cuando se mudó a Santiago. Ahora, sin pensión, trabajaba como “papelero”, ayudado por su nieto mayor.

Se levantó, buscó una Biblia en la cómoda y preguntó si queríamos orar. No insistió cuando vio nuestro titubeo. Dijo que era evangélico y, desde joven, comunista. Señaló la pared donde había una imagen muy colorida de Jesucristo y, junto a ella, una foto enmarcada de Recabarren, el fundador del Partido Comunista de Chile, a quien había conocido, nos dijo con orgullo. Confesó que tenía más de ochenta años pero que seguía teniendo energía.

Mientras hablaba de su vida, su compañera había colocado cuatro platos sobre la mesa. Nos invitaron a sentarnos. El anciano se disculpó por lo aguada que estaba la cazuela. El tradicional guiso chileno de carne o pescado, con verduras, papas y arroz. Recuerdo que había patatas, arroz, hierbas. Frente al plato servido, me disculpé por no tener hambre. El señor, sonriente y paternal, me dijo que comiera, que me gustaría. No necesitaba ser demasiado sensible para notar nuestra enorme tensión

Me llevé la cuchara a la boca y fue como sentir el néctar de los dioses deslizándose caliente y sustancioso, por mi garganta. Cuando me disponía a tirarme vorazmente en mi plato y atacar la patata que me había quedado, Pablo me señaló, en voz baja, la señora y los niños, en la habitación, apoyados contra la pared. “Aquí nadie ha comido y esa es toda la comida que hay”, dijo, casi murmurando.

Observación discreta de un joven trabajador con aguda sensibilidad ante la situación de los más pobres de la población. De hecho, el único que había empezado a comer era yo. Avergonzado, me acerqué a nuestro anfitrión, en la cabecera de la mesa, con su plato vacío, ya que no se había servido él mismo, pues la cazuela era realmente poca. Le dije que los niños no habían comido. Que no podíamos comer. Y una vez más, conocí una reeducación proletaria sumaria, ante el mejor caldo que he comido en toda mi vida.

El compañero alzó la voz y casi autoritario, nos dijo: – Coman! Tienen que alimentarse. ¡Están luchando por nosotros!

Aún era temprano, pero no lograba permanecer despierto. No había dormido nada la noche anterior, la razón, no lo recuerdo. Tiroteos, gritos, el golpe progresando y la incertidumbre de adónde iría después.

El señor me propuso descansar en la habitación. Había varias camas, casi una al lado de la otra, donde dormiría toda la familia. Cuando fui al baño, más tarde, me equivoqué de puerta y vi que la otra habitación servía de depósito, sobre todo para papeles y trapos viejos. La limpieza de las mantas de la cama era precaria. Aunque las noches de septiembre son frías en Chile, extendí mi poncho sobre la primera cama y me acosté, con zapatos. Creo que, durante todos esos días, nunca me saqué las botas.

Pensé que no dormiría. Se seguían escuchando tiros, ráfagas de ametralladora y gritos agudos de mujeres. Caí en un sueño profundo, mientras era devorado por todo tipo de insectos domésticos. Dormí tal vez dos horas. Pablo vino a despertarme. Tuvimos que dejar la casa”. Uno de los jóvenes “cogoteros” revolucionarios había venido a informar que los pacos sabían que estábamos en esa zona de la “población”, por los soplones. Pero, dijeron, ellos se ocuparían de que eso no se volviera a repetir.

Recogimos nuestras granadas y nos fuimos. Y ya, sin muchas alternativas, nos dirigimos a una casa de seguridad del MIR, que había sido abandonada al inicio del golpe, porque posiblemente estaba “quemada”, no muy lejos, en un barrio un poco mejor. En la puerta, el anciano, nos deseó suerte en la lucha y se despidió de nosotros diciendo: ¡Vayan con Dios!

Caminamos por las calles de la “población”, iluminadas por una luna maravillosa, corriendo agachados cerca de las casas, por calles estrechas, deteniéndonos en las esquinas, atravesando uno por uno, para que no nos matasen a todos en caso de ráfaga. Yo iba adelante, pistola en mano, ya medio consciente de la situación sin vuelta en la que estábamos. Seguían los tiros y los gritos.

Dos veces vimos pasar, lentamente, a pocas cuadras, por las calles más anchas, vehículos de las fuerzas armadas, con las luces apagadas. Sin embargo, no sé por qué, la angustia que sentía, dentro de las casas donde nos refugiábamos, desaparecía, como por arte de magia, cuando salíamos de noche, en pleno toque de queda. Sentía un enorme alivio, como si la brisa fría y la penumbra de la noche nos abrazaran y protegieran.

En la casa de seguridad se encontraban otros dos compañeros, no recuerdo si eran de nuestro grupo original. Nos turnamos para vigilar la entrada, agachados junto al muro,

con la Beretta 6.35, en teoría, lista para disparar, si era necesario. La salida era por la puerta trasera, saltando el patio de la casa vecina, hacia un arroyo cercano.

Pablo vino a buscarme, en mi turno, trayendo unos cigarrillos con filtro, de un paquete que habían traído los dos compañeros y que socializaba con los que fumaban. Un verdadero tesoro. En ese tiempo, fumaba como un murciélago. De Pato Malo y su grupo, no teníamos noticias. Encendí un cigarrillo, tratando de no denunciar nuestra presencia. De repente, vi una figura acercándose, en la oscuridad, desde el otro lado de la calle, a unos cien metros de distancia.

Cuando mi corazón se aceleraba, Pablo me tranquilizó. Eran compañeros del MAPU, que tenían una sede en la esquina, en una casa con la ventana semiiluminada. De hecho, era la única que no estaba completamente sumergida en la oscuridad. El MAPU era un grupo de izquierda, con cierta fuerza en la clase media y en el campo, que había roto con la izquierda de la Democracia Cristiana y se había integrado a la Unidad Popular.



Manifestación en Santiago - Dirigentes MAPU

El compañero caminaba hacia nosotros por la calle, con pasos pequeños y tranquilos, lo cual ya era extraño. Pero, sobre todo, me intrigaba algo voluminoso que traía en la mano derecha, con el brazo levantado, y en la izquierda, pegado a la pierna. ¿Serían armas? ¡No, no lo eran! Era algo mejor. Pero lo que era, solo lo revelaremos en nuestro próximo capítulo.

IV.

Santiago, entre el 14 y el 16 de septiembre: Porotos con longaniza y gallo en el perchero

El compañero caminaba hacia nosotros calle abajo, con pasos pequeños y tranquilos, lo cual ya era extraño. Pero, sobre todo, me intrigaba algo voluminoso que traía, en la mano derecha, con el brazo semi levantado, y en la izquierda, con el brazo pegado a la pierna. ¿Serían armas? No, no lo eran. Eran cosas mejores. Con toda la calma del mundo, como si fuera una noche como cualquier otra, en un día tranquilo de los primeros meses del Gobierno de la Unidad Popular, que ya no existía, empujó con el pie la pequeña puerta de hierro del pequeño patio delantero y se detuvo frente a nosotros, ¡agachados, como si estuviéramos en medio de una guerra civil!

—¡Buenas noches compañeros! Los vimos entrar al local del MIR y pensamos que es posiblemente no tengan nada para comer. Dicho esto, ya cansado, depositó la pesada olla, tapada y todavía caliente, que sostenía en su mano derecha, sobre el bajo muro detrás del cual estábamos tratando de escondernos. En la otra mano sostenía una botella de vino, intacta, lista para beberlo, con la mitad del corcho fuera del cuello.

Temí que el solidario compañero encendiera un cigarrillo y se sentara a fumar en el pequeño muro, junto a la

vereda de la casa, conocida, seguramente, por los vecinos de la calle y del barrio, como local del MIR. Lo invité a pasar. Agachados, avanzamos los pocos metros del patio delantero, de tierra seca, que nos separaba de la puerta. El compañero nos siguió, erguido, sin perder su pose, con una tranquilidad que no era fingida. En la olla, ¡porotos blancos con longaniza! El vino era una botella de Gato Negro, de la bodega San Pedro.

El compañero había venido a pedir noticias, quería saber si teníamos armas; su grupo aún estaba acuartelado, sin saber qué hacer. Creo que la dirección del MAPU había ordenado la retirada. No se quedó mucho tiempo. Nos deseó mucha suerte y se despidió con un ¡Venceremos! Salió por la puerta y cruzó la calle, para espanto nuestro, con la calma y tranquilidad con que había llegado.

Menos de una hora después, nuevamente junto al murito, custodiando con mi Beretta 6.35 en la entrada de nuestro refugio, vi que se abría la puerta de la casa de la esquina, iluminando de nuevo esa parte de la calle, y al mismo compañero que se dirigía hacia nosotros, con la misma tranquilidad. Cuando llegó a donde yo estaba, preguntó, siempre de pie: – ¿Terminaron los porotos? Vine a buscar la olla. Es de la compañera mi madre.

Fui a buscar la olla, en la que no quedaba ni un pobre poroto, y se la entregué, sin olvidar la tapa, para que no volviera, deseándole suerte nuevamente. Agachado, en el lugar de vigilancia, acompañé al compañero que nos trajo la botella del “delicioso santo”, que cruzó la calle sin acelerar el paso, llevando en su mano la olla recuperada.

De los días posteriores al 11 de septiembre, cuando la Revolución Chilena estaba hecha jirones, y yo, junto con ella, tengo recuerdos grabados a fuego en mi memoria. Sin

embargo, nunca pude reorganizarlos de forma cronológica y orgánica. Recuerdo hechos determinantes principalmente en bloques, independientes unos de otros, con dificultades para vincularlos. Los descritos aquí, son los que más me marcaron en esos días.

En estos recuerdos precisos, hay interpolaciones, fluidas, un poco sin sustento o demasiado maravillosas. Mi práctica como historiador me obliga a plantear la hipótesis de que sean agregados o retoques inconscientes a la sintaxis de mi memoria de los acontecimientos. La botella llena de vino es verídica. Recuerdo no haber abusado con los tres maravillosos sorbos que tomé. Pero el hecho de que sea un “Gato Negro”, mi vino favorito, del que me bebía media botella en el almuerzo y otra media en la cena, me parece mucho. No me atrevo a afirmarlo.

No confío del todo en la veracidad de la noticia que recibimos, no sé cuándo, no sé dónde, no sé de quién, que dos de los soplones que nos hicieron la vida miserable habían sido encontrados con las manos atadas y decapitados en la plaza de la población, donde estuvimos la mayor parte del tiempo, como un mensaje de claros objetivos pedagógicos, enviado por los cogoteros del pueblo. Pero, *!”si non è vero, è ben trovato”!*

De hecho, ni siquiera sé cuántas noches pasé saltando de casa en casa, en ese ir y venir desesperado. Nara, la hermana de Sandra, mi compañera de entonces, acaba de decirme que estuve fuera una semana. Parece demasiado. Quizás cinco, o a lo más seis días. Tampoco sé si los sucesos que voy a narrar se produjeron ante

s o después de nuestra parada en el local clandestino del MIR, en el que nos quedamos poco tiempo por motivos de seguridad.

El golpe se consolidó, sin oposición organizada, y fue aumentando la dificultad para encontrar dónde ir. Nuevamente, fue Pablo quién encontró la salida. Me habló de una obra en construcción en las afueras del barrio donde estábamos, donde se construían algunas viviendas o algo así. En medio del amplio terreno, había un cobertizo de madera, donde se guardaban las herramientas y dormían algunos trabajadores. Podríamos pasar la noche allí.

Le pregunté si alguien seguía durmiendo en el cobertizo y si eran de izquierda, confiables. Respondió que la mayoría de los trabajadores habían vuelto a casa, salvo dos o tres. Sobre ellos, no sabía si tenían alguna militancia y cual sería, pero los garantizó como fiables. Eran conocidos de él y, sobre todo, trabajadores.

La descripción dada en el relato anterior, de nuestro pequeño grupo corriendo agachado por las calles más estrechas del barrio, cerca de las puertas y ventanas, los muros bajos de ladrillo o las rejas de hierro de las casas, atravesando uno por uno en las esquinas, conmigo adelante, con mi “potente” Beretta 6.35, en condiciones de dar un solo disparo probable, de poco alcance, pero que nos daba seguridad irreal, fue un libreto vivido varias veces.

La diferencia es que, esta vez, describo fácilmente y con más precisión el entorno del barrio. Estaba delimitado por una calle larga y ancha, bordeada por una cuneta no muy profunda, que recorría cerca, una reja de alambre de unos dos o tres metros de altura. Creo que solo me acompañó Pablo. En otras palabras, quizás fue precisamente la última noche, después de haber recibido órdenes perentorias del MIR de desmovilizarnos, como lo había hecho la gran mayoría del partido, bajo órdenes de la dirección, incluso la noche del 11 de septiembre. A continuación, explico por qué pienso esto.

Organizamos el arriesgado cruce de la casi avenida. Agachado, corrí rápido hacia la cuneta, donde, acostado y de cara a la calle, esperé a que Pablo me siguiera, protegiéndolo siempre con la briosa Beretta engatillada. Creo que no nos acompañaron los otros dos compañeros. Pablo pasó y, ágilmente, comenzó a trepar por la alambrada trenzada, lo que provocó un ruido infernal en el silencio de la noche, interrumpido a menudo por gritos, disparos aislados y ametralladoras.

En el preciso instante en que Pablo pasaba su pierna para el otro lado, un jeep con una pesada ametralladora entraba por la esquina, a no más de treinta metros de distancia, seguido de un autobús, en el que se podían ver, a ambos lados por las ventanillas, cascos de combate y cañones de fusil. Los vehículos venían con las luces apagadas. Miré rápidamente a Pablo, montado en la reja divisoria, iluminado por la magnífica luz de la luna. Inmóvil, parecía un gallo orgulloso en su percha, para describir la escena con un poco de compasión por el amor propio del querido compañero. Puse mi cara en la hierba, ya sin mucha fe en la pistolita. Iba a ser una masacre, a quemarropa, a unos quince metros de distancia.

Apenas escuchaba el ruido de los vehículos que se acercaban y luego rugían frente a nosotros. En ese momento, seguro de la muerte, no pensé en nada glorioso ni épico. Pensé que nunca volvería a ver a mi pequeña hija Marina. Y así como llegaban, los malditos vehículos pasaban de largo, yó siempre a gatas, mientras ellos seguían y se alejaban con sus oficiales, suboficiales y conscriptos, sin duda a perpetrar otros crímenes contra la población que los alimentaba.

Hasta el día de hoy, me pregunto si salté la cerca de un solo salto. Lo cierto es que solo recuerdo haberme encontrado, mágicamente, del otro lado, corriendo como un desesperado, con Pablo delante de mí, a unos metros de distancia, en dirección de un cobertizo.

Nos sentamos al lado de un viejo barril de metal con el agua que casi se rebalsaba y que se usaba para hacer cemento.

Pido permiso a los lectores y lectoras para tratar de reconstruir, en castellano, el diálogo que tuvimos.

Pablo me dijo en serio: – ¡Compañerito, me cagué de miedo!

Y yo le respondí: – Yo también, compadre. ¡Un miedo bestial!

Y él respondió, de inmediato: – ¡No, compadre, yo me cagué de verdad!

A continuación, se quitó los pantalones y la ropa interior, y con el poto al aire, reflejando la luz de la luna, comenzó a lavar cuidadosamente su ropa de joven trabajador, no mortalmente heridas en el combate sin gloria.

Protegidos por la distancia, no podíamos dejar de reír, quizás por la inusual escena, quizás porque habíamos escapado con vida. Fueron los únicos momentos, que me recuerde, de profunda y total alegría que viví en esos días, en las semanas y meses que siguieron.

Recuerdo que vimos, en el horizonte cercano, fuertes explosiones, quizás de cañones, acompañadas de disparos de ametralladoras y fusiles. Venían desde la Nueva La Habana. Sin reír más, Pablo me aseguró que no se trataba de un ataque a la miserable población fundada y dirigida por el MIR, odiada como ninguna otra por la derecha chilena. Los compañeros habitantes y activistas la abandonaron el día 11 por la mañana – me aseguró Pablo.

Eran tantos los disparos que parecían fuegos artificiales, celebrando la masacre de un pueblo, sus ilusiones y sus esperanzas.

V.

Santiago, septiembre de 1973: La desmovilización. Discos y libros quemados. Sin salida

La derrota se había instalado. Solo se escuchaban disparos aislados. El orden imperativo era desmovilizarse. Lo que ya estaba pasando en los hechos. De nuestro comandante Pato Malo no tuvimos noticias precisas. Ayer supe por Flaca y Flaco Magasich, que se llamaba Mario Maureira Vásquez y que fue preso, torturado y desaparecido en agosto de 1976. Es decir, siguió militando y luchando durante tres años. Cuando fue arrestado, llevaba un arma sin municiones. ¿Sería mucho pensar que podría haber sido mi Beretta 6.35? Tenía entonces 23 años. Diecinueve, en septiembre de 1973. Pato Malo era de los que no pronunciaba las palabras rendición ni retirada. Escribió su nombre con fuego en la historia de la resistencia chilena.

La orden era que los militantes miristas se quedaran en el país, incluso los más conocidos. Debían prepararse para la lucha armada dura, irregular y prolongada, que se convirtió en una masacre de militantes que intentaban una ofensiva irreal, en una situación de reflujo popular total tras la terrible derrota. Se convirtieron en peces gordos e intrépidos que nadaban fuera del agua. La excepción fueron los militantes extranjeros, como los brasileños, que tuvieron que dedicarse a buscar un consulado o embajada donde asilarse.

¡Pero cómo y dónde encontrar refugio! No tenía ni la más puta idea.

Por la mañana temprano, Pablo me acompañó casi hasta la entrada de la Villa Torres de Macul, ya que vivía, creo, cerca. Para no hacernos notar, llevábamos las tradicionales bolsas de compras de nylon con anillos de plástico de colores. Cruzamos sin siquiera intercambiar miradas con compañeros conocidos del MIR, PS, PC, MAPU, cada uno con su bolsita en la mano, tratando también de pasar desapercibidos, entre los asustados vecinos que, de verdad, buscaban pan.



Era una mañana triste y fría. Estaba completamente abatido, descorazonado, deprimido. Para hacer un poco de literatura, diría que “llevaba la muerte en el corazón. Lo más probable era que todo acabara mal: para Chile, a mediano y largo plazo; para mí, en lo inmediato. Pero todo lo que es malo puede empeorar. Al pasar al lado de dos pacos, la “fifty-fifty” que llevaba en la cintura se deslizó por los pantalones, a lo largo de mi pierna derecha. Me quedé inmobilizado y Pablo debió haberla visto casi exhibida, apenas

cubierta por el dobladillo de mis pantalones. Se paró frente a mí y yo, simulando que me ataba los cordones de los zapatos la metí en el bolsillo ancho de la chaqueta que llevaba. No sé dónde dejaría el pintoresco poncho.

Nos despedimos llegando a la Villa Macul. Le entregué la granada artesanal, la Beretta 6.35 y cincuenta de los cien dólares que llevaba. En ese momento, el precio de la moneda en el mercado negro se había desplomado. Pablo quería saber qué haría. Le pregunté dónde estaban las embajadas. Tampoco tenía ni idea. ¡El problema era cómo llegar hasta ellas! Le dije que me las arreglaría. Caminamos cada uno por su lado, sin volver a mirarnos.

El día 11, embajadas y consulados, bajo presión internacional, abrieron para recibir a sus ciudadanos y a asilados de todos los orígenes, muchos con sus familias. Incluso las representaciones diplomáticas de dictaduras latinoamericanas bestiales dejaron las puertas entreabiertas. Muy pronto, las propias casas de los diplomáticos se llenaron de refugiados. Solo dos naciones mantuvieron cerradas las puertas de sus representaciones en Santiago.

La colonia brasileña, poco integrada a la realidad chilena, reaccionó de diferentes maneras al golpe. El querido João Heredia, como muchos otros, esperó en casa, con firmeza, que los hechos evolucionarían. Terminó en la cárcel cuando salió a comprar cigarrillos. En el Estadio Nacional, en una pequeña sala, un enorme sargento le dijo que se quitara las botas y comenzó a arrojarlas contra las paredes y a patearlas, enojado. ¡Heredia pensó asustado lo que le haría el grandulón a él, si trataba tan mal a sus zapatos! Un poco cansado, el sargento le dijo que se pusiera los zapatos y lo despidió. Ese mismo día, un compañero chileno le dijo que había tenido la suerte de ser interrogado por su hermano. El

sargento, no recuerdo de qué arma, era un antiguo militante socialista.

Hubo brasileños solidarios con el país que los acogió. El difunto Paulo Roberto Telles Frank, ex suboficial, había participado en acciones armadas en Rio Grande do Sul, antes de ser detenido y terriblemente torturado. En Chile, en el 11 de septiembre, resistió a tiros, durante un buen tiempo, con compañeros socialistas en un edificio rodeado de fascistas, en una minería, trabajaba como electricista. Como Pato Malo, era un duro. Había nacido en Pelotas, en 1942. En el otro extremo, estaban aquellos, como un refugiado de Rio Grande du Sul, que se presentó, ya en la mañana del día 11, con varias maletas, frente a la casa consular, donde creo que ya lo esperaban.

Entré a las Torres de Macul. Las casas parecían vacías, mientras que una que otra mujer caminaba por las calles. En el callejón sin salida de El Remanso, me llamó una chilena, que conocía poco. Pensé que era para darme alguna noticia. Me preguntó si podía dejarle mi casa a su cuñada. Continué mi camino sin responderle. Durante la crisis de la vivienda, con una fuerte inflación, encontrar una casa para alquilar era un problema. La Villa Torres de Macul recién terminada, sin árboles, pertenecía a la Caja de Trabajadores del Salitre, que proporciono viviendas a muchos refugiados.

Mi casa era la última en la vereda derecha. Luego había otras dos, frente a la boca del callejón. La puerta de la casa estaba rota. No muy lejos de la puerta, mis discos y libros habían sido quemados. Lloro hasta hoy la edición de la *Historia de la Revolución Rusa* de León Trotski publicada por Quimantú, editorial fundada por la Unidad Popular. La publicación había provocado una pequeña crisis en la UP, con el Partido Comunista oponiéndose y los socialistas apo-

yando la iniciativa. Incluso el embajador de la URSS desafió a Salvador Allende, quien explicó enojado que él era Presidente y no coordinador editorial, o algo parecido. Yo había hecho encuadernar los libros por un artesano, ya que las hojas se despegaban fácilmente.

En el fondo del callejón, había una vecina con la que teníamos excelentes relaciones. Salió a informarme que mi casa había sido allanada dos veces. Se mostró preocupada por mi suerte. Era muy cercana a un dirigente importante del partido comunista maoísta que combatía a la Unidad Popular pero nadie se daba cuenta por lo minúsculo que era. Dos o tres veces vi a este “dirigente de pocos militantes” cuando visitaba a nuestra amiga. Hay una historia sobre él, que tal vez me contó ella o la supe más tarde. Pero lo que vale es la historia.

El líder maoísta llamó por teléfono a la embajada de China para pedir refugio. Le contestaron que no estaban dando. El enfatizó que era amigo de China. Mantuvieron el rechazo. Desesperado, dijo ser “muy amigo” de China, para no decir por teléfono que era un dirigente con contacto con altos dirigentes chinos. Le dijeron que, si realmente era “muy amigo” de China, se quedara en el país. Sin salida, el marxista-leninista entró en otra embajada. En América Latina, el gobierno de la UP fue el primero en entablar relaciones con aquella República Popular que, en respuesta, para llenar el vacío dejado por la URSS, mantuvo sus puertas cerradas y las relaciones con la dictadura de Pinochet. Todo en el reino del “Gran Timonel”.

Las publicaciones de mis recuerdos de los sucesos de septiembre de 1973 han suscitado recuerdos en otros compañeros y compañeras de la época, que se funden con los míos, me enriquecen, precisan y anticipan los hechos viví.

Destaco lo que me ha enviado la querida compañera Elisa, chilena radicada en Porto Alegre desde hace décadas. Se trata del testimonio de uno de su excompañera de secundaria en Santiago, hoy radicado en Canadá, que vivía en la casa 5042, la anterior a la mía.

El día 11, angustiada por el golpe –su madre era comunista– mientras cocinaba, escuchó duros golpes de culata de los fusiles de los soldados de la Fuerza Aérea en la puerta de su casa, que registraron rápidamente, preguntando por las actividades de los “brasileños” de la casa del lado. Luego saltaron del patio de su casa a la nuestra, y la invadieron. Fue entonces cuando habrían quemado libros y discos. La tropa habría regresado al día siguiente, haciendo una nueva búsqueda, siempre preguntando acerca de los vecinos “brasileños”.

Los dos allanamientos siempre me parecieron extraños. Las fechas tempranas de las visitas y el interés por mis actividades fueron desproporcionados, considerando que era un joven extranjero militante del MIR, sin tradición ni importancia. La insistencia por encontrarme, confirmada más tarde por brasileños presos, se explicaría sólo porque supieron la compra de mis “poderosas armas”. Si hubo un soplón, lo más posible es que haya sido un brasileño. Entre los miles de refugiados brasileños, había informantes, lo que angustiaba sobre todo a los grupos armados brasileños con militantes en Chile.

¿Que hacer? No podía quedarme en mi casa, ya allanada dos veces, con una fogata de libros y discos frente a la puerta. No conocía a nadie en Santiago que no se estuviera escondido. No sabía cómo llegar a una embajada o consulado, además, con controles de identidad en cada esquina. Hablaba español corriente, pero con un acento que de inme-

diato revelaba mi origen. Estaba en una selva desconocida, sin brújula ni perro.

Fui al otro lado de la Avenida Macul, a una botillería popular. El dueño, asustado, me preguntó por los brasileños, clientes como yo acostumbrados a la cerveza y el vino baratos. No sé de dónde saqué el número de la Embajada de Brasil. Pedí asilo, como ciudadano brasileño. Me preguntaron si tenía pasaporte. Dije que no. Respondieron que solo necesitaba mi cédula de identidad para regresar a Brasil. Dije que, si me encontraban, temía por mi vida. – “Tendría que haberlo pensado antes” – fue la respuesta que tuve.

Las representaciones diplomáticas brasileñas funcionaron durante todo el golpe de 1964 como una extensión de la policía política, lo que iba en contra de las propias leyes nacionales. Brasileños murieron en Chile porque no tenían dónde asilarse. Los gobiernos que seguirán después de 1985, el fin de la dictadura, cerraron los ojos, garantizando total impunidad a los diplomáticos *soplones* de Itamaraty, que hicieron carrera, jubilaron y murieron respetados y con sus magníficos sueldos.

Volví a casa. Estaba paralizado. No veía salida. Si me encontraban, rogaba que no me tomaran preso. Habiendo militado en Brasil a fines de la década de 1960, más que

a la muerte, temía la tortura. Ni siquiera trato de describir cómo me sentía. No veía ninguna luz al final del oscuro túnel. Pero había, ¡sí!. Pronto vi las luces intermitentes de un magnífico Mercedes Benz blanco, que se acercaba a mí después de entrar en el callejón sin salida.

Qué era, o quién era, queda para el próximo capítulo.

VI.

El Mercedes blanco y que ¡viva Zapata!

Máριο Maestri 11 de Septiembre 2020

Volví a casa. Estaba paralizado. No veía salida. Si me encontraban, rogaba que no me tomaran preso. Habiendo militado en Brasil a fines de la década de 1960, más que a la muerte, temía la tortura. No veía ninguna luz al final del oscuro túnel. ¡Pero había, sí! Pronto vi las luces intermitentes de un magnífico Mercedes Benz blanco, que se acercaba a mí después de entrar en el callejón.

No creía lo que veía. El auto se detuvo frente a mi casa y Guillermo Bedregal se inclinó y me dijo a través de la ventanilla del pasajero: - Sube, compañero. No lo había visto desde el 11. Me senté en el asiento delantero. Me dijo que era la segunda vez que venía al condominio para ver si estaba de regreso. En su casa estaban Sandra, mi entonces compañera, y Nara, su hermana. Allá habían estado el *Flaco* Magasich y la *Flaca* Maria Isabel. Nunca pude agradecerle que posiblemente me salvó la vida. Guillermo Bedregal García falleció el 26 de octubre de 1974 en La Paz, su ciudad natal, en un accidente automovilístico. Sus tres libros póstumos muestran la fuerza del poeta segado a los 20 años.

Nuestro barrio estaba ubicado en una región, en la zona Este de Santiago, donde se ubicaban conjuntos habitaciona-

les compuestos generalmente por viviendas unifamiliares, habitadas por empleados, trabajadores o jubilados. Había unos mejores que otros. No muy lejos, habían “tomas” antiguas y nuevas que se esforzaban por urbanizarse, entre ellas Lo Hermida. Era una región donde dominaba la izquierda y la unidad popular. Tierra liberada.

Al norte del centro de Santiago, precisamente en la Plaza Italia, comenzaba la zona de los ricos, el “Barrio Alto”, destacando Providencia, que prácticamente no conocía. Era la región de los “momios”, de los “pitucos” –snobes–, de los exploradores. El barrio era visto por las clases populares como un lugar de libertinaje, de deshonestidad moral. Una madre de familia trabajadora no iba a permitir que una hija adolescente fuera sola a Providencia.

En el Chile de la Unidad Popular había prácticamente dos tipos de ciudadanos, con zonas intermediarias de transición. La gente de izquierda, nosotros, y la gente de derecha, ellos. La división también era étnica. En Providencia y los barrios ricos, dominaban los jóvenes rubios, de ascendencia española, alemana, eslava... En los barrios populares imperaban chilenos y chilenas con el pelo negro y lacio, la piel más o menos bronceada. La ascendencia indígena era fuerte en las “tomas” y “poblaciones” más pobres. Sus habitantes eran llamados despectivamente, “rotos”, rústicos, mal vestidos, etc.



Guillermo Bedregal García, que murió en La Paz, Bolivia, el 26 de octubre de 1974

Viajamos poco más de media hora, por esas dos extrañas y opuestas “ciudades”. Inicialmente cruzamos parte de la ciudad derrotada, atravesando los barrios de las clases populares y medias. En ellos e incluso en el centro de Santiago, solo se veían patrullas militares circulando o apostadas en las esquinas. Aún se escuchaban disparos de vez en cuando, generalmente de francotiradores que no se rendían. Los muy pocos transeúntes iban con la cabeza baja a pasos apresurados. Conocía el camino, por haberlo hecho cientos de veces, en bus, desde el Pedagógico de la Universidad de Chile, hacia el Centro, por las avenidas Macul, Irarrázaval y finalmente Vicuña Mackena.

Cuando llegamos a la Plaza Italia y tomamos la Avenida Providencia, el paisaje cambió abruptamente. Entramos a la ciudad victoriosa, de fiesta, con autos con banderas chi-

lenas y del movimiento fascista Patria y Libertad, con jóvenes y adultos celebrando en las calles. Parecía la victoria de la selección nacional en el Mundial. Los pasamos a todos, sonriendo. Guillermo tocaba la bocina festejando, yo hice la señal “V” de la victoria con mi mano derecha fuera del auto. Después de todo, romper el asedio engañando a esa banda de energúmenos fue una victoria, aunque minúscula, en la inmensa derrota.

Finalmente llegamos a nuestro destino, en el barrio de Las Condes. La casa era realmente imponente, con un gran jardín delantero, en una avenida con grandes casas y pequeños palacetes. Al entrar a la casa, recordé la película “Lo que el viento se llevó”, con las mansiones de dos pisos, con sus enormes escaleras en el amplio hall de entrada. Encontré a Sandra, Nara y varios otros jóvenes, de ambos sexos, a quienes Guillermo había dado cobijo. No faltaba espacio. Nara recuerda que habían almorzado y cenado en una mesa larga, con varios comensales. Creo que me quedé allí solo dos días.

La madre de Guillermo estaba al borde de un ataque de nervios, y con razón. Era casi imposible para los vecinos, todos “momios”, no seguir el extraño movimiento en la casa, desde el día 11. Y la señora tenía recuerdos dolorosos. Española, de familia aristocrática, aún niña, había sido llevada por un empleado de la zona republicana a territorio franquista, transportada, en parte, debajo de uniformes de soldados destinados a ser despiojados.

Guillermo y yo hablamos de la situación y coincidimos en que era insostenible. Guillermo había estirado la cuerda de la solidaridad hasta el límite que su madre podía aguantar. Sin embargo, la señora, una verdadera dama, nunca

mostró su angustia. Le pregunté si podía dejarnos frente a una embajada que aún recibiera asilados.

Guillermo respondió que no era necesario. En su calle, ¡había algunas a pocas centenas de metros de distancia! ¡Definitivamente era la ubicación ideal! Siempre he creído que la avenida se llamaba Las Naciones, que no existe en el mapa de Santiago en ese lugar. Seguramente una zancadilla de mi memoria. Quizá la casa estaba ubicada en la Avenida Presidente Kennedy.

Guillermo insistió en que Sandra y yo fuésemos bien vestidos. Me eligió una camisa marrón con cuello alto, como se usaba en ese momento, de buena tela. No dije nada, pero pensé que me quedaría estrecha. Él era más alto que yo y delgado. En esa época yo era gordo, con meses de escasez, comiendo fideos con Pomarola, “arroz”, “porotos” y “huevitos revueltos con hallulla”. En mi casa era yo quien, digamos, cocinaba, ya que Sandra y Nara no se llevaban bien con las ollas.

Me di un largo baño, me corté la barba. La camisa casi me quedó grande. Me pesé y constaté asustado que pesaba al menos ¡ochos kilos menos que el día 11! Cuerpo de bailarín español, más por el estrés que por la poca comida de esos días.

Nos despedimos de Guillermo y su madre. Nara decidió quedarse e intentar salir del país legalmente. Salimos en busca de la Embajada de Colombia, a unos doscientos metros. Íbamos con el corazón en la mano, porque temíamos no recibir asilo e incluso ser arrestados al intentar obtenerlo. No fue difícil identificar el edificio, con la bandera desplegada y ... dos pacos en la puerta. Sin embargo, ni siquiera parapadearon. De hecho, hacían todo lo posible para evitar ser

transferidos, por una denuncia del embajador, a operativos más riesgosos que se desarrollaban en Santiago.

Toqué el timbre y un oficial, con uniforme parecido al de la Fuerza Aérea de Chile, entreabrió la puerta, con cara poco amistosa. Preguntó qué queríamos. Mientras respondía, empujé a Sandra del brazo, que entendió el movimiento, y entró al antejardín. Y yo, detrás. Ya estábamos en territorio colombiano, cercado, ¡A ver quién nos sacaría de allí! – Pensé.

El oficial nos introdujo en una habitación muy bien amueblada, con una alfombra mullida, y nos hizo sentarnos en dos sillones del mejor cuero. Pronto, un hombre joven alto entró por una puerta lateral y se sentó en el escritorio, frente a nuestros sillones.

Hice uso de la palabra para decir que solo éramos estudiantes brasileños inocentes, que buscábamos asilo, temiendo por nuestras vidas. Me interrumpió con la amabilidad de un diplomático. Dijo que no importaba quienes éramos, que mantuviésemos la calma, que desde ese momento teníamos el derecho de asilo, ofrecido y garantizado por su gobierno. Solo quería saber si teníamos armas y grandes sumas de dinero. En el primer caso, se vería obligado a retirarlas, sin devolución. En el segundo, haría lo mismo hasta que viajáramos. Nos daría un recibo.

No teníamos ni lo uno ni lo otro. De hecho, solo teníamos nuestros papeles y cincuenta despreciables dólares.

Siempre supe que hay que agradecer sobre todo lo que se nos dá besando la mano. Antes de que el embajador se levantara, le dije que, en nombre de mi esposa y el mío, estaba muy agradecido con él y con el gobierno colombiano por el asilo solidario que recibimos.

Sonriendo, dijo que, si queríamos agradecer al gobierno colombiano, tendríamos que salir del edificio y dirigirnos a dos o tres casas más arriba, por las que habíamos pasado. ¡porque estábamos en la embajada de México!

Le respondí que no, gracias, casi gritando, ¡Y que viva Zapata!

VII.

La muerte como plato frío y los bocadillos como complemento

Siempre supe que hay que agradecer todo lo que se nos da besando la mano. Antes de que el embajador se pusiera de pie, le dije, en mi mejor castellano, que en nombre de mi esposa y el mío, le agradecía inmensamente a él y al gobierno colombiano el asilo solidario que recibimos. Sonriendo, dijo que, si queríamos agradecer al gobierno colombiano, tendríamos que salir del edificio e ir a dos o tres casas más arriba, por donde habíamos pasado. ¡que esta era la embajada de México! Inmediatamente le respondí que no, gracias, casi gritando ¡Y que viva Zapata!

La residencia era el domicilio oficial del Embajador Gonzalo Martínez Corbalá, entonces de 45 años, amigo personal de Salvador Allende, hombre de coraje y decisión, que no le negaba asilo a quien llamaba a las puertas de México, garantizándole libertad, vida y camino al exilio más o menos amargo para casi ochocientos desesperados, muchos con sus familias.



Embajador mejicano Gonzalo Martínez Corbalá

Meses después, cuando partió de su residencia o de la embajada, el último asilado, Gonzalo Martínez Corbalá abandonó Santiago y el gobierno mexicano rompió relaciones con Chile durante toda la época pinochetista. Por el contrario, durante el largo período de la dictadura, la embajada de Brasil, bajo la bota de los generales, así como la de China, al mando del “Gran Timonel”, mantuvieron relaciones fraternales aplicando la orden terrible de mantener sus puertas cerradas durante el golpe.

Nara llegó al día siguiente de nuestra entrada, después de establecer contacto con nosotros, para facilitarle el ingreso, según recuerda.

La casa era grande, una pequeña mansión, y ya estaba literalmente repleta, tal vez cincuenta personas o más. Había una gran sala, con chimenea y piano, que algún refugiado tocaba de vez en cuando. En una pequeña habitación había una televisión en blanco y negro, transmitiendo noticias controladas por los golpistas. Además, una o dos habitaciones y, por supuesto, las habitaciones del embajador, las de su familia y otras habitaciones por las que no circulábamos.

Había chilenos, argentinos, uruguayos y otros latinoamericanos. Pocos brasileños. Era un grupo desigual, con ex militantes, funcionarios de la UP y no sé qué más. A veces faltaba solidaridad. Las habitaciones fueron adornadas por los ocupantes. Las filas en los baños eran enormes. Cuatro o cinco se secaban con la misma toalla. Dormíamos en el piso alfombrado, sobre mesas. Creo que había calefacción central. Las sillas y los sofás eran custodiados con celo y cedidos con el ceño fruncido a alguien mayor o menor. Pero también vi compañeras abrir sus maletas y dar ropa a desconocidos que la necesitaban.

Dos brasileños organizaron una “acción” y “expropiaron” unas botellas de la bodega del embajador. Mi recriminación recibió miradas de desconcierto. Las discusiones eran raras. En general, se decía que todo estaba perdido antes de que comenzara el golpe. Un comunista chileno afirmaba que el golpe se debió a la radicalización propiciada por los izquierdistas.



Hugo Blanco, Peru, c. 1961-63

Llegaban nuevos refugiados, gota a gota. Vi a Gustav Harald Edelstam, embajador de Suecia, alto, delgado, vestido de negro, entrando en la gran pieza, trayendo consigo al líder campesino trotskista Hugo Blanco, que había escapado de la pena de muerte en Perú, de donde había sido deportado en 1970. La prensa golpista chilena pedía su cabeza.

Los no chilenos eran en parte "militantes armados" exilados en Chile. Establecí relaciones con dos simpáticos montoneros políticamente no muy bien ilustrados. En una conversación, uno de ellos, enorme, siempre alegre y muy rústico, declaró que odiaba a los homosexuales. – ¡Si veo un "maricón", lo fornico sin pena! Un brasileño grácil se puso de pie diciendo: - ¡Me retiro, antes de que el compañero, en abstinencia, salte sobre el más débil de nosotros! El Montonero recibió una palmada en la nuca de su compañero que no paraba de reír. Perplejo, daba la impresión de que no entendía por qué nos reíamos.

La concentración de izquierdistas refugiados en Chile daba a la derecha la posibilidad de asesinar a centenas de dirigentes y "guerrilleros" izquierdistas. Muy pronto se organizaría la Operación Cóndor, de exterminio, coordinada por el imperialismo, con la participación de Brasil, Argentina, Chile, Bolivia, Paraguay y Uruguay.

El embajador Gonzalo Martínez Corbalá organizó primero la partida de los extranjeros por temor a la invasión de grupos paramilitares fascistas, bajo las órdenes de los militares. A fines de septiembre, notificó que los extranjeros viajarían a México. Nos quedamos entre siete y diez días en la residencia diplomática. Un autobús se detuvo cerca del patio de la casa. Diría, sin estar seguro, que era amarillo y que entramos por una puerta trasera.

Seríamos unas dos docenas, incluyendo a Sandra, Nara, Hugo Blanco y yo. El autobús hizo una o dos paradas, una de ellas seguramente en la Embajada de México, donde abordaron varios asilados más, entre ellos algunos de los brasileños enviados a Santiago, a cambio del embajador de Suiza, secuestrado el 11 de diciembre de 1970, en Río de Janeiro.



Muralista de izquierda en Santiago

Antes de que nos subiéramos al autobús, un oficial mexicano bigotudo, grande y un poco gordo, con dos pistolas enormes, habría dicho que no tuviésemos miedo, que él nos cuidaría. Si mi memoria no me falla, viajó con nosotros al lado del conductor, junto a la puerta del autobús. El viaje

al aeropuerto fue atroz. Era de noche o de madrugada. Se escuchaban algunos disparos de militares o, quizá de francotiradores que esperaban la noche para disparar contra las fuerzas golpistas. Casi no había nadie en las calles.

Imitando a los mexicanos, en Chile se habían formado brigadas de jóvenes que pintaban murales en las paredes, sobre distintos temas: el trabajo, el programa de la UP, eventos internacionales. La brigada del Partido Comunista se llamaba Ramona Parra (BRP) y la de los socialistas, Elmo Catalán (BEC). El MAPU, la Izquierda Cristiana, el MIR, también pintaron algunas paredes, pero mucho menos y de menor calidad.

La BRP era la más organizada y sus obras gráficas eran sobresalientes. También eran conocidos por la violencia sectaria contra militantes de la izquierda revolucionaria, en diciembre de 1970, asesinaron de dos tiros al estudiante mirista Arnoldo Ríos, en Concepción. Al pasar por las calles se veían los viejos y hermosos murales cubiertos rápidamente con pintura blanca, inicio del intento rabioso de borrar la imborrable tradición de lucha chilena.

El autobús entró en el aeropuerto. Bajamos y tuvimos que pasar por un centro de identificación, donde no mostramos ningún documento, ya que estábamos bajo la protección del Estado mexicano. Quizás la embajada entregó una lista. Algunos de los refugiados ni siquiera tenían documentos.

Recuerdo que jóvenes oficiales o suboficiales de la Fuerza Aérea avanzaron hacia dos de nuestros compañeros, queriendo registrarlos. Nuestro guardia mexicano, con bigotes grandes, sacó pecho, se puso en posición de tiro y dijo algo que no es-cuché. Fantaseando, diría que gruñó: – ¡Ni cagando, gringos! Los golpistas se retiraron y pasamos con tran-

quilidad. Creo que volvimos a subir al bus hasta la puerta del avión, con nuestro ángel Pancho Villa en la puerta del bus.

Entramos y nos sentamos. Más tarde, me dijeron que era el Caravelle de la Presidencia de México. Quizás. Lo cierto es que cinco aviones fletados mexicanos habrían llevado refugiados desde Santiago. Finalmente comencé a sentirme más tranquilo.

Serían asientos para cuatro porque, además de Sandra, un brasileño y su acompañante estaban a mi lado. El joven sudaba profusamente. Traté de calmar al miedoso. Le dije que no temiera, que ya estaban cerrando las puertas del avión. Él respondió, siempre asustado, que se cagaba en las milicias fascistas. ¡Tenía miedo de volar! Luego supe que había participado con relevancia y valentía en varias acciones militares en Brasil.

El avión despegó. No quise mirar por la ventana. Respiré tranquilamente pero el vacío en mi estómago que sentía desde el 11 de septiembre no desapareció. Y no desaparecería durante largos meses. Aunque ya había pasado el miedo de que me arrestaran, de que me torturaran, de morir, era cierto que algo había terminado en mí con el derrumbe del país en el que había decidido pasar el resto de mi vida, porque nunca me había sentido ni me sentiría tan vivo y realizado como allí, entre un pueblo que tenía entonces su destino en ambas manos.

El avión se elevó, se estabilizó. El comandante informó que se podía retirar el cinturón de seguridad. Algunas personas se levantaron para ir al baño. Y, con calma, me relajé aún más, tumbándome en el asiento. Y de repente, perplejo, me encontré con una imagen que Nara, ayer, a través de

WhatsApp, con razón definió como “surrealista”. Por los pasillos avanzaban hermosas y jóvenes azafatas, con elegantes sombreritos y uniformes azul y rojo, creo, con bandejas de vasos de whisky, coñac, vino y de delicados bocadillos y dulces. Todo bien y genial.

No pude evitar pensar que alguien se estaba burlando de nosotros.



Mário, Sandra y Marina, México, diciembre de 1973

I.

La Mia Partecipazione Alla Resistenza Armata Al Colpo Di Stato Dell'undici Settembre '73 In Cile

I. Santiago, la mattina dell'11 settembre 1973

Il titolo è maestoso, ma la campagna fu piuttosto misera. Credo però, come il poeta, che “niente è piccolo quando l'anima è grande”.

Una mattina di agosto 1973, ero nella nostra casa di via *El Remanzo*, nel quartiere *Torres de Macul*, ghetto di rifugiati brasiliani, quando senti, sbalordito, Salvador Allende annunciare la scoperta e repressione di una cospirazione rivoluzionaria tra i marinai cileni, diretta dal MIR, organizzazione nella quale militavo.

Mentre il presidente faceva questa perfida denuncia, la radio ammutolì. Esponenti della destra avevano fatto saltare la torre di trasmissione. I sottufficiali e marinai arrestati e torturati dai loro ufficiali erano dirigenti del vastissimo movimento formatosi nella marina cilena in difesa del governo di Unità Popolare – UP. Lo stesso giorno, assieme a Jorge Magasich, compagno del MIR e della facoltà di Storia, partecipammo ad una rachitica manifestazione in difesa dei valorosi marinai traditi da chi intendevano difendere. Capii in quel momento che la sconfitta sarebbe stata la più probabile risoluzione di quel confronto e che sarebbe stata una questione di settimane o forse di giorni.



Carri armati a Santiago durante il Tancazo, il fallito colpo di stato del giugno 1973.

Fin dal *Tancazo* – tentativo fallito di colpo di stato avvenuto il 29 giugno 1973 –, durante il quale nell'intero paese la popolazione reagì occupando fabbriche, aziende, grandi fattorie, il confronto militare era palesemente l'uscita faticosa dall'acuirsi della lotta di classe. Salvador Allende e la direzione dell'Unità Popolare tentavano di contenere l'inevitabile, con ogni forma di concessioni, che non facevano altro che rinsaldare la destra e debilitare e confondere le forze popolari. Allende permise gli *allanamientos*, e cioè, che l'esercito golpista entrasse in qualsiasi casa per cercare armi della sinistra!

Dopo il *Tancazo*, consapevole dell'avvicinarsi di un colpo di stato, presi due importanti decisioni. La prima ebbe un esito positivo. La seconda fu un **mezzo-floja**.

Io e la mia allora compagna, Sandra, trovammo un modo di far arrivare in Brasile la nostra figlia Marina, di pochi mesi. Una decisione e una separazione dilaceranti. La

bambina fu consegnata ai miei genitori, a Rio de Janeiro, dalla solidaria sorella di una nostra amica, Dora, che lasciava Santiago per tornare a Rio. Dora era la compagna del nostro carissimo amico e compagno João Heredia, come me del Rio Grande do Sul, deceduto alcuni anni fa. Lui e Dora erano ex-militanti della POLOP (Politica Operaia – Organizzazione Rivoluzionaria Marxista), rifugiatisi a Santiago.

La seconda decisione fu di procurarmi armi per il confronto. Qualunque cosa fosse accaduta, non intendevo sgattaiolarmela senza lottare. Dovevo quindi prepararmi per affrontare il mostro.

Un vecchio amico brasiliano, militante della sinistra militarista, vendeva armi. Da lui comprai una Beretta 6.35, bellissima. Era già qualcosa, se non fosse che delle quattro cartucce del caricatore, tre erano arrugginite. Il mio *dealer* mi disse che poteva procurarmi qualcos'altro, che stava vendendo più caro alla destra in modo da poter far prezzi scontati alla sinistra. Vedendomi perplesso, mi disse che se non avesse venduto alla destra altri lo avrebbero fatto.

Non dissi nulla. Non volevo contrariare il mio unico fornitore. La sua futura traiettoria come politico in Brasile fu come minimo coerente con la sua tattica commerciale. Per farla breve, qualche giorno dopo, mi portò un fucile semiautomatico 22, moderno, a canna corta, culatta pieghevole e un caricatore con 20 pallottole, tutte nuove! Non era una Ak-47a, che anzi non avevo mai visto, ma almeno non sarei andato alla festa a mani vuote!

Abbiamo saputo del Golpe la mattina del'11 settembre. Siamo corsi alla facoltà di Pedagogia – il cosiddetto *Pedagogico* – dell'Università del Cile, dove studiavamo e dove c'erano molti militanti del MIR, con alcuni leader studenteschi

per i quali non avevamo molta simpatia. Sempre con Jorge e alcuni altri pochi compagni sostenevamo che il colpo di stato sarebbe uno scontro generale, terribile e decisivo, di tipo tutto o niente, come in Spagna, che sarebbe avvenuto in pochi giorni, forse in poche ore. Loro ci chiamavano in modo peggiorativo di “insurrezionalisti”. La direzione del MIR, composta da studenti giovani, senza esperienza politica e per lo più arroganti, con i sogni guerriglieri dell’epoca, si preparavano per una guerra “dura, irregolare e prolungata”, nelle città, campi, montagne, come a Cuba e in Cina. Poi è successo quel che è successo, come vedremo.

La confusione era totale. Le radio, ormai silenziate, erano già nelle mani dei golpisti. Allende trasmise un discorso disfattista, dicendo a tutti di rimanere a casa, dando per scontata la vittoria del golpe. Nessun orientamento venne dato alla popolazione, oramai abbandonata alla propria sorte, né dal Presidente né dalle altre autorità del governo dell’UP. Una situazione terrificante! Pochi giorni prima, centinaia di migliaia di cileni erano scesi in piazza, nel centro di Santiago, in appoggio al governo, pronti a tutto per difenderlo. Soprattutto settori della sinistra del Partito Socialista venivano, da mesi, preparando le loro armi. Anche nelle forze armate, c’erano importanti settori costituzionalisti e persino di sinistra.

Eravamo tutti nella più completa confusione, cercando di capire se dovevamo abbandonare o resistere dentro il *Pedagogico*, roccaforte della sinistra. Si sentivano già gli spari da armi pesanti, così come qualche risposta da armi leggere, probabilmente della sinistra. Nella confusione incontrai il compagno Afonso Chanfreau, della direzione studentesca del MIR. Mi fece una domanda di tipo “e adesso, compagno, cosa facciamo”. Io ero più vecchio – di due anni! - e avevo già

vissuto il golpe in Brasile, quindi dovevo per forza sapere. Ho risposto qualcosa tipo “non ne ho la più pallida idea”. Ci siamo salutati, augurandoci buona fortuna. L'immagine del suo volto, terrorizzato e teso – con ogni probabilità uno specchio del mio – è andata sbiadendosi solo negli ultimi anni. Ha vissuto per qualche tempo nella clandestinità, lo hanno arrestato e probabilmente assassinato a metà dell'anno seguente. Aveva 24 anni.

Non ricordo come sono tornato a casa, dove pensavo di *armarmi* e cercare qualche punto di resistenza. Ero conosciuto nel quartiere *Torres de Macul* a causa della mia attività politica nella *frente de pobladores*, nei quartieri vicini. Alcuni mesi prima, avevo organizzato una marcia nello stile mirista, tutti in fila, sparsi, per sembrare più numerosi, nella Vila Frei, confinante con il nostro quartiere, che la destra cercava di conquistare alla sinistra.

A condurre il corteo, avevamo messo il compagno “Dentinho” [Piccolo Denti], di nome Marconi, del Rio Grande del Sud, altissimo e magro, con i capelli neri, ricci, che indossava un vecchio cappotto che mio padre aveva lasciato a casa mia in una delle sue visite. Marconi aveva in mano un enorme bastone, che serviva più ad intimorire – intimoriva veramente – che a ferire. Ci preoccupava di più la fila seguente, dove camminava un compagno brasiliano, Éder Sader, che voleva assolutamente essere presente nonostante le sue difficili condizioni di salute. Alla marcia partecipavano anche Turco, Jaimão, anch'essi brasiliani del Rio Grande do Sul, e molti altri compagni brasiliani e cileni.

– *Pueblo, conciencia, fuzil!* MIR! – gridavamo nelle vie scure.

Le case dei *momios* (così chiamavamo la destra) rimanevano scure. Invece i vicini dell'UP uscivano per applaudirci, alcuni aderivano alla nostra protesta. La mattina dopo, i ragazzi del nucleo giovanile mirista che coordinavo – operai, disoccupati, studenti – spaccarono i vetri delle poche case che portavano ancora manifesti anti-UP. In poco tempo, i *momios* abbandonarono le proprie dimore e cercarono rifugio nei territori della destra. Quella parte della città venne conquistata dalla sinistra e per la sinistra con solo qualche grido e vetro rotto!

All'entrata della *Vila Macul*, dove abitavo, mi fermò un compagno brasiliano, militante in un'organizzazione armata. Voleva informazioni sulle ambasciate che ricevevano rifugiati. Ne approfittai per chiederli di accompagnarmi fino a casa mia e vigilare attraverso la grande finestra del soggiorno mentre prendevo la pistola e il fucile che avevo nascosti.

Nel bel mezzo di quella mia operazione, il compagno, impaurito, disse che doveva andare e uscì di corsa, lasciando la porta semiaperta. Dalla finestra, lo vidi a testa in giù che oltrepassava una Jeep la cui parte posteriore era ricoperta da un telo verde scuro. È difficile descrivere il mio spavento, la mia angoscia. Il mio *glorioso* fucile mi stava accanto. Lo innescai, deciso a sparare e uscire di corsa dalla porta della cucina per poi saltare nel giardino della vicina. Il problema era che lo sparo del 22, facendo poco rumore, poteva non essere sentito!

La Jeep si fermò due o tre case prima della mia e un compagno socialista ne uscì, si guardò attorno, anche lui spaventato, prese il pacco che gli dava la moglie e fece marcia indietro.

Non ho mai dimenticato il compagno brasiliano, che conoscevo poco, squagliandosela senza dirmi niente, sperando di scappare prima che cominciasse la sparatoria.

Presi i miei documenti, cento dollari – una fortuna nel cambio nero cileno –, misi la pistola alla cintura, indossai un poncho, che sarebbe servito anche a coprire il fucile, e andai a incontrare i compagni e le compagne al *Pedagogico*.

Poco tempo dopo che ero lí, un camion dell'esercito, con una mitragliatrice punto 30 sul tetto, si fermò, minacciosa, davanti al portone di entrata del campus. Con altri studenti, uscimmo dal portone laterale, camminando lungo viale Grecia, dove c'era un supermercato sotto controllo dell'UP.

Nel gruppo, se non ricordo male, c'erano Sandra, la mia compagna, Nara, sua sorella, Marconi, forse *Taradinho* ["piccolo pazzo"], Daniel, il *Flaco* Magasich e la sua compagna, Maria Isabel, Guillermo Bedregal, compagno boliviano militante del MIR, cui probabilmente devo la vita. Con noi camminava anche il "Pantera"! Non ricordo il suo vero nome. Era nero, magro, mediamente alto, con stupendi capelli "black", che gli valsero il suo nomignolo. Essendoci stata pochissima schiavitù in Cile e quindi pochissimo razzismo anti-nero, "Pantera" era una novità e faceva molto successo tra le studentesse cilene, che amavano toccare la sua capellatura.

In quel momento però "Pantera" era un grande problema. Camminava assieme a noi, nel mezzo del viale e, dalla parte più abitata, alcuni *momios* si avvicinavano, segnalando la presenza del "cubano". Avevo dato il fucile e il poncho a Marconi, che procedeva a sinistra del nostro gruppo, mentre io camminavo a destra, con la pistola armata, lungo il muro, sperando che, se fosse necessario, a sparare fosse la pallot-

tola buona. Ogni volta che gruppi sparsi di *momios* cercavano di avvicinarsi, Marconi alzava un po' il poncho e faceva vedere la "mitragliatrice". Era un vero e proprio fuggi fuggi. Marconi era l'unico ad aver avuto una formazione militare, avendo fatto da poco il servizio di leva nella polizia militare dell'esercito brasiliano.

Mi raccontarono che un po' dopo alcuni compagni cileni misero "Pantera" nel bagagliaio di una macchina e fecero il giro delle ambasciate finché non riuscirono a lasciarlo in una di loro, sano e salvo. Molti afro-cubani o afro-latino-americani arrestati furono assassinati.

Avendo saputo che, in una casa prossima si alloggiava un "gruppo tattico di combattimento" del MIR, della mia stessa circoscrizione di militanza, cercai di raggiungerlo, pieno di fiducia. Ero sicuro che, armato con una AK-47, un M-16 o qualcosa di simile, che si dicevano abbondanti nell'organizzazione, sarei stato pronto ad affrontare qualsiasi cosa!



AK 147

II.

Santiago: 11-12 settembre – le armi della rivoluzione – la morte di Allende

Non so come abbia fatto a trovare ed entrare nella casa dove aveva preso stanza il “gruppo tattico di combattimento” del Gruppo Politico Militare 3, la mia circoscrizione di militanza, in cui appartenevo ad una cellula di quartiere, assieme a Jimena, Mario, Lucio, Roberto e due o tre compagni di cui non ricordo il nome. In essa disimpegnavo anche la funzione di coordinatore del piccolo nucleo di giovani *pobladores*. Sono ormai passati 47 anni, ma ricordo che furono ore e giorni di grande tensione. Come storico ho imparato che la memoria, a proprio piacimento, spesso ci induce in errore, ci inganna, amalgamando fatti, riorganizzando date, ritoccando narrazioni che ripetiamo più volte. Spesso, trasformando l’immaginario in realtà.

Venni abbordato dal comandante del piccolo gruppo di stanza in quella casa popolare, con una cucina, un piccolo soggiorno e due camere. Era conosciuto da tutti come “Pato Malo”, soprannome tipicamente cileno, che significa più o meno “Anatroccolo Malvagio”, il cui significato si riferisce a una persona che si avvicina alla delinquenza, che dev’essere temuta. Eppure questo mirista giovane – avrà avuto meno di vent’anni –, di pelle e capelli scuri, piccolo di statura, faceva di tutto per ispirare sicurezza e autorità. Qualche anno

fa, ho trovato su internet una foto, sicuramente sua, tra centinaia di *miristi* assassinati dai militari, nel suo caso probabilmente nei primi mesi della dittatura. Io ormai vecchio e lui eternamente giovane. Non è facile esprimere l'emozione che mi ha causato.

Pato Malo aveva già sentito parlare di me. Erano pochi i brasiliani che si integrarono in modo organico al MIR e alla rivoluzione cilena. E io ero del suo GPM, dopo aver militato per alcuni mesi nel gruppo del *Pedagógico*, in cui avevo trovato giovani brasiliani del mio stesso stato, il Rio Grande do Sul, come Marconi, Daniel, *Taradinho*, Nílton (conosciuto come *Bem Bolado* –“Ben Fatto”) e Felipe. Nilton è stato assassinato prima del golpe, in un confronto con un'organizzazione fascista. Felipe fuggì da Santiago e sparì a Buenos Aires, dove ha continuato a militare nella Giunta di Coordinamento Rivoluzionario, un tentativo di collaborazione tra organizzazioni militariste del Cono Sud, fortemente colpita dalla repressione.



Fidel nella Sierra Maestra

Prima di accettarmi nel gruppo Pato Malo mi chiese se avevo avuto una formazione militare. Gli dissi di no, ma che sapevo sparare bene, con la pistola e con il fucile, il che era vero. Da bambino, nella fattoria di una prozia, sparavo spesso, con un fucile da caccia a doppia canna, calibro 16, a certi uccelli che volavano nei boschi di pini, dopo essersi saziati nei campi di mais. Gli dissi anche che, per i miei 18 anni, avevo comprato un 38 e, subito dopo, un fucile 22, a canna lunga e caricatore corto, i cui proiettili costavano poco. Me lo portavo appresso quando stavo nei campi e uccidevo tutto ciò che trovavo – pavoncelle, fornai rossicci, caracche, nutrie, ecc. Ho risparmiato i *capibari* soltanto perché non ne ho mai trovato. Tutte cose da imputare all'età e all'epoca, di cui finora mi vergogno.

Pato Malo sembrò soddisfatto di acquisire un nuovo combattente e, soprattutto, di ciò che il nuovo *guerrigliero* si portava appresso. E fu in quell'esatto momento che crollarono gli auspici e le speranze che mi avevano indotto a cercare quel nucleo armato del MIR. In una rapida occhiata, intravidi l'*arsenale* del nostro gruppo, su un tavolo accostato a una parete, sopra a una bandiera del MIR, rossa e nera, come quella cubana del 26 giugno, che ispirava così tanto la nostra direzione, incasinata tra sogni di guerriglia e lotta di classe concreta. Parlerò più avanti di quell'artiglieria. Ma mi fu subito chiaro il significato degli sguardi che Pato Malo lanciava al mio umile fucile 22.

Mi disse che le armi erano centralizzate e dicendolo mi prese il fucile, con gli occhi che brillavano. Da quel momento, non si separò più da quell'arma. E, insaziabile, con l'indice m'indicò la mia piccola Beretta 6.35, visibile alla mia cintura, giacché mi ero tolto il poncho. Preso dalla disperazione, ebbi la presenza di spirito di dirgli, ad alta voce, in modo da

essere sentito da tutti, e con l'autorità di uno che aveva vissuto sotto la dittatura militare brasiliana – il che ad essere sinceri non voleva dire molto – gli dissi che la legge della guerriglia non permette che un combattente sia spogliato di ogni sua arma. Pato Malo, un po' sorpreso, mi chiese scusa. Non conosceva quella determinazione guerrigliera. E io uscì di soppiatto, con la mia piccola pistola ormai al sicuro nella tasca dei pantaloni, e fui ispezionare l'armamento *pesante* del nostro gruppo.

Mi avvicinai al tavolo, contro la parete. Non ricordo tutte le armi nei dettagli, ma ho ancora presente il fatto che l'arsenale si componevano essenzialmente di due o tre carabine, vecchie e malridotte, ma forse ancora funzionanti, e di due o tre rivoltelle anch'esse non proprio nuove. Nello scrivere questi ricordi, mi è ancora nitida la visione di una di quelle rivoltelle, per avermi causato una profonda sorpresa e, in un certo modo, per aver definito la realtà dei fatti. Ribadisco che, nel presente racconto, cerco di dare un'ordine logica ai miei ricordi, che ubbidisca il più possibile agli eventi vissuti in quei giorni terribili.

Nei film *western* statunitensi della mia gioventù, nei cinema di Porto Alegre – quando erano pochi i film in televisione -, soprattutto in occasione degli attesi e emozionanti duelli, vedevo i *cowboy* estrarre la loro arma con la mano destra e armarla colpendo il grilletto con la mano sinistra per poi sparare. All'epoca non capivo la ragione di una tale mossa. Nel maneggiare la Colt 45 del nostro gruppo MIR, ho capito la mossa dei *cowboy*. Bisognava armare manualmente per poi spingere il grilletto e sparare. Insomma, avevo davanti a me un revolver con tre colpi che probabilmente era della metà dell'Ottocento. La nonna della mia Beretta 6,35!

La nostra più importante risorsa bellica era costituita da una dozzina o forse più di granate artigianali di TNT, stabilizzate con qualche composto solido che non ricordo cosa fosse. Nella parte superiore avevano una sorte di stoppino, da accendere prima di lanciare l'arma contro il nemico. Erano fabbricate dallo stesso MIR, che aspirava all'autosufficienza, mi spiegò Pato Malo. Il quale, con un mezzo sorriso, mi disse che le granate erano denominate *fifty-fifty* poiché solo il 50% di loro solevano scoppiare dopo il lancio. Nei giorni seguenti e fino alla mia smobilitazione, in una Santiago già completamente soggiogata dal golpe, ho sempre avuto appresso la mia pistola, le mie quattro cartucce e due di quelle granate, che sembravano, sia nel colore che nelle dimensioni, candele di cera bianca.

Chiesi a Pato Malo per quale ragione non eravamo meglio armati, giacché, da mesi, tutto indicava che un *golpe* avrebbe avuto luogo. Se ero riuscito a procurarmi due armi funzionanti, per quale ragione non avevano fatto la stessa cosa o meglio ancora? Mi disse che le migliori armi erano centralizzate e che la filosofia militare dell'organizzazione era di non comprare armi ma di conquistarle in battaglia. Sempre più spaventato dal surrealismo e dalla totale incomprendimento politica della situazione, non ricordo esattamente cosa ho pensato in quel momento, ma doveva sicuramente essere qualcosa che assomigliava alla canzone-samba di Noel Rosa "Con quale vestito andrò al ballo" al quale i putschisti ci stavano invitando!

Appena fu possibile, per non correre il pericolo di essere denunciati, ci trasferimmo in un'altra casa, con i fucili avvolti in coperte leggere, le granate distribuite tra i membri del gruppo, che a dir loro era di una dozzina o poco più. Camminavo dietro il gruppo, con la mia pistola. Pato Malo

era davanti con il mio fucile. Due o tre compagni presero un'altra strada. Ci ricevette una compagna in una casa di classe media, di due piani, mobiliata meglio di quelle in cui eravamo stati prima o in cui saremmo andati dopo, nella periferia della *población* dove ci trovavamo.

Sapevamo che il Palazzo della Moneda era sotto assedio e resisteva. Si sentivano spari da tutte le parti della città. Le informazioni arrivavano al contagocce ed erano confuse. Non c'erano telefonini all'epoca, né WhatsApp! Più tardi, soprattutto durante la notte, tra gli spari, si sentivano grida, perlopiù di donne. Dopo poco, la radio annunciò la morte di Allende, confermata da un compagno che portava informazioni e rimase a confabulare in un angolo con Pato Malo. Lo sgomento della compagna proprietaria della casa spezzava il cuore. Piangeva come una bambina. Si recriminava per essere stata soltanto una piccola-borghese progressista – penso che fosse del Partito Radicale, di sinistra.

Ripetevo che non voleva vivere senza i suoi compagni di partito, i suoi cortei, senza l'Unita Popolare. Continuava a dire che era una piccola-borghese che si era accaparrata – ossia, aveva stoccato – quanto potesse per non farsi mancare niente. Fu in quella sua casa che facemmo l'ultimo pasto degno del nome in quei giorni. C'era perfino la cioccolata! Il caffè era cileno, tradizionale e cioè Nescafé battuto con lo zucchero e l'acqua calda. Una schifezza! La compagna continuava a ripetere, desolata, il nome di Allende con un diminutivo affettuoso – *mi Allendito, mi Allendito!* Intuiva i terribili lunghi anni che si sarebbero susseguiti.

Già in esilio, in Belgio, ho saputo che, nel pomeriggio dell'undici settembre, il vertice del MIR ordinò ai suoi militanti di abbandonare la resistenza, in modo da prepararsi per una guerra “dura, irregolare e prolungata”, che, secondo

dicevano, si sarebbe susseguita al colpo di Stato e al massacro e repressione che esso impose. Dopo la sconfitta generale dell'undici settembre, non é avvenuta nessuna guerra né l'ombra di una guerra. Sembra che Pato Malo abbia ricevuto quell'istruzione ma si sia negato a ubbidirci, oppure vi avrà ubbidito a modo suo. Ha continuato a resistere per una settimana con il suo gruppo di giovani disperati e coraggiosi, dimostrando di essere all'altezza del nome che portava.

Il nostro gruppo finì col dividersi in tre per non dare nell'occhio. Come ero militante e più vecchio, mi venne assegnato il "comando" di tre giovani di circa diciotto anni, lavoratori edili. Ma credo che nel pomeriggio del 12 settembre, prima della divisione, già in un'altra casa, ci preparammo per un'iniziativa militare: prendere d'assalto un *retén de carabineros*, cioè un piccolo distaccamento della polizia militare o qualcosa del genere.

Pato Malo ci spiegò il piano: attaccare da ogni lato e prendere possesso delle armi di combattimento, come nella bella canzone *Oltre il Ponte*, scritta da Italo Calvino, sui giovani guerriglieri comunisti italiani, tra i quali egli stesso si trovava, che scesero l'oscura montagna con poche armi – ma funzionanti – per attaccare un distaccamento tedesco. Come le nostre armi, oltre ad essere poche, funzionavano a malapena, Pato Malo scelse cinque o sei del suo gruppo originario, con le rivoltelle e i fucili che avevamo. Lo vedo ancora uscendo dalla porta. Forse mi sbaglio, ma credo sia stata l'ultima volta che lo vidi – e con lui, il mio fucile semiautomatico 22!



11 settembre. Salvador Allende sulla porta del Palazzo della Moneda prima del tentativo di colpo di stato finale

III.

Santiago: 12-13 settembre. Il rifugio evangelico e il piatto di minestra

Il nostro piccolo gruppo di quattro compagni cercò un primo rifugio in una casa della *población* [quartiere]. Una casa semplice, popolare, uguale a tutte le altre. Non ricordo bene chi fu ad accoglierci, so solo che vi siamo rimasti poco. Il coprifuoco era stato decretato. Per tutta la notte si sentirono grida e spari, che, un po' meno forti, si susseguivano in modo intermittente. Le scarse notizie che ricevevamo erano contraddittorie. Qualcuno parlava di resistenza nel sud del paese, qualcuno nel nord.

Aspettavamo con ansia notizie del gruppo di attacco comandato da Pato Malo e del risultato di quell'azione da lui organizzata. L'auspicio era che fosse stata un successo e che i compagni tornassero con qualche fucile sequestrato ai *carabineros*, con i quali, una volta riuniti i tre sottogruppi, saremmo potuti passare ad azioni più ambiziose. Più realista, temevo col cuore stretto che ci fossero compagni feriti e forse morti in quell'attacco suicida. Non credevo fosse possibile pescare senza rete.

Poco prima che abbandonassimo quella casa-rifugio, un compagno arrivò con informazioni. Verso sera, il gruppo aveva tentato di avvicinarsi al posto di blocco. All'angolo di un viale, scorsero una pattuglia dell'esercito non molto di-

stante. Sembra che Pato Malo abbia dato l'ordine di sparare, oppure lo stesso gruppo ha sparato con ciò che aveva, senza aspettare gli ordini, in modo da poter fare immediatamente retromarcia e darsi alla fuga. A loro volta, sembra che anche il sergente e i soldati siano corsi in direzione opposta, forse senza intenzione di usare le loro potenti armi.

Ero felice che nessuno fosse rimasto ferito e che il mio fucile avesse avuto il suo battesimo del fuoco, benché quella povera arma non avrebbe comunque fatto molto danno. Fino alla smobilitazione del nostro gruppo, circa tre o quattro giorni dopo, quello sarebbe stato l'unico scontro. Da quel momento questo gruppo, così come probabilmente anche gli altri due, si occupò soprattutto, in attesa di poter passare all'attacco, il che, ne eravamo tutti consapevoli, sarebbe stato impossibile, di fuggire al rastrellamento che un distaccamento dell'aeronautica faceva nella *población* dopo essere stato informato della nostra presenza.

Non ricordo bene dei compagni del mio gruppo, a eccezione di un giovane, di circa diciotto anni, operaio edile, abitante della *población* nella quale ci trovavamo. In realtà era lui che comandava il gruppo, facendo i contatti con amici della sua età, indicandoci le case in cui saremmo potuti andare e posti in cui nasconderci. Ciononostante, disciplinato, mi comunicava tutto e per ogni cosa mi consultava. Non ricordo il suo nome politico. Poteva essere Pablo o qualsiasi altro.

Appresso avevamo la mia pistola, un piccolo e vecchio revolver, se non vado errato senza munizioni, e circa sei indefettibili granate *fifty-fifty*.

Verso sera, Pablo mi presentò due giovani, che avranno avuto sui sedici anni, vestiti male, con le scarpe rotte, ma-

gri ma molto dinamici, che parlavano uno spagnolo molto popolare. Mi dissero che erano lì per informare i compagni miristi che un piccolo gruppo di giovani *cogoteros* “*momios*” stavano informando la polizia sui locali in cui ci trovavamo.

Cogotero, in cileno popolare, aveva il senso di ladro di strada, delinquente. La spiegazione che mi era stata data quando arrivai in Cile, alla fine dei '70, era che i *cogoteros* si nascondevano tra i rami degli alberi per afferrare la gente dal “*cogote*”, ossia dalla nuca, per poi rapinarla. Santiago ha pochi alberi, ma devo confessare che i primi tempi, li guardavo e mi chiedevo come qualcuno sarebbe riuscito a nascondersi tra i loro rami.

I due giovani esultavano per il fatto di essere in contatto con un gruppo del MIR e ancor più per poter parlare con un “guerrigliero” straniero, che parlava spagnolo con un terribile accento. Gli domandai se non avrebbero potuto dare qualche botta ai *soplones* (informatori). Accettarono, dicendo qualcosa tipo *al tiro*, ossia, “può scommetterci!”, e partirono ancora più eccitati. Pablo mi spiegò che i giovani *marginalizzati* della *población* da tempo erano divisi, con una forte ala favorevole ad Allende e un piccolo nucleo di destra. Quella storia forse finì in modo drammatico, come vedremo.

Quando se ne andarono cominciava a fare buio. Senza aspettare troppo, Pablo ci portò in una casa in fondo alla *población*. Le case dalle quali passavamo erano tutte al buio. Si vedeva poca gente per la strada. Da fuori, la casa dove ci portò differiva dalle altre soltanto perché aveva davanti un giardino pieno di oggetti usati di ogni tipo. Un signore, già anziano, magro, alto, eretto, di chiara ascendenza spagnola, ci aspettava sull'uscio e ci fece entrare.

Quella casa denotava una povertà maggiore di tutte quelle viste finora. Nel soggiorno c'era soltanto un tavolo con attorno sedie disuguali. Una delle porte, in fondo, dava in cucina e due altre alle due camere. C'era un vecchio divano, messo male, con sopra una coperta, e un cassettone sul quale lasciammo le nostre *fifty-fifty*.

Il signore mi pregò di coprire le “granate”, perché la sua “compagna” era molto nervosa. A lui non importavano le granate, poiché, da giovane, aveva lavorato molti anni nelle miniere del nord come dinamitardo. Mi alzai e coprii le “bambine” con il mio poncho colorato, pieno di frange.

La moglie del nostro anfitrione, piccola e magra, un po' più giovane del marito, ci portò dalla cucina tazze di un tè che era quasi pura acqua calda. La signora portava le trecce, aveva forti tratti somatici *mapuche* [pueblo originario del sud de Chile] e si vestiva come quel popolo originario del sud del Cile, che aveva conquistato, sulla scia della vittoria dell'Unità Popolare, parte delle terre che gli erano state rubate dalla colonizzazione spagnola. Con il golpe perdettero queste terre e il popolo mapuche continua fino a oggi la stessa lotta, con enormi difficoltà.

Il signore chiese scusa, non c'era più zucchero. E parlò con la moglie, che molto timida, ci servì e tornò in cucina, senza dire una parola. Piano piano, si avvicinarono tre o quattro bambini dai sei agli undici anni. Il nostro ospite ci disse che erano i suoi nipoti, che li cresceva lui. Aveva lavorato nel salnitro, nell'industria del rame, nell'edilizia, quando era venuto a vivere a Santiago. Adesso, senza pensione, raccoglieva la carta con l'aiuto del nipote più grande.

Si alzò, andò a prendere una Bibbia nel cassettone e ci chiese se volevamo pregare. Vedendo il nostro imbarazzo

non insistette. Ci raccontò che, da giovane, era un evangelico comunista. Col dito ci indicò la parete sulla quale c'era un'immagine molto colorata di Gesù Cristo con, accanto, una stampa incorniciata di Emilio Recabarren, il fondatore del Partito Comunista del Cile, che lui aveva conosciuto, disse con orgoglio. Confessò che aveva più di ottant'anni ma aveva ancora molta energia.

Mentre ci parlava della sua vita, la sua compagna aveva messo quattro piatti sul tavolo. Ci invitarono a sederci. L'anziano chiese scusa se la *cazuela* – tradizionale zuppa cilena a base di carne o pesce, verdure, patate, riso, ecc. – fosse poco sostanziosa. Ricordo che c'erano poche patate, un po' di riso e qualche verdura. Davanti al piatto già servito, chiesi scusa, dissi che non avevo molta fame – il che era vero. Il signore, sorridente e molto paterno, mi disse che avrebbe molto gradito che io mangiassi. Anche la persona più insensibile avrebbe notato il mio enorme stress.

Portai il cucchiaino in bocca e fu come se stessi provando il nettare degli dei, che mi scorreva caldo e sostanzioso nella gola. Quando però mi stavo lanciando voracemente per attaccare l'unica patata che mi era stata destinata, Pablo mi disse, a bassa voce, che la signora e i bambini stavano appoggiati alla parete della sala. “Qui nessuno ha mangiato e questo è l'unico cibo che c'è”, disse discretamente e a sottovoce.

Era un'osservazione discreta di un giovane lavoratore con una sensibilità aguzzata nei confronti della situazione vissuta dai segmenti più poveri della popolazione. In realtà, l'unico che aveva cominciato a mangiare ero io. Imbarazzato, mi rivolsi al nostro ospite, che non essendosi servito aveva il piatto vuoto, giacché la *cazuela* era scarsa, e gli dissi che non potevamo mangiare perché i bambini non avevano

mangiato. E ancora una volta sperimentai una rieducazione proletaria, davanti alla migliore minestra che abbia mai mangiato nella vita.

Il signore disse, con una voce forte e decisa, quasi autoritaria, a me e ai miei tre compagni: – Mangiate. Dovete alimentarvi. State lottando per noi!

Era ancora presto, ma morivo di sonno. Non avevo dormito la notte anteriore, non ricordo per quale ragione. Forse per gli spari, le grida, il golpe che procedeva e io senza sapere dove andare.

Il signore mi disse di andare a riposare nella camera di sinistra. C'erano diversi letti, quasi uno accanto all'altro, dove dormiva tutta la famiglia. Più tardi, mentre andavo in bagno, aprì la porta sbagliata e vidi che l'altra camera serviva da deposito, soprattutto per vestiti vecchi e carta. La pulizia delle coperte era precaria. Nonostante le notti di settembre fossero fredde, misi il mio poncho sul materasso e mi ci sdraiai, vestito e con le scarpe. Anzi credo che in tutti quei giorni non abbia mai tolto i miei stivaletti Bata.

Ero sicuro che non sarei riuscito a dormire. Si sentivano ancora spari, raffiche di mitragliatrici, grida acuti di donne. Ma sprofondai in un sonno profondo, mentre ero divorato da ogni tipo di insetti domestici. Dormii forse due ore. Pablo venne a svegliarmi. Dovevamo andarcene. Uno dei giovani *cogoteros rivoluzionari* era venuto ad avvisare che i *pacos* avevano saputo dai *soplones* [delatore] che ci trovavamo in quella parte della "población". Il giovane aveva anche specificato che ciò non sarebbe più avvenuto, che lui e i suoi compagni avrebbero provveduto.

Raccogliemmo le nostre granate e lasciammo la casa. Senz'alternative, andammo in direzione ad una delle ca-

se-rifugio del MIR, che era stata abbandonata all'inizio del golpe – perché, con ogni probabilità, la polizia ne era già a conoscenza. Non era molto lontano, in un quartiere più borghese. Sulla porta il vecchio signore ci augurò buona fortuna nella lotta e ci lasciò con un “!Váyanse con Dios!”, andate con dio.

Camminammo per le vie della “población”, illuminate da un meraviglioso chiaro di luna, rasente le case, per vie strette, la testa in giù, fermandoci ad ogni incrocio, che attraversavamo uno a uno, per non essere abbattuti tutti insieme. Camminavo davanti, la pistola in pugno, già mezzo consapevole della situazione di non ritorno in cui ci trovavamo. Continuavano gli spari e le grida.

Per ben due volte, vedemmo passare, lentamente, a poca distanza da noi, nei viali più larghi, veicoli delle forze armate, con le luci spente. Eppure, non so per quale ragione, l'angoscia che sentivo dentro i muri delle case in cui ci mettevamo al riparo, spariva come per incanto quando si usciva nella notte, in pieno coprifuoco. Sentivo un enorme sollievo, come se la brezza fredda e la semi-oscurità ci abbracciassero e proteggessero.

Nella casa-rifugio trovammo due altri compagni, non ricordo se fossero del nostro gruppo originale. Ci dividemmo in turni per la sorveglianza dell'ingresso, accovacciati contro il muro, con la pistola Beretta 6.35, pronta – così speravamo – a sparare in caso di necessità. La via di fuga sarebbe stata dalla porta di dietro, saltando poi nel giardino della casa accanto, verso un ruscello prossimo.

Durante il mio turno, Pablo venne a trovarmi. Mi portò una sigaretta, col filtro, di un pacchetto che i due compagni avevano portato e stavano socializzando con quelli che fu-

mavano. Un vero e proprio tesoro! All'epoca fumavo come una ciminiera. Non avevamo nessuna notizia di Pato Malo e del suo gruppo. Accesi la sigaretta, in un modo tale che non denunciassero la nostra presenza. All'improvviso vidi un volto avvicinarsi nella nostra direzione, nel buio, venendo dall'altro lato della via, a circa cento metri.

Avevo il cuore in gola, ma Pablo mi tranquillizzò. Erano compagni del MAPU, di cui uno dei locali si trovava nella casa dalla finestra illuminata da un filo di luce, all'angolo della via. In realtà era l'unica casa che non fosse avvolta nel buio completo. Il MAPU era un gruppo di sinistra con una certa penetrazione nella classe media e nelle campagne, che aveva rotto con la sinistra della Democrazia Cristiana e si era integrato all'Unità Popolare.

Il compagno camminava per la via, con passi piccoli e l'aria tranquilla, venendo nella nostra direzione e ciò di per sé era già molto strano. Ma ciò che m'incuriosì maggiormente erano i volumi che portava, nella mano destra con il braccio alzato e nella sinistra lungo la gamba. Forse erano armi? No, non erano armi! Era molto meglio.

IV.

Santiago: Dal 14 al 16 settembre: Fagioli e salsiccia e il gallo sul trespolo

Con tutta la calma del mondo, come se fosse stata una notte qualsiasi, in una giornata tranquilla dei primi mesi del governo dell'UP, che già non esisteva più, il compagno aprì con un piede la barriera di ferro del piccolo giardino e si fermò davanti a noi, accovacciati come fossimo stati in piena guerra civile!

– *Buenas noches, compañeros!* Vi abbiamo visto entrare nel locale del MIR e abbiamo pensato che non avevate niente da mangiare. Detto questo, appoggiai la pesante pentola, coperta, ancora calda, che teneva nella mano destra, già indebolita, sul muretto dietro il quale cercavano di nasconderci. Nell'altra mano, teneva una bottiglia di vino, intaccata, con metà del tappo fuori dal collo della bottiglia.

Ebbi paura che il compagno solidale accendesse una sigaretta e si sedesse a fumare sul murino, vicino al marciapiede della casa, che sicuramente era conosciuta da tutti gli abitanti di quella via come nascondiglio del MIR. Rannicchiati riuscimmo ad attraversare i pochi metri del giardino, di terra secca, che ci separavano dalla porta. Il compagno ci seguì eretto, senza mai perdere la compostezza, con una calma che non era finta. Nella pentola, fagioli cileni – bianchi – con la salsiccia! Il vino era un *Gato Negro*, della casa San Pedro.



Il compagno era venuto per avere notizie, sapere se avevamo armi. Ci disse che il suo gruppo era nascosto senza sapere cosa fare. La direzione del MAPU determinò che i militanti facessero dietrofront, se non vado errato. Non rimase molto. Ci augurò buona fortuna e ci salutò con un “Venceremos”! Spaventati, lo vedemmo uscire dalla porta e attraversare la strada con la stessa calma e tranquillità con le quali era arrivato.

Meno di un’ora più tardi, di nuovo accovacciati dietro il muretto, *proteggendo* con la mia Beretta 6.35 l’ingresso del nostro *nascondiglio*, vidi aprirsi di nuovo la porta della casa nell’angolo, illuminando un’altra volta quella porzione di strada, e lo stesso compagno dirigersi in nostra direzione, con la stessa calma di prima. Quando arrivò nel punto dove mi trovavo, mi chiese, sempre in piede: – Avete già mangiato i fagioli? Sono venuto a riprendere la pentola. Appartiene alla compagna mia madre.

Andai a prendere la pentola, in cui non era rimasto un unico *poroto*, e gliela diedi, senza dimenticare il coperchio, in modo che non tornasse, augurandogli di nuovo buona fortuna. Rannicchiato nel posto di controllo, osservai, già quasi tranquillo, il compagno ardimentoso attraversare la strada senza, in nessun momento, accelerare il passo, tenendo in mano la pentola recuperata.

Dei giorni che seguirono l'11 settembre, quando la rivoluzione cilena stava collassando – e io assieme a lei –, ho dei ricordi incisi a fuoco nella memoria. Eppure, non sono mai riuscito a riorganizzarli in modo cronologico, organico. Ricordo fatti determinanti, soprattutto in blocchi autonomi, senza riuscire a incatenarli. Qui ho provato a descrivere quelli che più mi marcarono in quei giorni.

In questi ricordi precisi, vi sono interpolazioni, fluide, senza supporto, oppure troppo “arrotondate”. La mia pratica di storico mi costringe a ipotizzare che possano essere aggiunte oppure ritocchi inconsci nella sintassi della mia memoria dei fatti. La bottiglie di vino é liquida, è sicuro. Ricordo di non averne abusato nel paio di sorsi che ne ho bevuto, meravigliosi. Ma che si sia trattato di un *Gato Negro*, il mio *vinito* preferito, che compravo in mezze bottiglie che bevevo una a mezzogiorno e una la sera con i pasti, non posso garantire che sia vero.

Né sono assolutamente sicuro che sia vera la notizia che ricevemmo, non so quando né dove né da chi, che due dei *soplones* che ci minacciavano la ita erano stati trovati con le mani legate e la gola tagliata nella piazza centrale della *po-blación*, dove siamo stati la maggior parte del tempo, come messaggio dai chiari obiettivi pedagogici, inviatoci dai *co-goterios del pueblo*. Comunque, se non è vero, è ben trovato, come dicono in Brasile.

In verità non so nemmeno quante notti ho passato muovendomi di casa in casa, in quel disperato andirivieni. Nara, all'epoca mia cognata, sostiene che sono rimasto fuori per una settimana. Mi pare un po' troppo. Forse cinque giorni. Così come non sono sicuro che gli avvenimenti che sto per raccontare sono accaduti prima o dopo il nostro passaggio nel locale *clandestino* del MIR, nel quale non siamo rimasti più a lungo per ragioni di sicurezza.

Il golpe si stava consolidando senza qualsiasi tipo di opposizione organizzata e per noi aumentava la difficoltà di trovare dove andare. Ancora una volta, fu Pablo a indicare una possibile via d'uscita. Mi parlò del cantiere all'uscita del quartiere in cui ci trovavamo, dove stavano costruendo case popolari o qualcosa del genere. In mezzo all'ampio terreno, c'era una rimessa di legno, dove venivano tenute le attrezzature e dormivano alcuni operai. Potevamo passarci la notte.

Gli chiesi se vi fosse qualcuno che dormiva lì e se fossero di sinistra e affidabili. Mi rispose che la maggior parte degli operai tornava a casa, tranne due o tre. Non era sicuro che fossero militanti e di quale partito, ma garantiva la loro affidabilità. Li conosceva e comunque erano lavoratori.

La descrizione fatta anteriormente del nostro piccolo gruppo che correva per le vie minori del quartiere, rasente alle porte e finestre, ai muretti di mattoni e alle inferriate delle case, attraversando gli incroci, uno per uno, con me davanti assieme alla mia *potentissima* Beretta 6.35, con il suo unico sparo e corto raggio d'azione, ma che ci faceva sentire sicuri, fu uno *script* vissuto diverse volte.

La differenza è che questa volta, mi viene facile articolare questa approssimazione fino ai limiti del quartiere, perché esso era delimitato da una via lunga e larga, costeggiata

da un fosso, non molto profondo, che correva lungo una rete metallica di circa tre metri di altezza. Se non ricordo male con me c'era solo Pablo. Ossia, forse essa fu precisamente l'ultima notte, dopo aver ricevuto ordini perentori dal MIR di abbandonare la resistenza – come la stragrande maggioranza del partito aveva fatto, ancora nella notte dell'undici settembre. Più sotto spiegherò la ragione di tale possibilità.

Ci mettemmo d'accordo sul modo di intraprendere la rischiosa traversata del viale. Con il corpo piegato, corsi veloce fino al fosso, dove, sdraiato e guardando la strada, aspettai che Pablo mi seguisse, proteggendolo sempre con la mia Beretta armata. Sono quasi sicuro che eravamo solo noi due. Pablo riuscì ad attraversare e, agile, cominciò ad arrampicarsi sulla rete, il che faceva un rumore infernale nel silenzio della notte, interrotto da grida e spari isolati.

Nel preciso momento in cui Pablo passava una gamba dall'altra parte della recinzione, all'angolo della via, a non più di una trentina di metri, arrivava una Jeep con una pesante mitragliatrice, seguita da un pullman del quale si vedevano solo, alle finestre dai due lati, i caschi di combattimento e le canne dei fucili. I veicoli avevano i fari spenti. Guardai rapidamente Pablo, sopra alla rete, illuminato dalla magnifica luna. Immobile, sembrava un gallo orgoglioso sul suo trespolo, se vogliamo descrivere quella scena con un po' di compassione per il ferito amor proprio del carissimo compagno. Infilai la faccia nell'erba, ormai scettico con le possibilità della mia pistola. Sarebbe un massacro a bruciapelo, circa quindici metri di distanza.

Sentì solo il rumore dei veicoli che si avvicinavano e poi ci passarono davanti. In quell'esatto momento, convinto che sarei stato ucciso, non mi vennero pensieri gloriosi o epici. Pensai solo che non avrei mai più visto la mia piccola Ma-

rina. E, così come arrivarono, i maledetti veicoli si allontanarono, sempre trascinandosi, portando con sé gli ufficiali, sottufficiali e soldati, sicuramente per andare a commettere altri crimini contro la popolazione che li alimentava.

Fino a oggi mi chiedo come abbia fatto a scavalcare quel recinto. Mi ricordo solo di ritrovarmi, magicamente, dall'altro lato, correndo come un disperato, con Pablo che correva davanti a me, a pochi metri, fino ad arrivare alla baracca.

Ci sedemmo vicino a un vecchio barile di metallo, pieno fino in cima dell'acqua usata per fare il cemento.

Chiedo permesso ai lettori e alle lettrici per tentare di ricostruire in spagnolo il dialogo che ebbi con Pablo.

Pablo mi disse, serio: – *Compañerito, me cagué de miedo!*

E io gli risposi: – *Yo también, compadre. Un miedo bestial!*

E egli mi rispose immediatamente: – *No, compadre, me cagué mismo!*

E, in seguito, si tolse i pantaloni e le mutande e con il suo *poto* –culo– bianco e nudo che rispecchiava il chiaro di luna, cominciò a lavare con molta cura i suoi indumenti da giovane lavoratore, ferito non mortalmente nel inglorioso combattimento.

Protetti dalla distanza, ridevamo senza riuscire a fermarci, forse per il carattere inconsueto della scena, forse per la sorpresa di esserne usciti vivi. Essi furono gli unici momenti di sincera allegria che ho conosciuto in quei giorni e nelle settimane e mesi seguenti.

Ricordo che vedevamo, in un orizzonte ravvicinato, forti esplosioni, forse da cannoni, accompagnate da spari di mitragliatrici e fucili. Venivano dalle parti di Nueva La Ha-

vana. Diventato serio, Pablo mi rassicurò: non si trattava di un attacco alla *población* miserabile fondata e diretta dal MIR, odiata come nessun'altra dalla destra cilena. I compagni e militanti che vi abitavano l'avevano abbandonata la mattina dell'undici.

Gli spari erano tanti che sembravano fuochi d'artificio, a festeggiare il massacro di un popolo, delle sue illusioni e delle sue speranze.



Beretta 6.35

V.

Santiago: settembre 1973. La smobilitazione. Dischi e libri bruciati. Senza via d'uscita

O rmai la *débâcle* sembrava consolidata. Si sentivano soltanto spari isolati. L'ordine perentoria del MIR era di cessare ogni resistenza armata. In realtà ciò stava già accadendo. Del nostro comandante Pato Malo non avevamo notizie precise. Ho saputo ieri dai compagni cileni Flaco e Flaca Magasich, che egli, il cui vero nome era Mario Maureira Vásquez, venne arrestato, incarcerato, torturato e fatto scomparire nell'agosto del 1976. Ciò fa pensare che abbia continuato a militare e a combattere per circa tre anni. Quando fu arrestato, portava un'arma senza munizioni. Sarebbe forse troppo romantico pensare che poteva essere la mia Beretta 3.65? Aveva allora 23 anni. Ne aveva diciannove nel settembre del 1973. Pato Malo era uno che non avrebbe mai usato le parole "resa" e "defezione" e così scrisse a ferro e sangue il proprio nome nella storia della resistenza cilena.

La direttiva del MIR era che i militanti, persino i più conosciuti, rimanessero nel paese e si preparassero a una lotta armata dura, irregolare e prolungata, che finì col trasformarsi in un bagno di sangue per i militanti che tentavano un'offensiva irrealistica in mezzo ad un importante regresso dei movimenti popolari, dopo la disastrosa sconfitta. Divennero

come pesci grandi e temerari che nuotano fuori dall'acqua. Quanto ai militanti stranieri, come i brasiliani, il MIR prevedeva che si arrangiassero e trovassero riparo in qualche consolato o ambasciata. Ma come e dove rifugiarsi? Non ne avevo la più pallida idea.

La mattina presto Pablo mi accompagnò fino a quasi l'inizio di *vila Torres de Macul*. Credo abitasse nelle vicinanze. Per passare inosservati, portavamo la tradizionale borsa per il pane, in filati di nylon, con due manici di plastica colorata. Camminavamo evitando gli sguardi persino di compagni conosciuti del MIR, PS, MAPU, ognuno con la sua borsa della spesa, cercando pure loro di non dare nell'occhio, in mezzo alla gente del quartiere, spaventata, che andava veramente a comprare il pane.

Era una mattina triste e fredda. Volendo essere poetico, direi che avevo la morte nell'anima. A questo punto capì che le cose potevano finire male, per il Cile, a media e lunga scadenza, e per me, nelle prossime ore. Ma tutto può sempre peggiorare. Nel momento in cui incrociavamo due *pacos*, la fifty-fifty che avevo alla cintura mi scivolò nei pantaloni, lungo la gamba destra. Quando mi fermai, immobile, Pablo deve aver visto che la granata era arrivata quasi in fondo alla gamba. Mi si mise davanti e io, fingendo di riallacciar-mi le scarpe, la presi e la misi nella tasca della giacca. Non ricordo dove avevo lasciato il chiassoso poncho.

Ci salutammo all'entrata del quartiere *Torres de Macul*. Gli diedi la granata artigianale, la Beretta 6.35, cinquanta dei cento dollari che avevo – in quel momento era crollata la quotazione della moneta statunitense sul mercato nero. Pablo volle sapere cosa avrei fatto dopo. Gli chiesi dove si trovavano le ambasciate, ma non ne aveva la più pallida idea. E comunque, il problema era come arrivarci. Presi la

mia strada, lui prese la sua, nessuno dei due si guardò indietro.

La Giunta Militare aveva iniziato la caccia agli stranieri fin dalla mattina dell'undici, facendo credere che il golpe era solo contro i non cileni marxisti, soprattutto i cubani, che stavano corrompendo il paese. Per coinvolgere i soldati nella repressione, la giunta permise loro di rubare, stuprare; furono distribuite anfetamine, ecc. Studenti, turisti, visitanti stranieri conobbero vessazioni inimmaginabili e persino la morte. In quei giorni, tutte le lucciole erano diventate lanterne.

Dal primo giorno del golpe, ambasciate e consolati, su pressione internazionale, aprirono le porte per dar riparo ai propri nazionali e rifugio agli altri, di diverse origini, molti con le proprie famiglie. Persino le rappresentazioni diplomatiche di dittature bestiali erano piene di rifugiati. Soltanto due paesi – la Cina e il Brasile - mantennero chiuse le porte delle loro rappresentazioni a Santiago.

La colonia brasiliana, in genere poco familiarizzata e accomunata con la realtà cilena, reagì in modo diversificato al colpo di stato. Il mio caro amico João Heredia, così come molti altri compatrioti, aspettò a casa sua l'evolversi dei fatti. Finì coll'essere arrestato mentre andava a comprarsi le sigarette. In una saletta dell' *Estadio Nacional*, un sergente gigantesco gli ordinò di togliersi e dargli i suoi stivaletti e, pieno di rabbia, iniziò a scagliarli contro il muro e a prenderli a calci. Heredia mi raccontò di aver pensato, spaventato, che se quell'uomone si comportava con una tale furia contro le sue scarpe, cosa non avrebbe fatto con lui! Ma il sergente, un po' stanco, gli disse di rimettersi gli stivali e andarsene. Lo stesso giorno, un compagno cileno socialista fece notare a João che era stato fortunato di essere interrogato da sua

fratello, sergente di non ricordo quale arma, un puro e duro militante socialista.

Alcuni brasiliani furono solidali fino alla fine con il paese che li aveva ospitati. Il carissimo amico Paulo Roberto Telles Frank, ex-sottufficiale, aveva partecipato ad azioni armate in Brasile, prima di essere arrestato e duramente torturato. Dopo il golpe in Cile, resistette, con dei compagni socialisti, in un palazzo sotto assedio da parte di fascisti, nella regione dove lavorava come elettricista. Come Pato Malo, Frank, nato nel 1942 a Pelotas, nel Rio Grande do Sul, era un duro. Ma all'altro estremo ci furono quelli, come un rifugiato politico del Sud del Brasile, che si presentò, con diverse valigie, la mattina stessa dell'11 settembre, a un consolato, dove, se non sbaglio, lo stavano aspettando.

Entrai nella *vila* [quartiere] *Torres de Macul*. Tutte le case avevano l'uscio chiuso. Per le vie si vedeva soltanto qualche donna. Quando entrai nell'impasse *El Remanso*, mi chiamò una signora cilena che conoscevo poco. Pensai che volesse darmi notizie, ma lei mi chiese se potevo lasciare la mia casa a sua cognata! Continuai la mia strada senza risponderle. Nel periodo in cui ci fu l'inflazione e la crisi immobiliare, era molto difficile trovare case in affitto. La *vila Torres de Macul*, appena conclusa, apparteneva alla Cassa dei Lavoratori del salnitro, che concesse case a molti rifugiati.

La nostra era l'ultima sulla destra di quella via senza uscita. Dopo c'erano due case che fronteggiavano l'uscita dell'impasse. La porta della nostra casa era stata forzata. Non lontano da lì, vissi le ceneri dei miei libri e dischi. Fino ad oggi, rimpiango soprattutto la perdita della "Storia della Rivoluzione Russa", di León Trocki, pubblicata da Quimantú, casa editrice fondata dall'UP. Quella pubblicazione ave-

va causata un piccola crisi all'interno dell'UP, con il Partito Comunista che si opponevano e i Socialisti che appoggiavano l'iniziativa. Persino l'ambasciatore dell'URSS aveva interpellato Salvador Allende, il quale gli aveva risposto, infastidito, che era presidente e non coordinatore editoriale, o qualcosa del genere. Avevo dovuto fare rilegare quei libri, perché le foglie si staccavano facilmente. Il rilegatore, un artigiano locale, aveva fatto un lavoro impeccabile.

Quando arrivai alla fine del vico ceco, una vicina, con la quale avevamo buoni rapporti, uscì per informarmi che la nostra casa era stata *allenada* (invasa) due volte. Sembrò preoccupata con la mia sorte. Era molto prossima a un dirigente massimo del partito comunista maoista che si opponeva all'UP, senza che nessuno se ne accorgesse talmente era un partito minuscolo. Ebbi l'occasione di vedere, per ben tre volte, il dirigente di quei pochi diretti, far visita alla nostra amica. Su di lui, c'è una storia, che forse lei stessa mi ha raccontato, rapidamente. O forse l'ho saputa dopo. Ma è importante registrarla.

Il giorno del golpe, quel dirigente maoista aveva telefonato all'ambasciata cinese per chiedere il rifugio politico. Gli dissero che ciò non sarebbe possibile perché non era previsto. Lui rispose che era amico della Cina. Continuarono a rifiutare. Disperato, disse che era "muy amigo" della Cina, non volendo dire al telefono che era un dirigente che stava in contatto diretto con l'alta direzione cinese. Gli risposero che se era veramente "muy amigo" della Cina, era meglio che rimanesse in Cile. Senza via d'uscita, il compagno marxista-leninista entrò in un'altra ambasciata. In America Latina, il governo dell'UP era stato il primo a stabilire rapporti con la Repubblica Popolare di Cina, la quale, in risposta, mantenne le sue relazioni con la dittatura di Pinochet e le

sue porte chiuse ai richiedenti rifugio. Tutto questo all'epoca del regno del "Grande Timoniero"

I miei ricordi degli avvenimenti del mese di settembre del 1973 si confondono con quelli dei compagni e compagne dell'epoca, che, man mano pubblicavo questi ricordi, mi hanno arricchito, precisato e anticipato fatti che io stesso ho vissuto. Tra questi, si distingue sicuramente la testimonianza, inviata dalla carissima compagna Elisa, cilena che vive da moltissimi anni a Porto Alegre, di una sua ex-collega di liceo, a Santiago, oggi residente in Canada, ma che all'epoca viveva nella casa di numero 5042, accanto alla nostra!

Il giorno 11, angosciata con il golpe – sua madre era comunista –, mentre stava cucinando, sentì fortissimi colpi alla porta d'ingresso di casa sua, dati con la cullata dei fucili. Erano soldati della forza aerea, che entrarono e rovistarono velocemente la casa facendole domande sulle attività dei "brasiliani" della casa accanto. Poi, saltarono dal giardino di casa sua nel nostro, invasero la casa e bruciarono dischi e libri. Tornarono il giorno seguente e fecero un'altra perquisizione, informandosi di nuovo sui vicini brasiliani.

I due *allenamientos* [invasioni] mi sono sempre sembrati strani. La precocità delle perquisizioni e l'interesse per le mie attività erano spropositati se si considera che ero un giovane militante straniero nel MIR, senza nessuna tradizione o importanza nel partito. L'insistenza a volermi incontrare, più tardi riaffermata da brasiliani arrestati, potrebbe spiegarsi soltanto se fossero venuti a conoscenza dell'acquisto delle mie "potenti" armi. Se ci fu un *soplón*, mi sembra più probabile che sia stato un brasiliano. Tra le migliaia di brasiliani rifugiati, c'erano informatori e ciò era motivo di angoscia soprattutto da parte dei gruppi armati brasiliani che avevano militanti in Cile.

A quel punto, cosa potevo fare? Non potevo rimanere in una casa perquisita due volte, che, davanti alla porta, aveva libri e dischi bruciati. A Santiago non conoscevo nessuno che non cercasse di nascondersi. Non sapevo come arrivare a un'ambasciata o consolato, a maggior ragione con i controlli di identità ad ogni angolo di strada. Parlavo uno spagnolo medio con un forte accento che rivelava immediatamente la mia origine. Mi trovavo in un territorio sconosciuto senza bussola e senza cane.

Camminai fino all'altro lato del viale Macul ed entrai in una *botilleria* popolare [negozio di vendita di vino, alcool e birra]. Il proprietario, spaventato, mi chiese notizie dei brasiliani, come me clienti abituali di birre e vini a buon mercato. Non ricordo dove mi sono procurato il telefono dell'ambasciata del Brasile. Telefonai e chiesi di potermi rifugiare, in quanto cittadino brasiliano. Mi chiesero se avevo il passaporto. Risposi di no. Mi dissero che per tornare in Brasile avevo bisogno solo della carta d'identità. Risposi che, se mi trovavano, temevo per la mia vita. – “Doveva pensarci prima” – fu la risposta che ottenni.

Durante i più di venti anni della dittatura militare in Brasile (iniziata con il golpe del 1964), le rappresentazioni diplomatiche furono estensioni della polizia politica, il che andava contro la costituzione nazionale. Brasiliani morirono in Cile per non aver trovato rifugio. I governi che si susseguirono alla dittatura, dopo il 1985, chiusero gli occhi, garantendo una totale impunità ai diplomati dell'Itamaraty, che progredirono nella carriera, andarono in pensione e morirono rispettati e con stipendi magnifici.

Decisi di tornare a casa. Avevo paura. Non vedevo nessuna via d'uscita. Se mi trovassero, speravo che mi arrestassero... anche se, avendo militato in Brasile alla fine dei '60,

più della morte temevo la tortura. Mi è impossibile descrivere come mi sentivo. Non vedevo nessunissima luce alla fine del tunnel, scuro come il catrame. E invece, una luce ci fu. Visse il lampeggiare intermittente di una magnifica Mercedes che mi si avvicinava, dopo che entrai nell'impasse.



Personale militare brucia libri, registri, ecc. durante e dopo l'11 settembre

VI.

La Mercedes bianca e viva Zapata

Non credevo ai miei occhi. La macchina si fermò davanti a casa mia e Guillermo Bedregal mi chiamò dalla finestra: - Entra compagno. Non lo vedevo dal giorno del golpe. Mi sedetti accanto a lui. Mi raccontò che era la seconda volta che veniva a cercarmi. A casa sua c'erano Sandra, mia compagna, e Nara, sua sorella. Non ebbi mai l'opportunità di ringraziarlo per avermi probabilmente salvato la vita. Morì qualche anno dopo in un incidente stradale.

Il nostro quartiere si trovava in un'area della zona est di Santiago, in cui c'erano complessi abitativi, alcuni migliori, altri peggiori, in genere di case unifamiliari, occupate da impiegati, lavoratori, pensionati. Non lontano da lì, c'erano vecchie e nuove *tomas* – terreni occupati per costruirci abitazioni, tra cui *Lo Hermida*. Era una zona in cui dominava la sinistra e l'Unità Popolare. Una Terra Liberata.

A nord del centro di Santiago, precisamente da Piazza Italia, cominciava la zona dei ricchi, il cosiddetto *bairro alto*, in particolare *Providencia*, che praticamente non conoscevo. Era la regione dei “momios” – le mummie –, dei “pitucos” – i sciccosi –, degli sfruttatori. Per le classi popolari, era un locale di dissolutezza e prevaricazione. Una madre di famiglia lavoratrice non avrebbe mai lasciato sua figlia adolescente andare da sola in quei quartieri.

Nel Cile dell'Unità Popolare vi erano praticamente due popoli, con alcune zone intermedie di transizione. Il popolo della sinistra – noi – e quello della destra – loro. Tale divisione era anche etnica. A Providencia e negli altri quartieri dello stesso tipo dominavano giovani *rubios* – biondi –, di ascendenza spagnola, tedesca, slava, italiana. Nei quartieri popolari, imperavano i cileni e le cilene dai capelli neri, lisci; la pelle più o meno scura. L'ascendenza indigena era fortissima nelle *tomas* [occupazione] e nelle *poblaciones* più povere, i cui abitanti erano chiamati in modo spregiativo di *rotos* – rustici, straccioni, ecc.

Andammo per un po' più di mezzora per attraversare quelle due città straniere e opposte. Cominciammo col passare da parte della città perdente e sconfitta, incrociando i quartieri delle classi popolari e medie. In essi e perfino nel centro di Santiago si vedevano soltanto pattuglie militari circolando o postate agli incroci. Ogni tanto, si sentivano ancora degli spari, in generale di cecchini che rifiutavano di arrendersi. I passanti erano rarissimi e i pochi che c'erano tenevano la testa bassa e il passo celere. Conoscevo bene quella strada per averla fatta centinaia di volte, in autobus, dal *Pedagogico* dell'Universidad de Chile verso il Centro, attraverso i viali Macul, Irarrázaval e infine Vicuña Nackena.

Quando arrivammo a Piazza Italia e entrammo nell'*avenida Providencia*, il paesaggio cambiò d'un tratto. Eravamo arrivati nella città vittoriosa, in festa, con le macchine che portavano bandiere del Cile e del Movimento fascista *Patria y Libertad*, con le strade piene di giovani e adulti che celebravano la vittoria. Si sarebbe detto la vittoria della selezione nazionale cilena al Mondiale. Passavamo da tutti sorridendo. Guillermo suonava il clacson *festeggiando*, mentre io, con la mano destra fuori dalla finestra, con le dita

facevo il segnale “V” di vittoria. E perché no? In fondo, rompere l’assedio, ingannare quella gentaglia era una vittoria, pur minuscola, nell’immensa sconfitta.

Arrivammo finalmente al nostro destino, nel quartiere *Las Condes*. La casa della famiglia di Guillermo era veramente molto imponente, con un enorme giardino, in un viale con grandi ville e palazzi. Quando entrai, le imponenti scale mi fecero venire in mente il film “Via col vento”. Incontrai Sandra, Nara e diversi altri giovani, cui Guillermo aveva dato riparo. La casa non mancava di spazio. Nara ricorda che abbiamo pranzato e cenato attorno a un tavolo molto lungo, con diverse persone. Non so quanto tempo siamo rimasto lì, due o forse un solo giorno.

La madre di Guillermo si trovava sull’orlo di una crisi di nervi e non aveva torto. Era quasi impossibile che i vicini, tutti *momios*, non accompagnassero da casa loro le strane movimentazioni di quella casa, fin dal giorno 11. E la signora aveva dolorosi ricordi. Spagnola, di famiglia aristocratica, quando ancora bambina, era stata portata dalla zona repubblicana al territorio franchista, nascosta sotto le uniformi di soldati destinate ad essere disinfettate dai pidocchi.

Con Guillermo parlammo della situazione e concordammo che era insostenibile. Aveva teso la corda della solidarietà fino al limite sopportabile da sua madre. Eppure, quella signora, che era una gran donna, non lasciò mai trasparire l’angoscia in cui si trovava. Chiesi a Guillermo se poteva lasciarci davanti a un’ambasciata che ricevesse rifugiati.

Guillermo mi rispose che non sarebbe stato necessario, perché nella sua via, ce n’erano diverse, a poche centinaia

di metri! Era veramente il posto ideale. Avevo sempre creduto che il viale si chiamasse *de las Naciones*, nome che non compare sulla mappa di Santiago in quella zona. Un altro tranello della mia memoria! La casa di Guillermo si trovava probabilmente nel Viale Presidente Kennedy.

Guillermo insistete: Sandra e io dovevamo vestirvi bene. Scelse uno dei suoi maglioni, marrone, di ottima qualità, con il collo alto, come si usava all'epoca. Non ebbi il coraggio di dire niente, ma pensai che mi sarebbe stato stretto. Era più alto di me. Ed era magro, mentre io ero molto ingrassato durante i mesi di scarsità di cibo, quando mangiavamo quasi esclusivamente *fideos con Pomarola* -pasta al pomodoro-, riso, patate uova fritte con *hallulla* – tipico pane cileno, piatto, rotondo e piccolo. A casa nostra cucinavo – se possiamo dire così – io, poiché mia compagna Sandra e sua sorella Nara non andavano d'accordo con le pentole.

Mi feci un lungo bagno, tagliai la barba. Il maglione era troppo grande. Sali sulla bilancia e vidi che ero dimagrito come minimo otto chili dal giorno 11. Capii che dovevo questo corpo snello più allo stress che alla mancanza di cibo dei giorni passati.

Salutammo Guillermo e sua madre. Nara decise di rimanere e cercare di uscire legalmente dal paese. Uscimmo e iniziammo a camminare alla ricerca dell'ambasciata della Colombia, che si trovava a circa duecento metri. Camminavamo con il cuore in gola. Temevamo di non ricevere rifugio e peggio ancora di essere arrestati nel cercare di ottenerlo. Non fu difficile individuare il palazzo: aveva una grande bandiera distesa e... due *pacos* –carabinieri– al portone. Ma essi rimasero immobili, senza battere ciglio. In realtà forse facevano di tutto per non essere trasferiti a causa di una la-

mentela dell'ambasciatore in merito alle operazioni rischiose che si realizzavano a Santiago.

Suonammo il campanello e un ufficiale, con un'uniforme simile a quella della Forza aerea cilena, socchiuse il portone, con una faccia poco amichevole. Ci chiese cosa volessimo. Mentre rispondevo, spinsi Sandra col braccio, lei capì e si fece avanti nel giardino. La seguii. Eravamo in territorio colombiano, recinto, e pensai: "da qui nessuno mi fa uscire".

L'ufficiale ci fece entrare in un salone mobiliato con molto lusso e gusto, con un tappeto soffice. Ci fece sedere in due poltrone di un bellissimo cuoio. Subito dopo, un signore alto, giovane, entrò da una porta laterale e si sedette alla scrivania, davanti a noi.

Presi subito la parola per dire che eravamo solo due innocenti studenti brasiliani, che cercavamo rifugio, perché temevamo per le nostre vite. Lui mi interruppe con la gentilezza di un diplomata. Disse che non importava chi fossimo, che potevamo stare tranquilli, da quel momento godevamo del diritto al rifugio, offerto e garantito dal suo governo. Voleva solo sapere se avevamo armi e importanti somme di denaro. Era obbligato a raccogliere le armi che non sarebbero state restituite. E per quanto riguardava i soldi, avrebbe fatto la stessa cosa fino al momento del viaggio. Non poteva darci una ricevuta.

Non avevamo ne le une ne le altre. Avevamo solo i nostri documenti e cinquanta spregevoli dollari.

Mi hanno sempre detto che dovevo ringraziare, soprattutto chi dá senza chiedere niente in cambio. Prima che l'ambasciatore si alzasse, gli dissi, in nome di mia moglie e mio, che ero molto grato al governo colombiano per il rifugio solidale che ci davan.

Sorridendo, egli disse che, se volessimo ringraziare il governo colombiano, avremmo dovuto uscire dal palazzo in cui ci trovavamo e tornare indietro di alcune case. Perché eravamo nell'ambasciata del Messico.

Risposi che non era necessario e ringraziai, pieno di voglia di gridare “Y que viva Zapata!”

Embaixador



Ambasciatore Gonzalo Martínez Corbalá

VII.

La morte come piatto freddo e gli stuzzichini come complemento



Hugo Blanco, no Peru

La residenza in cui ci trovavamo era l'abitazione ufficiale dell'ambasciatore Gonzalo Martínez Corbalá, allora quarantacinquenne, amico personale di Salvador Allende. Un uomo di coraggio e decisione, che non negò il rifugio a chiunque l'abbia richiesto all'ambasciata del Messico, garantendo la libertà, la vita e la strada dell'esilio a circa ottocento disperati, molti con le loro famiglie.

Alcuni mesi più tardi, dopo che l'ultimo rifugiato lasciò la sua residenza e l'ambasciata, Gonzalo Martínez Corbalá partì da Santiago e il governo messicano ruppe le relazioni diplomatiche con il Cile, per tutta l'era Pinochet. Al contrario, durante il lungo periodo della dittatura cilena, le rappresentazioni diplomatiche brasiliane, agli ordini dei generali, così come la Cina del "Grande Timoniero", mantennero relazioni fraterne con la terribile dittatura, dopo aver chiuso le loro porte ai richiedenti di rifugio durante il colpo di stato.

Nara ricorda di essere arrivata all'ambasciata un giorno dopo di noi. Nel frattempo avevamo mantenuto il contatto, in modo da facilitare la sua entrata, sempre secondo lei.

La residenza era molto grande. Un palazzo! Era letteralmente piena – circa cinquanta o più persone. C'era un grande soggiorno, con un cammino e un pianoforte, che qualche rifugiato ogni tanto suonava. In una saletta, c'era un televisore, bianco e nero, che trasmetteva notizie controllate dalla giunta militare. Vi erano anche una o due camere da letto e, ovviamente, le stanze dell'ambasciatore e sua famiglia a cui non avevamo accesso.

Lí dentro, c'erano cileni, argentini, uruguaiani e altri latinoamericani. I brasiliani erano pochi. Si trattava di un gruppo disomogeneo, con ex-militanti e funzionari dell'UP e così via. Alcuni erano poco solidali. Le due camere da letto erano state appropriate dai primi arrivati. Le code per andare in bagno solevano essere enormi. Quattro o cinque dovevano asciugarsi con lo stesso asciugamano. La maggior parte dormiva sul pavimento, sopra i tappeti, i tavoli. Credo ci fosse il riscaldamento. Le sedie e i divani erano custoditi con solerzia e ceduti col muso e solo alle persone anziane o ai bambini. Ma mi è capitato di vedere compagne che aprivano le valigie per offrire vestiti a persone sconosciute che ne avessero bisogno.

Due brasiliani “espropriarono” bottiglie dalla cantina dell’ambasciatore e la mia recriminazione fu oggetto di sguardi perplessi. Le discussioni erano rare. Di solito si sentiva dire che tutto era già perduto prima dell’inizio del golpe. Un comunista cileno affermava persino che il colpo di stato fosse dovuto alla radicalizzazione della sinistra.

Nuovi rifugiati arrivavano a conta gocce. Ricordo di aver visto Gustav Harald Edelstam, ambasciatore della Svezia, alto, magro, vestito di nero, entrare nel grande salone, portandosi appresso il dirigente trozkista Hugo Blanco, che, in Peru, era stato condannato a morte, annistiato ed espatriato in Cile. All’epoca la stampa cilena chiedeva la sua testa.

I non cileni erano, in parte, “militanti armati” esiliatisi in Cile. Ho stretto relazioni con due simpatici *montoneros* [militanti peronisti armati], non molto illustrati da un punto di vista politico. In una discussione, uno di loro, molto grasso, sempre allegre, un po’ rustico, dichiarò che odiava gli omosessuali. – Se vedo un “maricón”, me lo scopo senza compassione! Un brasiliano minuto si alzò e disse: – Mi ritiro prima che il compagno in astinenza salti sul più debole di noi! Il *montonero* ricevette una sberla nella nuca dal suo compagno che rideva come un pazzo. Era chiaro che il *montonero* non capiva perché ridevamo.

Il concentramento in Cile di così tanti rifugiati di sinistra offriva alla destra la possibilità di assassinare centinaia di guerriglieri e dirigenti di sinistra lí rifugiati. In breve tempo verrebbe organizzata l’Operazione Condor di sterminio, coordinata dall’imperialismo, con la partecipazione di Cile, Brasile, Argentina, Bolivia, Paraguay e Uruguay.

L’ambasciatore Gonzalo Martínez Corbalá organizzò il tempestivo ritiro di non cileni dall’ambasciata, temendo

un'invasione di gruppi paramilitari fascisti, sotto gli ordini dei militari. Alla fine del mese di settembre, comunicò che gli stranieri sarebbero stati portati in Messico. Saremmo rimasti dai sette ai dodici giorni nella residenza diplomatica. Un pullman ci aspettava accanto o addirittura dentro al giardino. Ricordo solo che il veicolo era giallo e che siamo saliti dalla porta posteriore.

Saremmo stati non più di 24 persone, inclusi Sandra, Nara, io e Hugo Blanco. Il pullman fece una o due fermate – una sicuramente all'ambasciata del Messico, dove entrano diversi altri rifugiati, tra cui alcuni brasiliani inviati a Santiago in cambio dell'ambasciatore della Svizzera, sequestrato il 7 de dicembre 1970 a Rio de Janeiro.

Mi sembra di ricordare che, prima che partissimo, un ufficiale messicano, baffone, alto e un po' grasso, che portava due enormi pistole, ci disse di non temere, che egli ci avrebbe protetti. E se non sbaglio, rimase tutto il tempo al lato dell'autista, accanto alla porta. Il viaggio fino all'aeroporto fu dilacerante. Era sera, o forse già notte fonda. Si sentivano tiri sparsi, dei militari e spesso di franco tiratori che aspettavano la notte per sparare contro i golpisti. Per le strade non c'era praticamente nessuno.

In Cile, a imitazione dei messicani, si erano formate brigate di giovani che dipingevano murali, sui più diversi temi – lavoro, programma dell'UP, avvenimenti internazionali, ecc. La Brigata di muralisti del Partito Comunista si chiamava Ramona Parra (BRP) e quella dei socialisti, Elmo Catalánde (BEC). Pure il MAPO, la Sinistra Cristiana, il MIR avevano il loro muralisti, ma nessuna raggiungeva l'eccellenza della BRP.



Muralista de esquerda

La BRP era la meglio organizzata e produceva opere grafiche di qualità superiore. Quel gruppo si distingueva anche per la sua violenza settaria contro i militanti della sinistra rivoluzionaria, al punto di assassinare, con due spari, lo studente mirista Arnoldo Rios nel dicembre del 1970, nella città di Concepción. Mentre il nostro pullman passava per le vie potevamo vedere i belli murali, ormai già parzialmente ricoperti di vernice bianca, inizio del tentativo accanito – e come vedremo impossibile – di cancellazione della tradizione di lotta cilena.

L'autobus arrivò all'aeroporto. Scendemmo e fummo obbligati a passare dalla centrale di identificazione, dove

non ci chiesero nessun documento, poiché eravamo sotto la protezione dello Stato messicano. Forse l'ambasciata abbia consegnato una lista... Alcuni di noi non avevano nessun documento.

Ricordo che giovani ufficiali e sottufficiali della Forza Aerea cilena tentarono di avvicinarsi a due dei nostri compagni, volendo registrarli, ma il nostro custode messicano baffuto si fece avanti, impettito, e si mise in posizione di tiro, dicendo qualcosa che non sentì. Fantasticando, direi che ringhiò: – *Ni cagando, gringos!* Il golpisti si ritirarono e passammo tranquilli. Credo che fummo di nuovo fino alla porta dell'aereo con il nostro angelo custode Pancho Villa fermo sulla porta del pullman.

Entrammo e ci sedemmo. Molti anni dopo qualcuno mi disse che si trattava del Caravelle della Presidenza del Messico. Chissà? Quel che so di sicuro è che a trasportare i rifugiati da Santiago furono cinque aerei messicani noleggiati. Finalmente, cominciavo a sentirmi più tranquillo.

Accanto a me c'era Sandra e mi sembra di ricordare che erano seduti anche un brasiliano con la sua compagna. Lui sudava molto. Cercai di calmarlo. Gli dissi di non aver paura, stavano già chiudendo le porte dell'aereo. Ma lui mi rispose, sempre molto impaurito, che se ne fregava dei militari fascisti, lui aveva paura era di viaggiare in aereo! Più tardi qualcuno seppi che quel compagno aveva partecipato con coraggio a diverse azioni militari in Brasile.

L'aereo decollò. Non guardai dalla finestra. Ero più tranquillo, ma il vuoto che sentivo nello stomaco dall'11 settembre era sempre lì. E vi rimarrebbe ancora per lunghi mesi. Nonostante non avessi più paura di essere arrestato, torturato o di morire, era chiaro che qualcosa in me era

svanito assieme al collasso del paese in cui avevo deciso di passare il resto della mia vita. Mai più mi sarei sentito così vivo e realizzato come lì, tra un popolo che reggeva il proprio destino nelle sue mani.

L'aereo attinse il regime di volo e il comandante ci autorizzò a staccare le cinture di sicurezza. Alcuni si alzarono per andare in bagno. Più tranquillo, mi rilassai e misi comodo nella poltrona. All'improvviso vidi, perplesso, quello che Nara, parlando con me via WhatsApp mentre scrivevo questo testo, qualificò di "surreale". Nei corridoi passavano giovani e belle hostess, con eleganti cappellini e uniformi azzurre e rosse, se non vado errato, e con vassoi pieni di bicchieri di whisky, cognac, vino e delicati stuzzichini e dolci. Tutto della migliore qualità.

Pensai che forse qualcuno ci stava prendendo in giro!

** Traduzione: Florence Carboni

ANEXOS

A Revolução Chilena e o Golpe de Estado de 1973

A Revolução Chilena e o Golpe de Estado de 1973

O tema deste artigo encontra-se à margem de meu campo de estudo historiográfico, referindo-se mais a uma avaliação e à memória, ou melhor, às minhas memórias, dos pouco mais de dois anos e meio de Unidad Popular (UP), que vivi, como refugiado político da ditadura militar brasileira e estudante de História, no Instituto Pedagógico da Universidad de Chile.

Há 40 anos, em 11 de setembro de 1973, alguns milhares de soldados iniciavam o golpe que poria fim ao governo constitucional e à chamada via chilena ao socialismo. No palácio presidencial de La Moneda, no centro de Santiago, Salvador Allende morria lutando, cercado por alguns poucos fiéis, após conclamar, pateticamente, a população a não resistir. Anteriormente ao golpe, centenas de milhares de chilenos desfilavam em apoio à Unidade Popular. Diante da escassa resistência popular e da não oposição do governo, as tropas do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e do Corpo de Carabineiros aderiram ao golpismo, maciçamente.

Apesar de alguns importantes estudos, não temos ainda uma avaliação ou história geral do golpe chileno. Não possuíamos informações precisas da resistência popular armada que ocorreu no dia 11 e, por longas semanas, nos bairros populares e industriais de Santiago e no resto do país, em forma atomizada e desorganizada. Não conhecemos em detalhes as deliberações e confrontos no interior das unidades militares, entre oficiais e suboficiais golpistas e não golpistas.

Balanço Necessário

Mesmo avançando significativamente nosso conhecimento, não existe uma apresentação geral da terrível repressão que se abateu sobre a população. Nas periferias de Santiago, alucinados pela ingestão de anfetaminas, jovens conscritos comportaram-se como tropas de ocupação, com direito ao estupro e ao saque. A legalização da barbárie foi a estratégia da oficialidade para vergar, pelo medo, o movimento popular e transformar suboficiais e soldados honestos em verdugos do novo regime.

Quarenta anos após 1973, sobretudo dificuldades políticas impedem uma análise objetiva e radical da experiência chilena. Por razões diversas, após os sucessos, da esquerda reformista à esquerda revolucionária, nenhum grupo político-ideológico envolvido nos fatos encontrou-se em condição de apoiar fortemente esforço para lançar luz sobre eles e sair ileso do balanço. Com o passar dos anos, parte da própria memória dos fatos se esvaiu. Quanto às forças burguesas democráticas, conservadoras e fascistas, tudo fizeram e fazem para manter e expandir o desconhecimento sobre os fatos.

Após o golpe, o poderoso Partido Comunista Chileno, que se desdobrara para congelar a revolução chilena e jamais aceitara qualquer preparativo para o confronto pelo poder, vergou-se sob o peso da repressão, da contrarrevolução, dos resultados de sua política pacifista que entregou literalmente a população de mãos atadas aos golpistas. A posterior maré contrarrevolucionária mundial vitoriosa, em fins dos anos 1980, com a dissolução da URSS e dos Estados de economia nacionalizada e planejada, contribuiu para

potenciar a dificuldade de um amplo balanço da experiência chilena.

Hoje, o PC chileno sobrevive como pequena agremiação política, em relação a sua passada força, sem capacidade e interesse em avançar um balanço real sobre as razões profundas da crise daquele que foi o mais importante partido operário da América do Sul. Novamente, põe-se a reboque do social-reformismo socialista, apoiando a candidatura social-liberal de Michelle Bachelet, desacreditada diante dos trabalhadores e populares chilenos.

Socialista de Esquerda

Fundado em 1933, o Partido Socialista constituía uma federação de forças políticas, com setores conservadores, centristas e radicalizados, contando com importantes bases operárias. Foi sobre a sua esquerda, representada por Carlos Altamirano, secretário geral do Partido Socialista, que convergiram, inutilmente, as esperanças do movimento social, quando se mostrou inevitável o confronto geral e armado contra o golpismo, como única forma de defesa das conquistas alcançadas e resistência frente à contrarrevolução burguesa.

O radicalismo verbal do secretário-geral do Partido Socialista, eleito em 1971 sob a consigna “Avanzar sin Transar” [Avançar sem Conciliar], em momento algum se transformou em propostas políticas e organizativas concretas. No momento do golpe, Altamirano não teve a coragem política de desdizer a ordem de fato de Allende de rendição e chamar a população à luta. Exilou-se poucos dias após o golpe e, reeleito secretário geral em congresso no exterior, dirigiu a reconversão inicial do socialismo à social-democracia.

Terminou sendo expulso do partido por ser direitista, dando início à divisão do socialismo chileno.

Dividido o PS, facção majoritária socialista, participou com destaque do processo de redemocratização autoritária e limitada, de internacionalização da economia e de privatização de bens públicos que concluiria parte essencial do projeto golpista estratégico de 11 de setembro de 1973. Por linhas democráticas, primeiro os súcubos da democracia-cristã, a seguir por seus próprios pés, os governos socialistas que se seguiram retomaram a reconstrução social-liberal do país imposta duramente pela ditadura militar, destacando-se na privatização dos bens públicos e na negativa de questionar o ordenamento institucional imposto pela ditadura.

Movimiento de Izquierda Revolucionaria

Sequer o Movimiento de Izquierda Revolucionaria – MIR, que defendia a inevitabilidade da luta armada, saiu politicamente indene do balanço sobre os sucessos anteriores ao golpe, da derrota de setembro de 1973 e dos embates sucessivos. Até hoje, não contamos com uma avaliação política sistemática de amplo fôlego da interessantíssima trajetória dessa organização, na qual militei, até meses após o golpe.

O MIR foi fundado em 1965, por estudantes de Concepción, por pequenas agrupações e militantes de orientação trotskista, anarquista e sindicalista-revolucionária. Muito logo, assumiu política guevarista incondicional, quando a equipe dirigida pelos estudantes Miguel Enríquez, Luciano Cruz y Bautista van Schouwen conquistou a direção da pequena organização, motivando a ruptura ou expulsão dos segmentos dissidentes com a orientação fidelista.

Em 4 de novembro de 1970, quando Salvador Allende assumiu a presidência, a direção mirista encontrava-se politicamente derrotada, no que dizia respeito à sua estratégia de confronto militar incondicional com a burguesia, já sem espaço mínimo de implementação, no contexto de ofensiva geral do movimento operário e popular chileno, através de seus partidos e organizações de classe. O protagonismo guerrilheiro pequeno-burguês fora politicamente desarmado pelo mundo do trabalho em movimento.

Nova Organização, Mesma Direção

Anistiado e legalizado, com a imediata e crescente radicalização da população trabalhadora, desbordando os limites impostos pelo programa democrático-reformista da UP e reagindo à ofensiva da burguesia, o MIR cresceu ao ensaiar-se, não a partir de reorientação consciente de sua política, mas quase por adaptação à realidade objetiva, como organização de massa. Nesse processo, obteve alguma inserção entre os pobladores, estudantes e camponeses do sul do país e, muito escassa, entre os trabalhadores, com destaque para os segmentos tradicionais da classe operária, que se mantiveram fiéis ao PC e ao PS, sobretudo.

Entretanto, ao abraçar a luta política e social de massas, a jovem direção mirista, de orientação guevarista, jamais abriu discussão sobre as políticas anteriores, cerceando totalmente a discussão entre suas filias. Isto, apesar de que, muito logo, numericamente, no novo MIR, a grande maioria da militância já pouco tinha e pouco comungava com as visões originais. Simbolicamente, a direção mirista manteve a organização compartimentada, semi-clandestina, com no-

mes políticos, quando tentava e se transformava em partido que procurava enraizamento de massa.

Tentando solucionar essa contradição, criaram-se os “Frentes Intermediários de Masas”: o Movimiento Campesinos Revolucionarios (FCR), o Frente de Pobladores Revolucionarios (FPR) e Frente de Estudiantes Revolucionarios (FER) e o Frente de Trabajadores Revolucionarios (FTR) este último de pouca expressão. Todos eles dirigidos de fato pela direção máxima do MIR. As diversas frentes expressavam proposta, igualmente jamais amplamente discutida, de resguardar o partido de quadros, no contexto da construção de ampla inserção social. Jamais houve proposta de transformação do movimento em partido operário revolucionário, com a integração orgânica e política privilegiada da vanguarda operária.

Fracasso Político

Nas eleições diretas para a direção da CUT, de 1972, o PC obteve pouco mais de 170 mil votos (31%), o PS 148 mil (26,4%) e o MIR amargou os pouco mais de dez mil, ou seja, 1,8%. Mesmo o Partido Radical, excrescência burguesa na aliança UP, obteve melhores resultados entre os trabalhadores, o que causou enorme impacto na militância mirista, ao constatar-se o distanciamento da organização do movimento dos trabalhadores, em nome do qual falávamos (a Democracia Cristã obteve 26,4% dos votos). O balanço das eleições no semanário oficial do MIR, *El Rebelde* [O Rebelde], pouco lido, foi positivo. Não houve discussão real na militância sobre aqueles resultados. Durante algum tempo, a direção mirista pensou-se como a esquerda militar da UP. Quando a direção allendista negou-se peremptoriamente à luta

inevitável pelo poder, diante da radicalização do mundo do trabalho e a ofensiva inexorável do grande capital nacional e internacional, a direção mirista negou-se a se apresentar como alternativa àquela direção, propondo a necessária preparação para o assalto ao poder e o confronto geral. Em verdade, negou sempre qualquer proposta de organização para a insurreição, que propunha como forma de luta superada.

No dia 11, já ao entardecer, a direção máxima do MIR ordenou aos seus militantes que recuassem e não se envolvessem na resistência militar que, mesmo esparsa e desarticulada, tentava organizar-se através do país. Tudo para melhor participar, muito logo, da longa guerra popular que propunham que se seguiria ao golpe. Abandonava-se o campo de batalha real, por luta hipotética que jamais se materializaria, a não ser como patético arremedo autocida de guerrilha de vanguarda, no contexto de refluxo geral do movimento de massas, após a vitória da contrarrevolução.

Fracasso Político, Fracasso Militar

Em verdade, mergulhado em seus sonhos guerrilheiros, a direção política do MIR jamais se preparara, sequer militarmente, para o enfrentamento golpista, já que isto exigiria compreensão política dos ritmos reais da revolução chilena. A grande surpresa dos seus poucos militantes que participaram da tentativa de resistência foi a pobreza de armamentos com que dispunha a organização [à exceção talvez de pequeno núcleo central].

Mantendo-se a direção mirista fiel aos princípios guevaristas de conquistar as armas aos opressores, não haviam se preparado também militarmente para o golpe. Não descrevo, por quase vergonha, o armamento que dispunha o núcleo

militar do Grupo Político Militar 3 (GPM3), de Santiago, ao qual me liguei na tarde do 11 de setembro, para participar da resistência: algumas bombas de trotil, de pavio e explosão incerta; dois ou três velhos revólveres, quase sem munição, um deles, possivelmente de fins [ou melhor, de meados] do século 19; uma ou duas espingardas calibre 22!

Após o golpe, a direção mirista retornou às propostas guerrilheiras e protagonistas de antes da UP, como se os dois anos e meio anteriores tivessem sido um mero parêntesis introdutório à longa e dura guerra popular que se seguiria, sempre proposta pelo mirismo! Em verdade, sequer se avaliou como não se avaliou após os sucessos o peso do inevitável refluxo geral do movimento social, no caso da vitória plena da ditadura militar sobre o país.

A direção mirista se negou a chamar congresso na organização, após a vitória da UP, sob a desculpa da urgência da luta de classes. A seguir, negou-se a chamar, após o golpe militar, sob a justificativa de que os militantes que combatiam estavam no Chile e os que estavam no exterior não combatiam ou por haverem desertado, ou por serem estrangeiros e, portanto, não representavam a organização. Devia-se seguir adiante com a estratégia de luta dura e prolongada original, anterior ao hiato 1970-1973!

Exército Revolucionário do Povo

Uma das mais patéticas páginas da Revolução Chilena foi o massacre que se abateu sobre a militância mirista, quando a direção da organização tentou levar à prática, de forma corajosa, românticas, irrealistas e irresponsáveis propostas de guerrilha urbana e, mais tarde, rural. Tudo no contexto do profundo refluxo do movimento operário e

popular imposto pela terrível derrota de 11 de setembro. O MIR propôs a fundação de “comitês de resistência”, a fim de construir o “Ejército Revolucionario” del Pueblo. Nem aqueles, nem este jamais saíram do papel.

Crescentemente visíveis à repressão, talvez mais de trezentos miristas foram presos, torturados e executados. Enquanto os militantes eram abatidos como pombos, a direção da organização proclamava e fazia proclamar, através da Europa, imaginários feitos militares da organização. Em 5 de outubro de 1975, Miguel Enriquez, secretário geral do MIR, morria em enfrentamento, sem que a organização jamais tivesse saído da franca defensiva. Em 1977-79, já com as forças dizimadas, a direção determinou a Operação Retorno, motivo de novas prisões e mortes. A partir de 1987, o MIR dividiu-se em três grandes grupos que terminaram se dissolvendo e se dividindo em grupúsculos, sem alcançarem qualquer papel político de destaque.

No que se refere a mim, rompi com o MIR em dezembro de 1974 e, com um pequeno núcleo de companheiros miristas, formamos uma Fracción Disidente del MIR que propunha a retirada dos militantes visados do país e a reorientação da organização para a recomposição política e orgânica do movimento operário e social, a partir de suas lutas e condições reais. A partir da real situação política, passamos a defender, em inícios de 1975, a luta intransigente pelas liberdades democráticas e sindicais, pela liberdade dos presos políticos, pelas condições de existência e por uma Assembleia Nacional Constituinte democrática. Em 1977, éramos uns 25 militantes no exterior e uns quinze no Chile. Mais tarde, após meu retorno ao Brasil, esse grupo transformou-se na Izquierda Socialista.

Sentido Histórico da Revolução Chilena

Não foram ainda avaliadas as consequências profundas do fracasso da Unidade Popular para a história latino-americana e, sobretudo, mundial. A derrota da Revolução Chilena, em 1973, da Revolução Portuguesa, em 1976, da Revolução Afegã, em 1988, desequilibrou a correlação mundial de forças em detrimento das classes trabalhadoras e populares, facilitando a vitória da contrarrevolução neoliberal geral que levou o mundo ao atual impasse civilizacional em que vivemos.

No Chile, em 1970-1973, antepuseram-se límpida e frontalmente as classes trabalhadoras e populares ao grande capital, nacional e mundial, na luta pela direção da sociedade e do país. Lutou-se, nos fatos, pela implantação do socialismo. Como é tradicional, as classes médias acompanharam o movimento social enquanto mostraram decisão e voltaram-lhe as costas, quando mergulhou na confusão. São membros dessas classes médias que ocupam, hoje, grande parte do protagonismo político, mesmo nos segmentos de esquerda, que antes cabia fortemente aos trabalhadores, nem que fosse em forma indireta, através dos partidos comunistas e socialistas.

A classe operária chilena formou-se no contexto da mineração do salitre e do cobre e fortaleceu-se com o processo de industrialização por substituição de importações, bastante semelhante ao do Brasil. Ao contrário do Brasil e Argentina, ela jamais foi refém incondicional do populismo burguês e construiu dois poderosos partidos de classe, o comunista e o socialista. A classe operária chilena dispunha, sobretudo, de central de trabalhadores unificada, a CUT, fundada em

1953, que arrebanhava praticamente a totalidade dos trabalhadores organizados chilenos, comunistas, socialistas, democrata-cristãos, apolíticos, etc.

Em 1970, no contexto de profunda crise, a Unidade Popular propusera a transição eleitoral e gradual ao socialismo, processo a ser concluído em um horizonte distante, mais imaginário do que real, através da nacionalização inicial de alguns setores fundamentais da economia -cobre e bancos, sobretudo- e do aprofundamento da reforma agrária. Um programa incapaz de abarcar as crescentes reivindicações populares, no contexto da crise geral da produção capitalista e da impulsão da luta revolucionária que se impunha através do mundo.

Radicalização Operária

Respondendo à sabotagem da produção e às atividades golpistas iniciadas antes mesmo da posse de Salvador Allende, o operariado urbano e rural promoveu enorme processo de mobilização e ocupações de usinas, de fábricas e de fazendas, superando as determinações políticas do governo allendista.

Desde o início dessas ocupações, a direção UP limitou-se a legalizar ocupações que levaram ao controle popular de grande parte da economia do país. Ocupações que nasciam da decisão democrática dos produtores diretos e não de decisões político-partidárias de qualquer ordem ou orientação. Não procedem minimamente as propostas de que essa radicalização tenha sido produzida pelo mirismo, pela esquerda socialista, etc.

No sul do país, os camponeses de raízes mapuches conquistaram terras perdidas nos anos, nas décadas e nos sé-

culos anteriores aos colonizadores e, a seguir, aos latifundiários. Como nenhuma organização política abraçou com decisão essas lutas, em parte, elas organizaram-se no Movimiento Campesino Revolucionario, organizado pelo MIR. Através do país, os sem-teto ocuparam igualmente terrenos urbanos para construir suas moradias e os trabalhadores dirigiam coletivamente a produção de fábricas fechadas ou sabotadas pelos proprietários.

Após a greve patronal de outubro de 1972, surgiram os “cordones industriales” (cordões industriais) reunindo territorialmente fábricas ocupadas e não ocupadas, que se ocuparam de gerir inúmeras questões, conformando verdadeiros embriões de conselhos operários. Em junho de 1973, se constituía uma “Coordinadora Provincial de Cordones Industriales” (Coordenadora Provincial de Cordões Industriais). Esses órgãos de poder operário tendiam a superar e contrapor-se à CUT e ao governo allendista na condução do processo social, tendo tido importante papel na derrota do Tanquetazo, tentativa de golpe fracassada de 29 de junho de 1973, que abriu situação revolucionária no país. Em geral, os cordões foram dirigidos pela ala esquerda do Partido Socialista.

País nas Mãos dos Trabalhadores

A enorme criatividade popular obrigou que a greve patronal de outubro de 1972 se encerrasse apressadamente, devido à paisagem social que propiciava. As fazendas, as minas, as fábricas, as lojas, os supermercados ocupados por funcionários e operários que não aceitavam cruzar os braços, mesmo pagos para não trabalhar, funcionavam sem proprietários e gerentes! Nos hospitais, alguns médicos pro-

gressistas, estudantes de medicina e trabalhadores da saúde garantiram e ampliaram o atendimento, durante greves corporativistas. As classes dominantes expunham impudicamente seu caráter essencialmente parasitário. Havia vontade e confiança entre os trabalhadores de tomarem definitivamente conta do país, já compreendendo os patrões como verdadeiras excrescências sociais.

O confronto social chileno pôs sob tensão o mais culto, o mais politizado e o mais organizado operariado latino-americano. Apesar das dificuldades materiais, iniciou-se a construção de um novo mundo alicerçado na solidariedade e no respeito ao semelhante, que se expressava nos mais simples atos interpessoais. A difundida prática de tratar por companheiro [companheiro] colegas de trabalho, amigos, familiares e mesmo desconhecidos registrava verbalmente relações crescentemente prenhas de fraternidade e esperança.

Após setembro de 1973, no exílio, por longos anos, brasileiros refugiados no Chile seguiram tratando seus familiares de companheiros. Mantinham-se ainda sob o efeito da verdadeira iluminação social e comportamental determinada pelas lutas dos trabalhadores que dividira literalmente o Chile em dois campos, o dos companheiros e os dos momios [múmias, reacionários].

A Mulher e a Revolução

Em cenário social que dignificava o trabalho e a solidariedade e abominava o parasitismo, o individualismo, o elitismo, as crianças, os jovens, as mulheres, os idosos e os trabalhadores alcançaram dignidade jamais conhecida. Como nas jornadas francesas de 1789, o enorme envolvimento social e político das mulheres de todas as idades foi um dos fe-

nômenos mais significativos da Revolução Chilena. Os valores do mundo do trabalho sobrepunham-se poderosamente às fantasmagorias ideológicas e culturais do capital.

O violento embate social ensejou rica e criativa produção cultural que se expressou na linguagem, no jornalismo, na música, nos murais, nas manifestações. A população conservadora foi anatematizada com a riqueza linguística que apenas as classes populares possuíam: “momio”, “pituto”, “facho”, etc. Era enorme a guerra das consignas gritadas nas mobilizações, contra as forças da direita e, em forma não menos vibrante, entre as forças da esquerda.

Nos muros das cidades, comandos de jovens militantes pintavam coloridos painéis inspirados nos muralistas mexicanos, registrando os passos da revolução chilena, assim como suas vacilações. Os jovens artistas defendiam-se dos ataques de grupos fascistas e garantiam que suas obras não fossem substituídas ou descaracterizadas. Entre os grupos de jovens artistas organizados, destacavam-se as brigadas comunistas Ramona Parra, de grande capacidade estética e pouco afeitas ao diálogo democrático, sobretudo com as organizações políticas à sua esquerda.

Foi singular a criatividade expressada nas manifestações políticas. Apesar dos recursos materiais de que dispunham, as demonstrações antipopulares jamais se aproximaram, numérica e criativamente, das marchas populares, com suas palavras de ordem, suas canções, suas faixas e seus cartazes. Não muito tempo antes do golpe, como proposto, a Unidade Popular colocava nas avenidas de Santiago centenas de milhares de manifestantes, mostrando que sofreu, sobretudo, uma derrota política, traída por sua direção, que se transformou em derrota armada.

A música popular chilena alimentava-se e alimentava as lutas sociais. Na senda da luminar Violeta Parra, cantores e compositores como Victor Jara, Angel Parra e Patricio Mans e grupos musicais como Inti Illimani e Quillapayun registraram o esforço libertário chileno. Uma realidade que produziu o inesquecível “Venceremos” e a premonitória Cantata de Santa Maria de Iquique.

Tudo que Não Avança, Retrocede

Negando-se a compreender a necessidade de conclusão e institucionalização política de um poder econômico e social já fortemente nas mãos dos trabalhadores e populares, mesmo nos últimos meses quando o confronto militar mostrava-se inevitável, Salvador Allende e a UP tentavam ainda impossível transação com a direita, desarmando política e militarmente de forma irresponsável as forças populares. Não há qualquer irrealidade em afirmar que Salvador Allende, com sua tentativa de defesa incondicional da ordem democrático burguesa, contribuiu para o golpe de Estado de 11 de setembro.

Nos meses imediatamente anteriores ao golpe, Allende entregou constitucionalmente às forças armadas o poder de vasculhar e desarmar o país, exercido, é dispensável dizer, em forma unilateral. Essas ações contribuíram fortemente para que os núcleos de esquerda, sobretudo da esquerda socialista, que se preparavam para o golpe, dispersassem e até mesmo enterrassem seus já escassos arsenais.

A tentativa suicida de conciliação alcançou momento grotesco quando, em 9 de agosto, momentos antes do 11 de setembro, pressionado pela alta oficialidade golpista e pela direita constitucional, Salvador Allende denunciou, através

da rádio, em cadeia nacional, e mandou prender os suboficiais e marinheiros da Armada que se organizavam precisamente para defender o governo constitucional do golpismo. “Ontem foram descobertas tentativas de organização de células em dois navios da Marinha Nacional. Presume-se que entrevistaram membros do setor de ultraesquerda. Mais uma vez, os extremistas de esquerda dão as mãos aos de direita, gente que não entende o sentido desse processo que o povo vai defender [...]”.

Após tal ação liquidacionista, houve retraimento geral dos soldados, suboficiais e oficiais anti-golpistas, populares e socialistas, que sempre representaram um segmento não desprezível das forças armadas, com destaque para a marinha de guerra e os carabineiros. Se Allende e a direção política da UP tivessem chamado à resistência, não poucos soldados, suboficiais e oficiais teriam lutado ao lado de milhares de populares. Confesso que, após ouvir a declaração radiofônica, com os companheiros mais próximos, tive certeza plena de que o golpe era questão de semanas, se não de dias.

Defendendo a Ordem Burguesa

A direção da UP tentara amplo movimento de devolução ao capital das fábricas ocupadas durante a greve patronal de outubro de 1972, com amplo apoio do Partido Comunista e enorme oposição do mundo do trabalho. Finalmente, momentos antes do golpe, Salvador Allende acordara com a Democracia Cristã um plebiscito sobre a sua continuação no governo. Se não alcançasse a maioria, renunciaria ao poder, encerrando antecipadamente o governo da Unidad Popular! Precisamente para que não ocorresse o plebiscito, os golpistas

tas antecederam o golpe. O grande capital e o imperialismo sabiam que, mesmo no caso da derrota da UP no plebiscito, não haveria retorno doce ao passado. Os trabalhadores se mobilizariam certamente para passar por cima das decisões derrotistas do alto comando da UP, imediatamente ou após a eventual entrega do governo, na busca de manter e ampliar o conquistado.

A violência da repressão ditatorial era necessária para esmagar a autonomia conquistada pelos trabalhadores diante da sociedade de classes e para pôr fim às expectativas mundiais que despertara. No dia 11 de setembro, golpeava-se a revolução chilena e a revolução mundial. Havia que destruir, para sempre, a experiência popular vivida, tão intensamente, durante a Unidade Popular. Para tal, havia que destruir as organizações operárias e populares chilenas, suas conquistas, seus melhores quadros, suas esperanças. Havia que retornar à paz social dos cemitérios.

Caça ao Estrangeiro

Em uma América Latina sob o tacão militar, desde a vitória de Salvador Allende, milhares de militantes latino-americanos refugiaram-se no Chile, onde foram recebidos de braços abertos pela Unidad Popular e pelas forças populares, sendo execrados pelas hostes conservadoras. Talvez mais de dois mil refugiados brasileiros vivessem, sobretudo em Santiago, ao lado de argentinos, uruguaios, bolivianos, etc. Com o golpe, esperava-se igualmente decepar toda uma vanguarda latino-americana.

A verdadeira caça ao não-chileno lançada na manhã do 11 de setembro almejava apresentar o projeto revolucionário como uma proposta estrangeira, exótica ao povo chileno,

e eliminar fisicamente boa parte da direção revolucionária ali refugiada, em operação conjunta entre a CIA e as ditaduras latino-americanas, na qual o regime militar brasileiro participou ativamente.

O massacre de militantes estrangeiros foi substancialmente frustrado devido à ampla solidariedade mundial que obrigou as representações diplomáticas a abrirem generosamente as portas aos perseguidos. No contexto da aliança entre Pequim e Washington, de 1972, as sedes diplomáticas da China negaram-se a essa iniciativa, querendo ocupar o espaço deixado pelo rompimento do governo ditatorial chileno com a URSS, e a do Brasil, para expor seus patrícios subversivos, se possível, à morte.

No que se refere à China, já antes do golpe, o principal grupúsculo maoísta, seguindo o anátema social-imperialista lançado por Pequim sobre Moscou, opunha-se radicalmente ao reformismo da direção UP e ao próprio processo revolucionário no país, em nome dos mais lídimos princípios do marxismo-leninismo, abraçando-se mais e mais subjetivamente com a direita e o imperialismo. No momento do golpe, a República da China negou-se a dar proteção à meia dúzia de maoístas chilenos que procuraram a embaixada!

Brasileiros foram assassinados, presos e torturados pela negativa do embaixador brasileiro e seus funcionários de cumprir com suas obrigações constitucionais. Nesse então, havia muito que o Itamaraty funcionava como braço da ditadura militar contra brasileiros exilados e vivendo no exterior. Uma história sobre a qual também não se fez minimamente luz no Brasil. Jamais houve investigação sobre a colaboração criminal do Itamaraty com as ditaduras militares chilena e outras.

Contrarrevolução Neoliberal

Chile foi a primeira nação latino-americana a conhecer as receitas da reorganização neoliberal da sociedade, desenvolvidas sob a direção do economista estadunidense Milton Friedman, da Escola de Chicago, cidade celebrizada pelos gângsters que produziu. Operação que, após os anos de propaganda triunfante, mostra hoje, já sem pudor, através do mundo seus resultados sociais execráveis.

Amplios ramos da indústria chilena foram aniquilados. O Estado foi violentamente enxugado. Milhares de funcionários, demitidos. Os preços, liberados; as empresas estatais, privatizadas. As cotizações sociais patronais e os impostos sobre o lucro, rebaixados. Liberaram-se as barreiras aduaneiras, mundializando a economia. Milhares de pequenas, médias e grandes indústrias fecharam. Explodiu o desemprego e a classe trabalhadora encolheu. Estudar e adoecer no Chile transformou-se em privilégio dos ricos, o que se mantém, até hoje, em forma imutável.

O desemprego e a lumpenização de importantes segmentos do operariado chileno reforçavam a desmoralização e desencanto político-social promovido pela repressão. Após os refugiados políticos, multidões de chilenos abandonaram o país como refugiados econômicos, não raro, para jamais retornarem ao país. Na antiga terra da solidariedade, passou a imperar a lei do cão. A mundialização e desregulamentação da economia tornaram o país o paraíso dos capitais, que investiram sobretudo na produção agroindustrial para o mercado exterior: vinho, hortaliças, maçãs, etc. Paradoxalmente, o setor agrário que mais progrediu foi o reformado durante o governo de Salvador Allende! Apenas a forte va-

lorização do cobre, nas últimas décadas, impediu a débâcle geral da economia do país, sem qualquer autonomia energética.

Estendeu-se o consumo por meio de um endividamento da população jamais conhecido. Apesar da miséria dos bairros populares, afastados do coração das grandes cidades, o Chile foi apresentado por muitos anos como uma espécie de tigre latino-americano, exemplo a ser seguido.

A chamada redemocratização do Chile, com a cumplicidade do Partido Socialista despidoradamente reciclado ao social-liberalismo, aprofundou as privatizações e consolidou instituições antidemocráticas que mantêm ainda hoje a sombra da ditadura pinochetista sobre o país. As impressionantes manifestações estudantis de 2011-13, pelo retorno ao ensino público, recolocaram em discussão a essência da chamada revolução liberal chilena, restaurando fortemente a memória do mundo construído no passado e perdido em setembro de 1973.

Restaurados nos privilégios, os senhores das riquezas e poder seguem temendo a memória e a experiência gravada a fundo na tradição das classes trabalhadoras. A cada 11 de setembro, ela explode poderosamente em atos de protesto, nas mesmas ruas de Santiago, onde ressoaram, há 40 anos, os gritos de esperança de um povo esperançoso voltado à construção de seu destino.

* Texto original apresentado, em 2014, no simpósio “Ditaduras e Democracias: Estudos sobre poder, hegemonia e regimes políticos no Brasil (1945-2014)”, organizado por Carla Luciana Silva, Gilberto Grassi Calil, Marcio Antônio Both da Silva. Tem pequenas variações em relação ao texto publicado. Ditaduras e Democracias: Estudos sobre poder, hegemonia e regimes políticos no Brasil (1945-2014) Porto Alegre: FCM Editora, 2014.

O último churrasco em Santiago

O último churrasco em Santiago

Meu último assado em Santiago foi em início de 1973. Os dias eram ainda longos e o verão não começara a encolher-se, mantendo a ilusão de que as noites geladas do inverno continuariam para sempre escondidas por detrás das cordilheiras que cercam a cidade.

A flaca Cecilia preparava o tecito com ayulla e huevitos revueltos que servia após a reunião. Eu olhava os exemplares de *El Rebelde* que o Chino trouxera para vendermos, ali mesmo, na Vila Macul, na manhã do dia seguinte. Mário, ao meu lado, falou-me em voz ainda mais baixa do que a normal.

– *Compañero José Antonio, já comeste cabrito? Gostarias de comer um assado de cabrito, domingo? Meus companheiros de trabalho querem te conhecer.*

Tínhamos grande respeito por Mário, devido a sua trajetória e idade. Entre nós, era o mais velho. Teria já quarenta anos. Era do campo, trabalhara na Concha y Tora, mudara-se para Santiago, onde dirigia, agora, pequena equipe na construção civil.

– *Como no! Jamais comi cabrito! Será um prazer. Levo o vinho, respondi, al tiro!*

O convite era maná dos céus! A direita, financiada pelo imperialismo, sabotava sem dó a economia para exasperar a população com o desabastecimento. Se a carne sempre fora um quase luxo para a população, agora era verdadeira raridade. Jamais comera um assado, desde minha chegada em Santiago, em fins de 1970!

Após a venda dos jornais, paramos em uma *botilleria*, onde Mário iniciou sua já célebre operação. Confabulou com o *botillero*, dirigiu-se por entre os engradados de cerveja para a prateleira de vinhos do pequeno negócio. Selecionou algumas garrafas. Leu os rótulos, cheirou as rolhas, examinou o líquido contra a luz do sol. Saímos com quatro garrafas do excelente vinho chileno. Bastariam para os cinco comensais, já que Mário bebia apenas água.

Tomamos uma *liebre*, sentamos nos bancos de trás, pois íamos até o final da linha. Iniciamos longa viagem em direção à cordilheira, através de *poblaciones* ornadas com as bandeiras orgulhosas dos partidos de esquerda. Caminhos por meia hora em direção à residência do assador, em uma toma realizada poucos meses antes da vitória da UP.

Os companheiros encontravam-se na frente de uma meia-água, acorados em redor do fogo coroadado, para meu gáudio, por não um, mas dois cabritos!

Os três anfitriões, jovens, atarracados, de cabelos negríssimos e pele bronzeada, eram mapuches que trabalhavam como peões da construção. Nativos do centro-sul chileno e argentino, os mapuches resistiram com tenacidade à invasão *castellana*. A vitória de Allende fora o sinal para um vasto movimento de recuperação de terras históricas ocupadas por latifundiários.

Ainda mais lacônicos do que Mário, os companheiros deixaram logo claro que eu, brasileiro, refugiado e universitário, estava ali para contar e eles para ouvir. Me interrogaram, sempre em voz baixa, sobre a ditadura, sobre o futebol, sobre a comida no Brasil, a política chilena, sobre o governo de Allende. Tudo regado com o tinto generoso.

As garrafas do excepcional vinho escolhido por Mário chegavam ao fim e eu permanecia com os olhos grudados nos cabritos, que seguiam sendo girados com paciência canina sobre o fogo.

Aproveitei a pausa na conversa para avançar a faca sobre o cordeiro mais carnudo e pontificar, confiante: – Al combate, sin *miedo*!

O companheiro ao meu lado explicou, ao segurar meu braço: – Cabrito tem que ser comido *quemadito*, *quemadito*.

Uma vida mais tarde, desmaiando de fome, provei pela primeira vez a carne deliciosa de cabrito, ainda que demasiadamente passada para o gosto de rio-grandense comedor de carne sangrenta. Ao final, diante das carcaças e das duas garrafas já derreadas de vinho popular apresentadas pelos anfitriões, perguntei onde era o banheiro.

– Alivia-te *no más* nos fundos, *compadre* – responderam-me.

Meio trôpego, procurei a proteção da parede de alvenaria semi-levantada do pequeno quintal, que permitia entrever as últimas moradias da vila em construção. Ao retornar, vi os dois couros de cachorros, estaqueados com habilidade, apoiados na parede da moradia.

Dias mais tarde, um colega do curso de História me explicou que, no passado, os mapuches aproveitavam as carnes dos perros *cimarrones* que proliferaram quando das vacarias espanholas, que retiravam os couros e abandonavam as carnes dos animais nos pampas. Informação que jamais pude confirmar.

Mário me chamava para me acompanhar, com os companheiros, até a parada. Na vila eram todos trabalhadores,

mas não havia que facilitar com os *cogoter*os – me explicaram.

O céu cada vez mais avermelhado anunciava que o dia findava sem piedade.

* Correio da Cidadania, 13/01/2012.